

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA**

HÉLIDA VIEIRA DA SILVA XAVIER

**CONSTITUIÇÃO PSÍQUICA E PSICOPATOLOGIA NOS TEXTOS DO “JOVEM
LACAN”**

**Maceió
2017**

HÉLIDA VIEIRA DA SILVA XAVIER

CONSTITUIÇÃO PSÍQUICA E PSICOPATOLOGIA NOS TEXTOS DO “JOVEM
LACAN”

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Alagoas, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Charles Elias Lang.

Maceió

2017

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecária Responsável: Helena Cristina Pimentel do Vale

- X3c Xavier, Héli da Vieira da Silva.
Constituição psíquica e psicopatologia nos textos do “jovem Lacan” /
Héli da Vieira da Silva Xavier. –2017.
107 f..
- Orientadora: Charles Elias Lang.
Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Alagoas.
Instituto de Psicologia. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Maceió, 2017.
- Bibliografia: f. 103-107.
1. Psicanálise lacaniana. 2. Psicopatologia. 3. Autismo. 4. Lacan, Jacques, 1901-1981. I. Título.

CDU: 159.964.2



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL
INSTITUTO DE PSICOLOGIA - IP
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA - PPGP

TERMO DE APROVAÇÃO

HÉLIDA VIEIRA DA SILVA XAVIER

Título do Trabalho: **Constituição psíquica e psicopatologia nos textos do "jovem Lacan"**.

Dissertação aprovada como requisito para obtenção do grau de Mestre em Psicologia, pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Alagoas, pela seguinte banca examinadora:

Orientador:

Prof. Dr. Charles Elias Lang (PPGP/UFAL)

Examinadores:

Prof.^a Dr.^a Susane Vasconcelos Zanotti (PPGP/UFAL)

Prof.^a Dr.^a Marta Regina D'Argod Leão (UFRGS)

Maceió-AL, 27 de Março de 2017.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, pelo afeto, incentivo incondicional e, sobretudo, por transmitirem o não-saber necessário para que eu desejasse saber; às minhas “irmãs”, pelo suporte e amizade que aprendemos a cultivar desde nossa infância.

Ao meu orientador Charles Elias Lang, que me presenteou com uma bússola, apontou o horizonte e disse: a desconstrução é o norte. Teimosa, tomei o caminho do sul e descobri que pouco importa a direção, a desconstrução está em todos os sentidos, literalmente.

Aos professores desta banca, por aceitarem o convite de compô-la e oferecerem suas contribuições a esta pesquisa desde o momento de sua qualificação.

Na Universidade Federal de Alagoas:

Aos meus colegas de grupo de pesquisa com os quais caminhei durante os dois anos de mestrado, partilhando conhecimento, leituras, releituras, alegrias e angústias inerentes ao processo de escrita.

Aos meus colegas de turma, por compartilharem algo mais do que suas questões de pesquisa e conhecimento, juntos dividimos anseios, bons momentos e cervejas.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Psicologia, incansáveis incentivadores e mestres desde os tempos da graduação, minha gratidão por transmitirem conhecimento de forma instigante e respeitosa, por acolher cada questão apontando não respostas e sim caminhos possíveis.

Aos membros do colegiado, pela aprovação da minha mobilidade acadêmica no Programa de Pós-Graduação Psicanálise: Clínica e Cultura da UFRGS.

Na Universidade Federal do Rio Grande do Sul:

À professora Marta Regina de Leão D’Agord, pela hospitalidade com que me acolheu em seu grupo de pesquisa durante minha mobilidade acadêmica e pela generosidade com a qual transmite seu saber.

Aos amigos e colegas da UFRGS, pela afetuosa disponibilidade na troca de ideias, não sem um chimarrão ou café.

Aos professores do PPG Psicanálise: Clínica e Cultura, por cada aula que para mim foram como sarais de poesias.

Aos membros do Studio de Psicanálise, colegas de trabalho e também amigos de longa data que participam da minha formação profissional e pessoal.

À minha amiga-irmã Regina Nagamine, pela constante e também suave presença tornando esta trajetória mais divertida.

À Jacyara Calheiros, pela leitura e cuidadosa revisão do texto.

À Rita Vasconcelos, pela supervisão afetuosa deste novo percurso acadêmico.

À Ana Silvia Lang, que durante anos sustentou um espaço onde pude traduzir o “impalavrável”.

À Diana Corso, por me ensinar que não se deixa um estrangeiro pensando sozinho.

À CAPES, agência financiadora desta pesquisa, cujo apoio concedido foi fundamental para o seu andamento.

Mon père est mort il y a un an. Je ne crois pas à cette théorie selon laquelle on devient réellement adulte à la mort de ses parents; on ne devient jamais réellement adulte.

Michel Houellebeck

RESUMO

Esta pesquisa apresenta uma leitura da temática da *constituição psíquica* e sua articulação com a *psicopatologia*, circunscritas a partir de um *corpus* textual escrito por Jacques Lacan nos anos de 1938 a 1949. Para responder à questão de como Lacan pensava a constituição psíquica e a psicopatologia antes da década de 50, foram elencados como objeto de pesquisa quatro textos de Lacan, são eles: *Os complexos familiares na formação do indivíduo: ensaio de análise de uma função em psicologia* (1938/1998); *Formulações sobre a causalidade psíquica* (1946/1998); *A agressividade em psicanálise* (1948/1998); e, *O estágio do espelho como formador da função do eu tal como nos é revelada na experiência psicanalítica* (1949/1998). De início, propõe-se ao leitor uma incursão no plano epistemológico de Imre Lakatos e sua metodologia para os Programas de Investigação Científica (PIC), para então apresentar-se o programa de investigação científico lacaniano, no qual Lacan é assimilado como um conjunto de textos a serem lidos e interpretados. Consideração que introduz a orientação metodológica desta pesquisa psicanalítica: uma estratégia de leitura/escritura desconstrutiva, fundamentada na atitude filosófica derridiana e efetivada por três modos de ler, acompanhar e interpelar, são eles: leitura clássica/sistematizante, leitura hermenêutica, e leitura próxima, atenta e desconstrutiva. A partir disso, para responder à questão sobre a constituição psíquica e a psicopatologia nos textos do jovem Lacan, empreende-se uma leitura hermenêutica destes escritos, delimitando seus contextos internos e externos de produção. Em seguida, é abordada a proposta lacaniana da estruturação subjetiva efetivada pelo encadeamento sucessivo no psiquismo de três complexos e suas respectivas imagos. A temática da psicopatologia nos textos do jovem Lacan se esboça numa análise das psicoses e das neuroses de tema familiar. Por fim, expõe-se uma leitura da atual problemática do autismo com base na elaboração teórica e psicopatológica do jovem Lacan.

Palavras-chave: Constituição psíquica. Psicopatologia. Jacques Lacan. Estádio do espelho. Autismo.

ABSTRACT

This research presents a thematic reading of the *psychic constitution* and its relationship with *psychopathology*, circumscribed from a textual corpus written by Jacques Lacan in between the years 1938-1949. To answer the question of how Lacan thought the psychic constitution and the psychopathology before the 50's, four of Lacan's texts were selected as objects of this research: *Family complexes in the formation of the individual* (1938/1998); *Presentation on Psychological causality* (1946/1998); *Aggressiveness in Psychoanalysis* (1948/1998); and *The mirror stage as formative of the function of the I as revealed in psychoanalytic experience* (1949/1998). In the beginning, a foray is proposed into the epistemological level of Imre Lakatos and his methodology for Scientific Research Programmes (SRPs), and from that point on the Lacanian scientific research program is presented, in which Lacan is assimilated as a set of texts to be read and interpreted. Such consideration introduces the methodological framework of this psychoanalytic research: a reading/writing deconstructive strategy, based on Derrida's philosophical attitude and actualized by three different ways of reading, following and questioning a text. They are: classical/systematizing Reading, hermeneutic reading and the close and deconstructive reading. From this, to answer the question about the psychic constitution and psychopathology in the young Lacan's texts, a hermeneutic reading of them is carried out, aiming at delimiting its internal and external production contexts. Then, the Lacanian proposal on subjective structuration is approached by underlining the successive linkage in the psyche of three major complexes and their respective imagos. The theme of psychopathology in young Lacan's texts is outlined in an analysis of psychoses and neuroses with family-relative themes. Finally, it is presented a reading on current autism issues based on the very young Lacan's theoretical and psychopathological developments.

Keywords: Psychic constitution. Psychopathology. Jacques Lacan. Mirror stage. Autism.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. O QUE É UM PROGRAMA DE INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA? UM PASSEIO PELA DÉMARCHE FREUD-LACANIANA	14
1.1. A subversão psicanalítica no campo da pesquisa	14
1.2. A Metodologia dos Programas de Investigação Científica: Popper <i>versus</i> Kuhn	16
1.3. Do falsacionismo metodológico de Karl Popper ao falsacionismo sofisticado de Imre Lakatos	17
2. PROGRAMA DE INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA LACANIANO	21
3. PESQUISA PSICANALÍTICA E A ESTRUTURA MOEBIANA DO TEXTO	24
3.1. Do texto aos pressupostos de leitura: prescrições fundamentais	27
3.2. Estratégias de leitura-escritura na pesquisa psicanalítica: nas trilhas da desconstrução	28
3.2.1. Leitura clássica/sistematizante.....	30
3.2.2. Leitura hermenêutica.....	31
3.2.3. Leitura próxima, atenta e desconstrutiva.....	32
4. AS HERANÇAS TEÓRICO-CONCEITUAIS DO JOVEM LACAN	35
4.1. O jovem Lacan	35
4.2. Lacan leitor de Émile Durkheim	38
4.2.1. A família conjugal e o declínio do direito paterno.....	39
4.2.2. Lei da contração familiar.....	40
4.3. O palco de uma escrita: o jovem Lacan	43
4.4. Lacan leitor de George Politzer	53
4.5. O adeus a Durkheim e as boas-vindas a Lévi-Strauss	55
5. A CONSTITUIÇÃO PSÍQUICA NO JOVEM LACAN: OS COMPLEXOS FAMILIARES E A SUBLIMAÇÃO DAS IMAGOS	56
5.1. Complexo do desmame e imago materna: nostalgia de morte ou a sublimação	59

5.2. A nostalgia originária para Lacan: a mãe ou o pai?	61
5.3. Complexo da intrusão e imago do outro: dramas do narcisismo	63
5.4. O complexo de Édipo na perspectiva do jovem Lacan	68
5.4.1. Complexo de Édipo: a instauração da imago paterna e das trocas sociais.....	69
5.5. Tese sócio-clínica do jovem Lacan: a imago paterna em declínio	75
5.6. Declínio social da imago paterna <i>versus</i> declínio da função paterna	79
6. PSICOPATOLOGIA NOS TEXTOS DO JOVEM LACAN	83
6.1. Psicoses de tema familiar: a estagnação da sublimação	84
6.2. Causalidade psíquica e identificação: a fórmula geral da loucura	87
6.3. Neuroses de tema família	90
6.4. As neuroses de transferência relidas por Lacan	91
6.5. As neuroses de caráter e a anomia social	93
7. UMA LEITURA SOBRE O AUTISMO A PARTIR DOS TEXTOS DO JOVEM LACAN	94
7.1. Estádio do espelho e autismo	95
7.2. Falha no transitivismo	98
8. CONCLUSÃO	101
REFERÊNCIAS	103

INTRODUÇÃO

A questão que norteia a produção desta dissertação diz respeito a dois temas, o primeiro, a constituição psíquica do sujeito, e o segundo, concerne à psicopatologia. Ambos foram considerados a partir de um *corpus* textual escrito por Jacques Lacan num período específico, a saber, de 1938 a 1949, ou seja, nos primórdios de sua articulação teórica no campo psicanalítico.

A pergunta inicial foi: como Lacan pensava a constituição psíquica do sujeito e a psicopatologia num período anterior à década de 50 (época marcada pelo enlace da psicanálise lacaniana com o estruturalismo e a linguística)? A partir deste questionamento, esta pesquisa investiga a temática da constituição psíquica do sujeito e sua articulação com a psicopatologia, tomando como objeto de pesquisa quatro textos de Lacan: *Os complexos familiares na formação do indivíduo: ensaio de análise de uma função em psicologia* (1938/1998); *Formulações sobre a causalidade psíquica* (1946/1998); *A agressividade em psicanálise* (1948/1998); e *O estádio do espelho como formador da função do eu tal como nos é revelada na experiência psicanalítica* (1949/1998).

Para edificar esta dissertação sua escrita foi organizada em oito capítulos. No primeiro propõe-se ao leitor uma incursão na epistemologia de Imre Lakatos (1989) e sua metodologia para os Programas de Investigação Científica (PIC), não sem antes passar pelo falsacionismo metodológico de Karl Popper e pela estrutura das revoluções científicas de Thomas Kuhn. Percurso que serve para introduzir a participação da teoria psicanalítica no arcabouço epistemológico de Imre Lakatos, uma vez que sua proposta de história da filosofia da ciência não se divide entre filosofia da ciência natural *versus* filosofia da ciência social, como propõem Popper e Kuhn. Vale enfatizar que este capítulo foi reflexo das discussões no grupo de pesquisa *Psicanálise e desconstrução no cotidiano* acerca da história da filosofia da ciência, assim como um efeito da disciplina obrigatória *Fundamentos da Psicologia*, cursada durante o mestrado. Este primeiro capítulo prepara o terreno para o segundo, no qual, seguindo o caminho metodológico proposto por Lakatos, apresenta-se o programa de investigação científico lacaniano, dotado de núcleo firme e uma heurística. Neste PIC, Lacan é assimilado como um conjunto de textos a serem lidos e interpretados.

Considerar Lacan como um texto ou um conjunto de textos introduz a proposta do terceiro capítulo, no qual é abordada a orientação metodológica desta pesquisa psicanalítica: a

estratégia de leitura desconstrutiva (FIGUEIREDO, 1999). Tal estratégia parte da premissa desconstrutiva derridiana e tem como prerrogativa a admissão de protocolos de leitura, a consideração dos contextos de produção do texto e dos pressupostos do leitor na atividade interpretativa. Esta estratégia metodológica se implementa por três modos de ler, acompanhar e interpelar, distintos pela forma singular como abordam o *sentido* e a *alteridade do texto*, são eles: *leitura clássica/sistematizante*, *leitura hermenêutica*, e *leitura próxima, atenta e desconstrutiva*.

No quarto capítulo, empreende-se a leitura hermenêutica dos textos de Lacan. Nele são apresentados os contextos internos e externos de produção desses textos, buscando responder por que foram escritos, quem foi o jovem Lacan, quais foram suas influências filosóficas, sociológicas, psicanalíticas, políticas, como estava organizada a sociedade psicanalítica francesa no referido momento.

O quinto capítulo engendra uma resposta para a questão sobre a constituição psíquica no jovem Lacan. Tem como principal argumento as noções descritas no texto *Os Complexos Familiares*, que se referem ao desenvolvimento subjetivo do homem, efetivado pelo encadeamento sucessivo no psiquismo de três complexos e suas respectivas imagens; desenvolvimento possível no cerne da família conjugal e paternalista. Para tanto, Lacan faz uma releitura do complexo de Édipo freudiano, considerando sua dupla incidência no psiquismo – o supereu e o ideal do eu – tributária do relativismo sociocultural do edipismo. Outro ponto considerado neste capítulo diz respeito ao momento que Lacan retoma a noção de estágio do espelho, previamente teorizado em 1936, cuja conclusão conceitual foi alcançada no texto de 1949.

Neste mesmo capítulo, apresenta-se uma discussão acerca da tese do declínio social da imagem paterna – proposta por Lacan no texto *Os Complexos Familiares* –, suas releituras contemporâneas no âmbito psicanalítico (LEBRUN, 2004, 2010; MELMAN, 2008; ZAFIROPOULOS, 2002, 2015) e possíveis articulações, aproximações e/ou distanciamentos em relação ao declínio da função paterna. A reflexão sobre as problemáticas do *declínio da imagem social do pai* e do *declínio da função paterna* se justifica por se tratarem de duas concepções de falência vinculada à instância paterna, em voga no âmbito do debate psicanalítico atual sobre a infância e as manifestações psicopatológicas contemporâneas.

O sexto capítulo traz a temática da psicopatologia nos textos do jovem Lacan, no qual efetua uma análise psicopatológica no âmbito da família, interpretando as psicoses e as

neuroses de tema familiar. No tema das psicoses, é possível demarcar dois momentos complementares nas teorizações do jovem Lacan: o primeiro destaca a ideia de uma estagnação na sublimação como mote da psicose; o segundo abrange as reformulações que versam sobre a causalidade psíquica e a fórmula geral da loucura, descritas no texto *Formulações sobre a causalidade psíquica*, de 1946. No tocante às neuroses, Lacan empreende uma releitura das neuroses de transferência, onde as neuroses de caráter possibilitam distinguir certas relações constantes existentes entre as formas típicas das neuroses modernas (as de transferência) e a estrutura da família na qual cresceu o sujeito.

Por fim, no sétimo capítulo, efetua-se uma leitura do autismo a partir dos textos do jovem Lacan e de autores contemporâneos, pesquisadores das problemáticas psicopatológicas que emergem na infância (BERGÈS; BALBO, 2002, 2003; JERUSALINSKY, 2011; LAZNIK, 2013). Dito de outro modo, apresenta-se um ponto de vista da atual problemática do autismo fundamentado na elaboração teórica e psicopatológica do jovem Lacan. A partir do encontro dos textos lacanianos e dos demais autores, dois conceitos centrais nas formulações teóricas do jovem Lacan se destacaram no plano de leitura do autismo: o estágio do espelho e o transitivismo.

Este estudo se inclina sobre um tema que não cessa de se inscrever na literatura psicanalítica sobre crianças: a constituição subjetiva na sua contingência em relação à alteridade. A especificidade desta pesquisa reside em retomar os primórdios das elaborações de Jacques Lacan acerca da estruturação psíquica, onde a instituição familiar conjugal assume papel importante na edificação subjetiva, tanto na sua vertente de articulação simbólica como efeito do panorama sociocultural que instaura as coordenadas estruturantes dos laços sociais.

1. O QUE É UM PROGRAMA DE INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA? UM PASSEIO PELA DÉMARCHE FREUD-LACANIANA

1.1. A subversão psicanalítica no campo da pesquisa

Do acordo com Freud (1923[1922]/1996), o vocábulo *psicanálise* abrange três dimensões: um *procedimento de investigação* de processos anímicos que, de outra forma, são quase inacessíveis; um *método terapêutico* para tratar distúrbios neuróticos; e, uma *compilação de concepções psicológicas*, fundando, gradualmente, uma disciplina científica nova. Portanto, método de investigação, método clínico e teoria dos fatos são indissociáveis no avanço do saber psicanalítico (GUERRA, 2010). Frente às considerações sobre o que é a psicanálise indicadas por seu inventor, é possível destacar a preocupação de Freud em demarcar o estatuto epistêmico e metodológico da psicanálise dentro do campo das *ciências da natureza (Naturwissenschaften)*, por exemplo, ao utilizar palavras como *procedimento*, *método* e *disciplina* para descrevê-la.

Desde os primórdios de suas descobertas no âmbito da neurologia, Freud jamais renunciou à ambição de conferir à psicanálise um status científico. Contudo, a especificidade do conhecimento inaugurado por Freud demarcava dificuldades no tocante à sua episteme. Ao destituir a consciência de seu lugar de centro da vontade humana, descobrindo o inconsciente, as pulsões e suas consequências, Freud promoveu uma ruptura no sujeito da consciência, autônomo e racional, justamente aquele que produz a ciência.

Para tornar-se um discurso científico, a psicanálise deveria retificar essa parte que cinde o sujeito, posto que, a ciência se faz mediante o recalque daquilo que mobiliza o cientista (PALOMBINI, 1996). Todavia, a psicanálise elegeu como objeto de pesquisa o desejo humano; seu objeto de pesquisa é aquilo que determina a ação humana, o discurso científico e o filosófico. Do ponto de vista desses discursos, a psicanálise não passa de uma metalinguagem, que, simultaneamente, pretende-se transmitir como um notório discurso do conhecimento. “Eis o paradoxo de uma *ciência do inconsciente*” (PALOMBINI, 1996, p. 36).

Mesmo com todo o esforço teórico-empírico para erigir-se como conhecimento científico genuíno, inúmeras críticas epistemológicas foram feitas à ciência do inconsciente

elaborada por Freud, dentre as quais destacam-se: o empirismo lógico¹ e o falsacionismo crítico de Karl Popper. Contudo, uma vertente epistemológica possibilita a inscrição do pensamento freudiano como um projeto científico, trata-se da Metodologia dos Programas de Investigação Científica (MPIC) de Imre Lakatos (1922-1974).

A presente pesquisa se filia à esfera epistemológica desenvolvida pelo filósofo da matemática e ciência húngaro Imre Lakatos. Imre Lipschitz² foi um filósofo, matemático e físico de origem judia, que evitou a perseguição nazista mudando seu nome para Lakatos. Sua família não teve tanta sorte, a mãe e a avó morreram em Auschwitz. Tornou-se um comunista depois da Segunda Guerra Mundial, juntando-se ao Partido Comunista Húngaro, mais tarde sendo designado ao posto de oficial sênior no Ministério da Educação Húngaro.

As discussões internas no Partido promoveram uma cisão e levaram Lakatos à prisão stalinista por três anos sob a acusação de revisionismo. Após sua liberação, retornou à vida acadêmica e, apesar das mudanças em seus pontos de vista políticos, envolveu-se novamente em questões partidárias. Com a invasão da União Soviética, Lakatos deixou a Hungria e partiu para a Inglaterra. Na *London School of Economics* ele trabalhou em seus estudos sobre a filosofia da ciência, dedicando-se a temática até sua morte, em 1974. Estudioso da filosofia da ciência e da matemática, não é possível compreender o edifício epistemológico de Lakatos sem considerar suas principais influências: a teoria do conhecimento de Karl Popper, a estrutura das revoluções científicas de Thomas Kuhn, o pensamento de Hegel, Kant e Pierce.

As linhas biográficas sobre o autor apresentadas acima resgatam os contextos externos e internos no momento de produção de sua Metodologia dos Programas de Investigação Científica, um valioso esquema que lança uma nova luz sobre o progresso do conhecimento em qualquer área científica de investigação, considerada pelo próprio autor como uma versão sofisticada do falsacionismo metodológico de Popper.

¹ Os empiristas partem do pressuposto de que a psicanálise deve sujeitar-se aos critérios de verificabilidade de outras disciplinas, ou seja, deve aceitar a validação empírica. Nestes termos, a psicanálise deve apresentar enunciados que se submetam a procedimentos de controle experimental, apontando fatos definitivos e não ambíguos, por meio de uma linguagem operacional. Na perspectiva dos empiristas lógicos, a teoria psicanalítica não funda um progresso decisivo em relação ao animismo e a seus sucedâneos. O ideal, de acordo com os pressupostos positivistas, seria reduzir a psicanálise a uma teoria comportamentalista. Empreendimento realizado com sucesso, notadamente nos Estados Unidos, no qual psicanalistas americanos reformularam princípios básicos da teoria psicanalítica, recriando-a como uma psicologia do ego. (BASTOS, 2009).

² As informações biográficas de Imre Lakatos foram selecionadas do seguinte site: <http://www-history.mcs.st-and.ac.uk/Printonly/Lakatos.html>

1.2. A Metodologia dos Programas de Investigação Científica: Popper *versus* Kuhn

Imre Lakatos apresentou, pela primeira vez, a Metodologia dos Programas de Investigação Científicas no Colóquio Internacional de Filosofia Científica, realizado no ano de 1965 na cidade de Londres. Como discípulo de Karl Popper, Lakatos defendia o racionalismo crítico como ingrediente crucial do crescimento objetivo do conhecimento científico – argumento que embasa seu principal ponto de controvérsia com relação à perspectiva de Kuhn. De acordo com Lakatos (1989), o avanço da ciência na perspectiva de Thomas Kuhn estava atrelado à sucessão de períodos da ciência normal, impulsionada por revoluções irracionais de cunho ideológicos, jogos de interesses, acasos, arbitrariedades que punham em xeque pesquisas concorrentes. No panorama kuhniano, a ciência progride por crises, tensões, rupturas, revoluções no interior de um paradigma, acordos políticos-epistemológicos selados entre os cientistas de determinada comunidade, os quais definem entre si o selo científico de suas produções.

Na visão de Lakatos (1989), na perspectiva das revoluções científicas arquitetadas por Kuhn, não há lógica racional no progresso da ciência, senão uma psicologia do descobrimento. Lakatos vai além em suas ponderações ao afirmar que as revoluções científicas do epistemólogo norte-americano são irracionais, constituindo-se como objeto de estudo da psicologia das massas.

No campo dos debates epistemológicos, as divergências nem sempre têm o caráter opositivo e destrutivo, pois nem tudo são espinhos entre Lakatos e Kuhn, assim como nem tudo são flores entre Lakatos e Popper. A metodologia para Programas de Investigação Científicas defendida por Lakatos une críticas tanto à Popper quanto à Kuhn, ao solucionar problemas não resolvidos pelos dois (NETO, 2008).

De acordo como Feyerabend (1970), a visão de ciência que deve substituir a de Kuhn é a síntese das duas descobertas seguintes. Composição que consiste na confluência entre a descoberta de Popper, de que o avanço da ciência é promovido pela discussão crítica de visões alternativas, e a descoberta de Kuhn da função da tenacidade. A síntese consiste na afirmação de Lakatos de que a *proliferação*³ e a *tenacidade*⁴ não pertencem a períodos sucessivos da história da ciência, mas estão sempre co-presentes.

³ Para Lakatos é desejável que haja a proliferação de teorias concorrentes. Contrariando Kuhn, o autor propõe que a história da ciência não seja o reflexo da sucessão de teorias, mas sim a competição entre visões teóricas rivais (NETO, 2008).

Para prosseguir, antes de conceitualizar a MPIC lakatosiana, uma digressão torna-se necessária para lançar luz sobre o falsacionismo metodológico de Karl Popper, posto que o filósofo húngaro dedica-se a análise e correção de certos aspectos das ideias popperianas, elaborando (não sem manter a pertinência das colocações de seu mestre) o falsacionismo sofisticado.

1.3. Do falsacionismo metodológico de Karl Popper ao falsacionismo sofisticado de Imre Lakatos

O filósofo da ciência Karl Popper (1902-1994) figura no rol dos mais influentes filósofos do século XX. Popper cunhou o racionalismo crítico e rejeitou com veemência tanto o verificacionismo quanto o indutivismo, até então os critérios de demarcação entre o campo científico e a pseudociência da época.

Na perspectiva de Popper o progresso científico não deve se basear nas verificações, muito menos na inferência indutiva. De acordo com o filósofo, uma teoria poderá ser considerada científica sem contar com uma única evidência favorável, enquanto que outra pode ser pseudocientífica ainda que conte com evidências autênticas. Em outras palavras, o que determina o caráter científico ou não de uma teoria independe da comprovação dos fatos, da alta probabilidade com que a evidência favorável é demonstrável mediante experimentação (LAKATOS, 1989).

Como solução ao problema da indução empirista, Popper propôs o princípio da falseabilidade no bojo metodológico e prescritivo da ciência, aplicável somente a enunciados aptos a serem falsificados pela experiência. A premissa popperiana defende o seguinte: a cientificidade de uma teoria reside na especificação por antecipação de um experimento crucial (ou uma observação) que possa falseá-la; enquanto que é pseudocientífica frente à impossibilidade de identificar tal falseador potencial. Melhor dizendo, o cientista deve esquadrihar a teoria em busca de provas de falsidade desta. Caso encontre uma ínfima refutação à teoria, mesmo que esteja mergulhado em um oceano de observações positivas que

⁴ Tenacidade é um termo retirado dos postulados de Kuhn, significa que a teoria não seja abandonada apenas porque foi falseada, como defende Popper. O cientista fará o possível para mantê-la, ignorando os contraexemplos que atacam a teoria e em contradição com o justificacionismo, com o intuito de convertê-los em exemplos corroborares (NETO, 2008). “A natureza pode gritar ‘não’, mas a inteligência humana (contrariamente ao que sustentam Weyl e Popper) sempre é capaz de gritar com mais força. Com recursos suficientes e alguma sorte, qualquer teoria pode defender-se ‘progressivamente’ durante muito tempo, ainda que seja falsa” (LAKATOS, 1970, p. 146).

lhe garantem veracidade, deve eliminá-la sem pestanejar e elaborar outra teoria que possa provar o fenômeno em análise – até que esta última tropece em novas refutações (LAKATOS, 1989).

Outro posicionamento de Popper no que tange a história da ciência diz respeito ao caráter provisório e conjectural da própria ciência. Ou seja, nenhuma teoria poderá garantir a imutável e eterna cientificidade: todas as teorias são falíveis – eis o que os historiadores e filósofos das ciências convencionam caracterizar como falsacionismo dogmático de Popper. Como exemplo clássico, lança o caso da física mecânica de Newton ultrapassada pelos avanços na física propostos por Einstein com a teoria da relatividade. Exemplo que indica o aspecto crucial defendido por Popper para a definição de ciência: só é considerada ciência a teoria que seja refutável.

Contrariamente ao que se poderia pensar – evitar o erro para manter a cientificidade da teoria –, no falsacionismo metodológico os erros são bem-vindos, mais do que isso, errar é o verbo combustível do motor da ciência na visão popperiana. Sendo preferível que uma teoria, que almeje o título de ciência fidedigna, apresente condições para que os erros venham à tona e, assim, novos cientistas possam falseá-la.

No tocante às teorias sociais e psicológicas, Popper não se furtou ao estudo da teoria marxista e freudiana. Ao aplicar seu rigor racionalista crítico e refutacionista sobre os estudos de Karl Marx e Sigmund Freud, Popper concluiu que tais edifícios teóricos não passam de pseudociências – discurso metafísico ou, em termos kuhnianos, pré-paradigmáticos –, uma vez que não são falseáveis. Para um popperiano, a psicanálise seria científica se os freudianos estivessem dispostos a esclarecer os fatos que os induziriam a abandonar a psicanálise. Como se negam a fazê-lo, mediante a refutação, a teoria psicanalítica se converte em uma pseudociência. Portanto, a epistemologia popperiana assimila tal proposição como um petrificado dogma pseudocientífico, uma vez que os pressupostos da psicanálise, longe de serem refutados, são continuamente confirmados (BASTOS, 2009). De forma sucinta, eis o princípio metodológico e prescritivo da falseabilidade de Karl Popper que deve operar nas teorias que ambicionam o atestado cientificista. Então, o que o falseabilismo de Lakatos traz de inovador?

Para Lakatos (1989), a falseabilidade de uma teoria não constitui critério suficiente para descartá-la, o que se sucede é o contrário, os cientistas mantêm suas investigações a despeito da incongruência evidenciada no caminho. Se os cientistas continuam suas pesquisas,

mesmo diante de um contrassenso, o que então caracteriza uma teoria como científica? Na redefinição de Lakatos, o falseamento é posto de lado e o jogo da ciência se conduz senão pelo enfrentamento entre teorias rivais, onde a refutação de uma depende do êxito total da rival. Logo, surge a questão do que deve ser considerado como êxito total. Aqui não se trata de provar que a teoria é falsa, mas, como forma de superar a antagonista, deve-se propor outra melhor do que aquela que foi falseada. Ou seja, não há refutação, mas sim excesso de conteúdo empírico corroborativo em relação à rival (teorias e fatos novos).

Neste terreno epistemológico, Lakatos lança sua Metodologia dos Programas de Investigação Científica, onde cada programa é composto por uma série de teorias, em rivalidade com outros programas. Este contínuo embate teórico configura a essência da história da ciência. Nas palavras do autor:

a história da ciência tem sido, e deve ser, uma história de programas de investigação competitivos (ou, se quiserem, de ‘paradigmas’), mas não tem sido, nem deve vir a ser, uma sucessão de períodos de ciência normal: quanto antes se iniciar a competição, tanto melhor para o progresso. O “pluralismo teórico” é melhor que o “monismo teórico”. (LAKATOS, 1989, p. 92).

Um *Programa de Investigação Científica* (PIC) consiste basicamente em um *núcleo firme* e uma *heurística*. Este núcleo é o conjunto de proposições metafísicas que, por decisão dos defensores do programa, são consideradas não testáveis, irrefutáveis. A heurística é uma poderosa maquinaria para a solução de problemas, que assimila as anomalias e as converte em evidências corroboradoras. Divide-se em heurística positiva, vista como o conjunto de regras que indicam quais padrões de investigação devem ser seguidos, e heurística negativa, as rotas de pesquisa a serem evitadas.

Os membros do programa seguem à risca a heurística positiva, ignorando anomalias, trabalhando em prol da defesa do núcleo firme. Ao redor deste centro constroem um cinturão protetor composto por hipóteses auxiliares. É o cinturão de deve receber o impacto de contestações e pode ser ajustado, ademais substituído, para proteger o núcleo.

Conforme assinala Lakatos, a teoria da gravitação de Newton, a teoria da relatividade de Einstein, a mecânica quântica, o marxismo, a teoria freudiana são todos programas de investigação científica dotados, cada um, de um cinturão protetor flexível, de um núcleo firme, pertinazmente definido e de uma elaborada heurística para a solução de

problemas/anomalias. Todos eles, em qualquer etapa de seu desenvolvimento, têm problemas não solucionados e anomalias não assimiladas. (LAKATOS, 1989).

A metodologia de Lakatos define como revoluções científicas a superação racional de um programa de investigação por outro. Entre dois programas rivais, um é progressivo quando seu desenvolvimento teórico antecipa o desenvolvimento empírico, isto é, enquanto prediz com êxito fatos novos até então desconhecidos; é regressivo se o seu desenvolvimento teórico atrasa em relação ao seu desenvolvimento empírico, ou seja, apenas oferece explicações *post hoc*, seja para descobertas casuais, fatos previstos ou descobertos por um programa rival⁵.

Enquanto isso, o programa derrotado pode continuar resistindo durante muito tempo, defendendo-se com hipóteses secundárias incorporadas em seu cinturão protetor, ao passo que estas ainda não alcançaram a recompensa do êxito empírico, quer dizer, não se tornaram corroboradoras. Isto porque, esclarece Lakatos (1989, p. 96), “é muito difícil derrotar um programa de investigação que está defendido por cientistas imaginativos e de talento”.

O critério metodológico de Lakatos é um programa de investigação historiográfica. O historiador das ciências que utiliza a metodologia lakatosiana deve adotar o seguinte procedimento: 1) oferecer uma reconstrução racional do caso; 2) buscar comparar a reconstrução racional com a história real e criticar ambas: a reconstrução racional, por falta de historicidade e a história real por falta de racionalidade. Tendo estas balizas em mente, o historiador da ciência localiza no passado programas rivais e mudanças de problemas progressivas e degenerativas. Foi exatamente o que Lakatos fez com os programas de Newton, de Einstein, de Prout, de Bohn, entre outros casos que examina no seu livro *A metodologia dos programas de investigação científica* (1977). A metodologia só aprecia os programas de investigação, por meio de uma explicação racional; não impele, nem dá conselhos aos cientistas sobre como chegar a teorias progressivas, nem sobre o que devem fazer os cientistas diante de programas degenerativos, somente aponta as características objetivas dos programas.

O que Lakatos (1989) fez foi caracterizar o crescimento racional do conhecimento a partir de um conjunto de regras metodológicas que se dedica ao estudo histórico e crítico das

⁵ No interior de um PIC, uma teoria será regularmente eliminada por uma teoria melhor. Uma teoria é considerada melhor em relação a outra se apresentar conteúdo empírico excedente ou se tiver maior poder heurístico. É almejavél que cada etapa do programa se constitua uma mudança de problemática consistentemente progressiva (NETO, 2008).

ciências. Resumidamente, a unidade de crescimento é o PIC (marcado pelo núcleo, cinturão protetor, heurística), os programas podem ser progressivos ou degenerativos, cujo crescimento se dá pelo êxito dos programas progressivos sobre os degenerativos. Esta síntese serve para introduzir a participação da teoria psicanalítica no arcabouço epistemológico de Imre Lakatos, uma vez que sua proposta de história da filosofia da ciência não se divide entre filosofia da ciência natural *versus* filosofia da ciência social.

2. PROGRAMA DE INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA LACANIANO

Quando se trata de Jacques Lacan, como ele é pesquisado? Como as pesquisas o classificam? Como um sistema de pensamento, como uma teoria, como uma área do conhecimento? Seguindo o caminho metodológico proposto por Lakatos, nas linhas desta pesquisa Lacan é considerado como um programa de investigação científica, dotado de núcleo firme e heurística. No interior deste PIC, Lacan é assimilado como um conjunto de textos a serem lidos e interpretados.

Freud deu início a um programa de investigação psicanalítico e desde o seu surgimento no final do século XIX, inúmeros pesquisadores se uniram e se unem, com o intuito de defender o núcleo firme irrefutável deste programa: a teoria do inconsciente. Eles seguem uma heurística positiva, o conjunto estruturado de pistas e problemas a serem estudados, sobre como transformar as versões refutáveis do programa, e ainda, como modificar e complicar o cinturão protetor com hipóteses auxiliares diferentes. Assumem as três dimensões intrínsecas da psicanálise conforme Freud a conceituou em 1923[1922]: *procedimento de investigação, método terapêutico e compilação de concepções psicológicas*. A heurística negativa corresponde às direções as quais os psicanalistas/pesquisadores devem se desviar, os contraexemplos, as refutações, ignorando-os por manter em seu horizonte o compromisso de elaborar novas teorias. De igual maneira, para alcançar um caráter progressivo, o programa de investigação psicanalítico deve ser capaz de antecipar fatos empíricos novos.

Para Lakatos (1989), o núcleo firme de um programa não nasce dotado de força. Requer um processo longo e lento de ensaios e erros, hipóteses, conjecturas, refutações, até conseguir certa firmeza e transformar suas teses centrais em enunciados universais. Ora, a

teoria do inconsciente e suas pulsões (é possível acrescentar ainda a da sexualidade infantil), notadamente subversiva da moral de sua época, não sucumbiu às críticas e resistências advindas de várias frentes que tentaram minar sua base teórica e empírica.

Nos primórdios deste programa, Freud e os membros da *Sociedade Psicológica das Quartas-Feiras*, a despeito do oceano de anomalias e críticas, mantiveram o compromisso de elevar a psicanálise ao estatuto de conhecimento científico genuíno. Os primeiros psicanalistas/pesquisadores incrementaram conteúdo teórico de forma consistente ao cinturão protetor. No entanto, outros desenvolveram suas próprias hipóteses auxiliares, a tal ponto que acabaram por se afastar do núcleo firme, conduzindo-os assim, a elaboração de um novo programa. Por exemplo, a psicologia analítica de Carl Gustav Jung e a teoria da sexualidade de Wilhelm Reich, ambos partiram das considerações psicanalíticas freudianas, contudo, tornaram-se dissidentes e seus programas se converteram em rivais do originário.

Não obstante, a vertente teórica e empírica da psicanálise progrediu século XX adentro. Freud seguiu no embate externo e interno ao programa, em defesa da teoria do inconsciente, enquanto que, simultaneamente, retificava hipóteses e teorias (por exemplo, a passagem da primeira para a segunda tópica) para ratificar o núcleo.

A teoria psicanalítica se disseminou pela Europa e na França uma geração de psicanalistas também se lançou na empreitada de engrossar as fileiras do cinturão protetor desta teoria. Jacques Lacan foi o mais célebre entre os membros francófonos envolvidos nesta tarefa, suas questões sobre a constituição do sujeito e do eu, sobre a formação do analista e da não-relação entre o homem e a mulher, formaram o núcleo firme de seu programa de investigação científica. Tarefa que demandou a reformulação das hipóteses auxiliares (desenvolvidas por Freud) à luz de outros PIC, tais como a filosofia, o surrealismo, a antropologia estrutural, a linguística, a matemática, a lógica, a topologia, etc.

Jacques Lacan revolucionou a psicanálise e a recolocou na classe dos programas que preveem fatos empíricos novos, com a retomada de uma linha progressiva, conservando a consistência dos enunciados singulares e sem desfigurar o núcleo firme (a *ego psychology* norte-americana assinala um exemplo de mutilação do núcleo sob a consigna de preceitos cognitivistas, na qual a psicanálise fora reduzida a uma cientificidade asséptica e presumivelmente neutra, visando à ordem adaptativa). Mesmo diante de poderosos rivais, como as neurociências, incansável autora de refutações, o programa de investigação científico

psicanalítico e sua sucessão de teorias se mantém resistente no embate com outros programas rivais⁶.

Pode soar estranho, uma ciência que se arroga subjetiva, depositária da tutela do inconsciente há mais de um século, transitar pela objetividade do racionalismo crítico idealizado por um discípulo de Karl Popper. Não resta dúvida que a continuidade que relaciona seus membros até os dias atuais (em torno de um núcleo, cinturão e heurística) e a capacidade de antecipar com sucesso novos fatos será a inequívoca mostra de que o programa psicanalítico é progressivo.

Como exemplo cabal do avanço do programa psicanalítico, é possível sublinhar o seguinte recorte histórico: Freud apontou um fato sociológico, a falência da família patriarcal e de seu chefe, como noção capital para construção de sua teoria do complexo de Édipo e de castração. Mais tarde, Lacan destaca o termo *declínio social da imago paterna* como um fato sociológico novo e o toma para compor a base de sua teorização sobre a estruturação psíquica do sujeito. A partir deste fato sociológico, antecipa o desenvolvimento empírico: eclosão de uma crise psicológica, produzindo as neuroses contemporâneas. Em outras palavras, temos o declínio da imago paterna como um “fato novo” que oportunizou a transformação teórica lacaniana e seu progresso em relação às outras.

Esse fato ainda é utilizado por psicanalistas/pesquisadores da teoria psicanalítica lacaniana, agora sob a roupagem de *declínio da função paterna*. Outros membros do programa lacaniano (LEBRUN, 2004, 2010; MELMAN, 2008; ZAFIROPOULOS, 2002, 2015) se debruçaram sobre as consequências que a bancarrota da figura paterna (como imago e/ou função) ainda se mostra capaz de produzir no âmbito social e clínico. No transcurso desta pesquisa será elucidada a diferença entre declínio da imago paterna e declínio da função paterna.

⁶ Vide recente debate provocado pela declaração do neurocientista Ivan Izquierdo de que a psicanálise fora ultrapassada pelas modernas pesquisas do cérebro, sendo não mais um tratamento de saúde, senão um exercício estético (Entrevista “*Estudos de neurociência superaram a psicanálise*”, diz pesquisador brasileiro. Folha de São Paulo, 18/06/2016). A resposta não tardou, dias depois o psicanalista Paulo Gleich publicou uma reflexão sobre a declaração de Izquierdo (Coluna “*A psicanálise foi superada?*”. Sul21, 21/06/2016), em seguida, o psicanalista Alfredo Jerusalinsky e a neurocientista Diana Jerusalinsky saíram em defesa da psicanálise e publicaram uma resposta (Coluna “*Onde fica o inconsciente?*”. Zero Hora, 24/06/2016).

3. PESQUISA PSICANALÍTICA E A ESTRUTURA MOEBIANA DO TEXTO

Delineado o plano epistemológico o próximo passo concerne ao método que esta pesquisa adota. A pesquisa em psicanálise se concretiza em diversas modalidades de investigação, onde inúmeras são as propostas para efetivá-la, quer seja no campo da prática clínica, quer seja fora do contexto clínico, notadamente, ao inscrever-se no campo universitário. Uma primeira proposta a ser considerada sobre a pesquisa psicanalítica, diz respeito ao seu desdobramento em dois vértices: *psicanálise em intensão* e *psicanálise em extensão*, perspectiva demarcada por Lacan em seu texto *Proposição de 9 de Outubro de 1967 sobre o analista da Escola*.

A *psicanálise em intensão* se refere à pesquisa conduzida pelo método clínico, onde psicanalista é também um pesquisador ao efetivar o trabalho clínico de investigação dos processos psíquicos do paciente. Nesta modalidade de investigação o problema de pesquisa emerge das questões que interpelam o pesquisador na atividade clínica. A construção de caso clínico é uma forma possível de pesquisa nesse âmbito. Na esfera da *psicanálise em extensão* encontramos pesquisas que prescindem da atividade clínica como meio de produção de saber. Esta perspectiva de pesquisa propõe a articulação da psicanálise com produções culturais, em que textos, filmes, produções artísticas e fenômenos socioculturais são tomados como objeto de pesquisa. No campo da psicanálise em extensão podemos destacar a pesquisa psicanalítica de cunho teórico.

Figueiredo e Minerbo (2006) também esquematizam o campo de pesquisa em psicanálise a partir de uma dicotomização entre dois eixos de articulação nos quais as investigações psicanalíticas podem ser concentrar. No primeiro eixo, destacam as *pesquisas em psicanálise*, enquanto no segundo eixo, delimitam as *pesquisas com o método psicanalítico*. Figueiredo e Minerbo (2006) partem da seguinte questão: “o que se faz quando se pretende estar fazendo ‘pesquisa em psicanálise’ e mais especificamente, quando se está ‘pesquisando com o método psicanalítico’”? (p. 258).

No eixo das “pesquisas em psicanálise” reúnem-se atividades de produção do conhecimento que estabelecem distintas relações com a psicanálise, nas quais: a teoria psicanalítica (suas ideias, suas práticas) pode tornar-se “objeto” de exame sistemático, histórico ou mesmo epistemológico; ou, conceitos do repertório psicanalítico são utilizados como dispositivo de investigação e compreensão de fatos sociais e subjetivos. Esses estudos

em psicanálise, não necessariamente contam com a presença de um psicanalista atuante (FIGUEIREDO; MINERBO, 2006).

No segundo eixo, as “pesquisas com o método psicanalítico” se caracterizam pela imprescindível presença de um psicanalista atuante. São modos de pesquisa que “podem ter como alvo, entre outros, processos socioculturais e/ou fenômenos psíquicos transcorridos e contemplados fora de uma situação analítica no sentido estrito” (FIGUEIREDO; MINERBO, 2006, p. 259). A ênfase em tal proposta de pesquisa, incide na relação do “pesquisador-sujeito” com o “objeto”, a “teoria”, os “instrumentos” que dispõe, em que estes termos passam por transformações ao longo do processo de pesquisa, não saindo incólumes. A propósito, espera-se que, no decorrer do processo e ao final do percurso da pesquisa, estes termos são sejam os mesmos do início da investigação.

O efeito de transformação esperado no “pesquisador-sujeito” também se estende para o “objeto”, quer seja um paciente, quer seja uma comunidade, um filme, ou mesmo um texto. No que se refere ao texto, sua leitura cuidadosa e livre possibilita novas interpretações, propiciando a descoberta e reinvenção do que foi escrito. Resgatando as palavras dos autores:

um texto, ao ser bem lido, renova-se e sai da experiência de leitura em direção a um porvir que, por outro lado, fazia parte, como possibilidade, do que o texto já ‘era’ mas a que não acederia sem o concurso do leitor que responde, do seu modo, a tal apelo (FIGUEIREDO; MINERBO, 2006, p. 261).

Ao sublinhar tais proposições sobre a pesquisa em psicanálise na universidade, vem à tona a polarização entre pesquisas. De um lado se encontram as pesquisas caracterizadas por um viés clínico e propósito terapêutico (específico ou podendo se caracterizar como efeito transformador do encontro “pesquisador-sujeito” e “objeto”). Do outro lado estão as pesquisas que prescindem de um pretense ou ideal contexto clínico, emoldurando a articulação da psicanálise com produções culturais, em que textos, filmes, produções artísticas e fenômenos socioculturais são tomados como objeto de pesquisa.

Outro aspecto que se destaca é o fato de que todas as modalidades descritas acima, para efetivarem-se, invariavelmente, adotam um *corpus textual* como objeto de estudo, quer seja um conjunto de textos escritos por algum teórico, quer seja um texto produzido pelos participantes da pesquisa (entrevistados) ou mesmo por pacientes. Isto porque na conjuntura da clínica psicanalítica a narrativa do paciente forja um tecido textual polissêmico. A potência

da clínica reside, por excelência, na exploração desta polissemia do significante, assim disposta em uma estrutura de textualidade.

As reflexões iniciais supracitadas acerca das metodologias de pesquisa em psicanálise conduzem ao lugar central que o texto assume nas referidas investigações. Inferência que demanda, de imediato, esclarecimentos sobre a concepção de texto admitida nesta pesquisa, cujo viés converge no sentido dos pressupostos desconstrucionistas de Jacques Derrida (1930-2004).

Jacques Derrida indagava-se sobre a questão de que a ciência, a filosofia e a literatura partilham do mesmo suporte material através do qual se apresentam ao mundo: o texto. Consideração fulcral do princípio que norteia sua proposição desconstrutiva: o aforismo *il n'y a pas de hors-texte*, cuja tradução e interpretação livre é: “nada há além do texto, que não seja, já ou ainda, texto” (LANG; BARBOSA, 2012, p. 93). Com este aforismo Derrida (1967/1995) denota o caráter textual de toda a realidade, inscrita em diferentes sistemas simbólicos.

Da proposição *não há fora-texto* derivam-se duas formas textuais: texto no sentido restrito e texto no sentido amplo. A primeira trata-se de algo escrito em livros ou eletronicamente, em formas arquiváveis; a segunda, tem-se aquilo que é considerado como realidade não textual, mas que também tem estrutura de texto, refere-se à textualidade inscrita em filmes, acontecimentos cotidianos, produções culturais (LANG; BARBOSA, 2012).

A máxima *não há fora-texto* ressalta a estrutura moebiana do texto, logo, sua derivação em sentido amplo e sentido restrito não opera na lógica “ou um...ou outro”, mas sim, simultaneamente. Basta pensar que um texto restrito tece uma amplitude textual e vice-versa, pois tudo é texto. “Assim, não se poderia mais falar, com propriedade, em um sujeito que se relaciona com uma realidade, mas em uma leitura que, simultaneamente, produz um texto e um leitor” (LANG; BARBOSA, 2012, p. 94). Segundo a proposição derridiana, não se trata de uma realidade externa ao sujeito, a qual ele busca desvendar ao lançar-se no mundo; o autor postula que, a partir do encontro com o mundo, produz-se uma *leitura* da realidade.

3.1. Do texto aos pressupostos de leitura: prescrições fundamentais

Antes do mergulho na trama de conceitos e temática da estratégia desconstrutiva de leitura-escritura como metodologia de pesquisa psicanalítica, convém considerar algumas questões preliminares concernentes à própria atividade de leitura e escrita. Afinal, *o que é ler? O que é um texto?*

Acredita-se que o escrever precede o ler, pois para que se possa ler é preciso que algo tenha sido escrito. Para Vilém Flusser (1920-1991), filósofo tcheco naturalizado brasileiro e autor do livro *A escrita: há futuro para a escrita?* (2010), escrever nada mais é que um *modo de leitura*, em que os sinais gráficos são escolhidos dentre outros para então serem organizados em linhas, perfilados.

Etimologicamente, *ler* vem do latim *legere* que significa *escolher, selecionar*. O ato de selecionar designa-se “eleição”; a competência para eleger, “inteligência”; o resultado desta ação denomina-se “elegância”. Assim como a escolha dos sinais gráficos antecede o dispor em linhas, a eleição-leitura (seleção dos sinais) precede o escrever (FLUSSER, 2010). Ler e escrever são verbos incessantemente conjugados durante o processo de produção de um texto. Basta pensar que para escrever um artigo outras produções escritas serão previamente lidas, para compor o corpo teórico e argumentativo do pretense texto acadêmico.

Já *texto* vem do latim *texere* que significa *tecido*, e é composto por *linhas*, derivado do latim *linea*, que equivale a fio de linha (FLUSSER, 2010). “Textos são, contudo, tecidos inacabados: são feitos de linhas (da corrente) e não são unidos, como tecidos acabados, por fios (a trama) verticais” (FLUSSER, 2010, p. 63). Em consequência, o texto constituiu-se como um produto semiacabado, demandando acabamento daquele que o lê. Conforme afirma Flusser (2010, p. 64), “quem escreve tece fios, que devem ser recolhidos pelo receptor para serem urdidos. Só assim o texto ganha significado”. Completude atingida por cada leitor a sua própria maneira.

O entrelaçamento entre a noção de texto para Derrida e a concepção de escrita e leitura para Flusser (2010) resulta em um fio de Ariadne no labirinto das estratégias metodológicas de leitura-escrita. Para continuar, resta saber o que as pesquisas psicanalíticas na academia fazem com um texto, como leem um texto. Numa pesquisa, ler caracteriza-se então como o procedimento investigativo. Entretanto, ler um texto, ou seja, nos aproximarmos do textual

sobre o qual os sentidos serão tecidos, não é uma atividade ingênua, automática, que dispensa a consideração de pressupostos.

As considerações de Campos e Coelho Jr. (2010) abordadas no artigo *Incidências da hermenêutica para a metodologia de pesquisa teórica em psicanálise* oferecem embasamento à discussão sobre o modo como os pressupostos de leitura são articulados ou suprimidos em pesquisas no campo psicanalítico. Os autores destacam o fato de que as pesquisas dedicadas ao estudo sistemático de textos parecem prescindir de um instrumental de leitura. Em geral, no trabalho de pesquisa pautado pelo estudo teórico como estratégia de investigação, a descrição dos textos é privilegiada em detrimento da problematização dos pressupostos da leitura a ser empreendida.

Frente a isto, os autores constataam a “presença de certa ingenuidade metodológica na interpretação dos textos” (CAMPOS; COELHO JR., 2010, p. 248). Caso não problematizem os pressupostos da leitura, alguns investigadores adotam a negação dos pressupostos como prescindíveis à investigação/leitura, ou partem da ideia de que estes são compartilhados por todos os leitores.

Em linha semelhante, Lang e Barbosa (2010) corroboram com os autores citados e enfatizam que na pesquisa teórica, em geral, costuma-se excluir ou subestimar a apresentação da metodologia e dos protocolos de leitura que regem a pesquisa. Comumente, os pesquisadores aludem de forma sintética a tipologia metodológica como uma revisão bibliográfica – com frases como “leitura crítica dos textos e de seus comentadores contemporâneos” – ou pesquisas bibliográficas, suprimindo os pressupostos que conduzem as leituras dos textos elencados na dita revisão.

3.2. Estratégias de leitura-escritura na pesquisa psicanalítica: nas trilhas da desconstrução

A partir do exposto acerca de alguns aspectos conceituais e metodológicos de leitura na pesquisa psicanalítica, é possível demarcar a especificidade da metodologia que baliza a construção do presente estudo. Contrariamente à perspectiva descrita nos parágrafos acima, da estratégia desconstrutiva deriva uma metodologia que demanda a admissão de protocolos de leitura, da consideração dos contextos de produção do texto, dos pressupostos do leitor na atividade interpretativa (LANG; BARBOSA, 2015).

Tem-se como ponto de partida a concepção de que na atividade de leitura o leitor interage com o texto, assume uma posição ativa no processo de leitura, atribui sentidos próprios e, por conseguinte, produz conhecimento a partir do texto lido. Conseqüentemente, ler não pode se caracterizar como uma atividade natural, simplória, diretiva, trivial, transparente (LANG; BARBOSA, 2010).

Circunscrito o terreno da estratégia desconstrutiva de leitura e seus pressupostos, o aporte metodológico que norteou esta pesquisa se apoia nas formulações de Luís Claudio Figueiredo (1999) descritas em seu livro *Palavras cruzadas entre Freud e Ferenczi*, no qual propõe o plano de *metodologia próxima, atenta e desconstrutiva*. Partindo da premissa desconstrutiva derridiana, Figueiredo elenca e caracteriza três modos de ler, acompanhar e interpelar, distintos pela forma singular como abordam o *sentido* e a *alteridade do texto*. São eles: *leitura clássica/sistematizante*, *leitura hermenêutica*, e *leitura próxima, atenta e desconstrutiva*.

Os textos eleitos como objeto de estudo são os escritos de Lacan que vão de 1938 a 1949: *Os complexos familiares na formação do indivíduo: ensaio de análise de uma função em psicologia* (1938/1998); *Formulações sobre a causalidade psíquica* (1946/1998); *A agressividade em psicanálise* (1948/1998); e, *O estágio do espelho como formador da função do eu tal como nos é revelada na experiência psicanalítica* (1949/1998). Todos publicados no Brasil pela editora Jorge Zahar, integrando a coleção do Campo Freudiano no Brasil, dirigida por Jacques-Alain e Judith Miller, com assessoria brasileira de Angelina Harari.

Os complexos familiares é o único texto que não se encontra nos *Escritos* devido a seu tamanho. Segundo Miller (2005), Lacan concordou com a indicação de seu editor de prescindir dele nos *Escritos*, que tem quase 1000 páginas. A versão brasileira examinada neste estudo foi a traduzida por Marco Antonio Coutinho Jorge e Potiguara Mendes da Silveira Júnior. E para os demais textos, localizados nos *Escritos*, as versões estudadas foram as traduzidas por Vera Ribeiro.

Tais informações são relevantes à medida que estruturam os horizontes externos para a interpretação do texto. De partida se configura o pano de fundo *sui generis* de uma leitura desconstrutiva, em que não só a arquitetura dos conceitos se faz relevante, como também são significativos os dados sobre a trama histórica, as traduções, as edições.

3.2.1. Leitura clássica/sistematizante

De acordo com Figueiredo (1999), na modalidade de leitura clássica/sistematizante o(s) *sentido(s)* do texto pode(m) ser desvendado pelo leitor. Esta concepção de leitura está alicerçada em dois pressupostos metafísicos. O primeiro diz respeito ao *sentido* como transcendente ao texto, algo que subjaz, que se encontra além de suas linhas. Nestes moldes de leitura o sentido transcendente existe em si mesmo, é dado pelo autor e pode ser acessado pelo leitor tal qual o autor “quis dizer”. Trata-se de uma leitura avessa ao leitor, ao contexto de leitura, à época, onde o sentido será sempre o mesmo. Desse modo, as leituras sistematizantes são consideradas dogmatizantes, como aquelas que engessam o sentido a ser alcançado pelo leitor à medida que avança na busca pelas “teses” do texto.

O segundo pressuposto metafísico é o da *unidade* – o sentido como idealidade almejada numa leitura –, concebido como algo precedente e prevalente sobre a diferença. Nesta concepção, desconsidera-se assim o acaso, a polissemia do texto, as ambiguidades que podem emergir de sua leitura, ou mesmo os impasses emergentes na transposição entre idiomas. O sentido mantém-se estático e intrínseco à obra independente das traduções ou articulação das palavras.

A leitura clássica protege as teses e o sentido unívoco do texto. Toda a rede de remissão dos elementos textuais elaborada pelo autor trabalha para conduzir o leitor a um único lugar, o lugar comum do sentido apriorístico do texto. Por isso são *close and closed reading*. Dito isto, a boa leitura será aquela que segue pelo caminho clássico, reduzindo, fixando, esterilizando possíveis sentidos, evitando assim, o “lobo mau polissêmico” (FIGUEIREDO, 1999).

Para efetivar uma leitura clássica, além do *corpus* textual do jovem Lacan descrito acima, foram selecionados outros autores, psicanalistas leitores de Lacan e críticos de sua obra. As produções textuais elencadas denotam a vigente pertinência do manuscrito lacaniano no tocante a interpretações atuais no âmbito sócio-clínico. Para tal fim, alguns textos que estruturam esta sessão são: *Um mundo sem limites: ensaio para um crítica psicanalítica do social* (2004) e *O mal-estar na subjetivação* (2010), ambos do psiquiatra e psicanalista francês Jean-Pierre Lebrun, também membro da Association Lacanienne Internationale; *Lacan y las ciencias sociales: la declinación del padre (1938-1953)* (2002) do sociólogo e psicanalista francês Markos Zafiropoulos, pesquisador associado ao Centro de Pesquisa em Psicanálise, Medicina e Sociedade; *Jogo de posições da mãe e da criança: ensaio sobre o*

transitivismo (2002), dos psicanalistas franceses Jean Bergès e Gabriel Balbo, membros da Association Lacanienne Internationale.

3.2.2. Leitura hermenêutica

O modo de leitura hermenêutica desenvolvido por Figueiredo (1999) considera as proposições dos filósofos H.-G. Gadamer e Richard Rorty. Na leitura hermenêutica o interpretar “envolve a aceitação, a procura e/ou a construção de um fundo para que algo se configure” (FIGUEIREDO, 1999, p. 10). Para tal empreendimento interpretativo é necessário considerar e problematizar os contextos ou horizontes externos e internos ao texto. Nessa concepção de leitura, por sua vez, *contextualizar/descontextualizar/recontextualizar* os horizontes do leitor e do texto são condições *sine qua non* para interpretar e conceber sentidos.

Os horizontes externos situam o texto num campo histórico e contingente, abrindo possibilidades de interpretação e produção de sentidos. Já os horizontes internos são as redes intratextuais que conectam os elementos do texto, conferindo-lhes lugar, função e sentido (FIGUEIREDO, 1999). As leituras hermenêuticas consideram que para construir sentidos, os pressupostos do leitor, os pressupostos do autor, assim como o contexto histórico e social em que a obra foi escrita, devem ser considerados como balizas.

No tocante a esta pesquisa, a leitura hermenêutica, ou seja, cont./recon./descontextualizante dos textos do jovem Lacan objetivou constituir/reconstruir seus horizontes externos e internos. Os horizontes externos correspondem ao contexto histórico, político e social em que o texto foi produzido, sobre quais questões Lacan se debruçava na década de 30, como estava organizada a psicanálise francesa neste período, por qual razão escreveu sobre a família, a gênese do eu e do sujeito e, no terreno da psicopatologia, se dedicou a teorização e terapêutica da psicose. Para isto, foram utilizadas produções de conteúdo biográfico, escritas pela psicanalista Elisabeth Roudinesco, a saber: *La batalla de cien años: historia del psicoanálisis em Francia Vol II* (1993), *Jacques Lacan: esboço de uma vida, história de um sistema de pensamento* (2008), *Lacan, a despeito de tudo e de todos* (2011).

Acerca dos contextos internos, são apontadas as conceptualizações teóricas e filosóficas que influenciaram as teorizações de Lacan no referido período, tais como: a prova

do espelho de Henri Wallon; considerações sobre o transativismo de Elsa Köhler e do próprio Wallon; a filosofia de Hegel apresentada pelo filósofo da ciência Alexandre Kojève; o complexo de Édipo, a segunda tópica e elaborações sobre o narcisismo advindos da doutrina freudiana; a psicologia concreta da George Politzer; a sociologia de Émile Durkheim e etc. O exame do arcabouço sociológico de Durkheim acerca da família conjugal é crucial não apenas para compreender a gênese do corpo teórico lacaniano, mas também para assimilar os aspectos da tese do *declínio social da imago paterna* que se prolongam no campo psicanalítico hodierno (ZAFIROPOULOS, 2002).

3.2.3. Leitura próxima, atenta e desconstrutiva

Esse modo de ler, acompanhar e interpelar deriva dos trabalhos de Jacques Derrida. Em 1967, Derrida concebe o termo *déconstruction*, que não pode ser entendido como um conceito, um método, uma crítica, ou uma análise, posto que visa subverter as noções de conceito e método. Segundo o filósofo franco-argelino, o neologismo desconstrução não dispõe de uma significação clara e unívoca, contudo, enfatiza que esta não consiste numa destruição (DERRIDA, 1985/1998).

Seguindo um esquema heideggeriano, a desconstrução opera no *interior* dos discursos fundadores do pensamento metafísico ocidental. Visa a decomposição dos discursos da filosofia, da história, da literatura, da fenomenologia, da psicanálise, revelando seus pressupostos, ambiguidades, contradições, tendo em vista a possibilidade de reconstruí-lo e, por conseguinte, de ampliar seus limiares (PEDROSA JUNIOR, 2010).

A estratégia desconstrutiva de leitura de textos implementa-se em dois momentos desconstrutivos. No primeiro, identifica-se os pares de oposições e se inverte a hierarquia dos conceitos, propondo o segundo termo como principal (VASCONCELOS, 2003). Conforme ressalta Derrida (1967/1995, p. 54), “desconstruir a oposição é primeiro, num determinado momento, derrubar a hierarquia”. Em seguida, sucede o segundo momento, que Derrida propõe como *jogo*.

A perspectiva da desconstrução arrevesa a hierarquia tradicionalmente determinada entre um termo e seu oposto conexo para, posteriormente, instituir “não a redução de um conceito a outro, [...], mas o jogo, como a incessante alternância de primazia de um termo sobre o outro, produzindo, assim, uma situação de constante indecisão” (VASCONCELOS,

2003, p. 75). Portanto, a estratégia de leitura desconstrutiva não pretende destruir o texto, mas visa à inversão e deslocamento da ordem de conceitos que sustenta sua estrutura, em busca de novos conceitos, de significados ocultos, subentendidos ou denegados pelo próprio texto (LANG; BARBOSA, 2012).

Para Derrida (1967/2008), a linguagem do texto é fluída, ambígua, fugindo, incessantemente, de uma identidade, de um significado preciso. Logo, o texto pode assumir convenções variadas, adquirir significados ao invés do que ele significa. A abordagem desconstrutiva propõe um desmonte do que foi, implícita ou explicitamente, instituído ao texto através de jogos de palavras, elementos ambíguos, referências sugestivas, pressuposições nebulosas até para o próprio autor.

Assim, a monumental autoridade semântica, clara, precisa e lógica do texto é desmontada: ao invés de um significado, pode assumir infinitas interpretações. Derrida (1985/1998) concede ao leitor a liberdade de adicionar sentido, intenção e atitude, pois as palavras, dispostas em linhas na escritura, são como caixas de ressonância propensas à livre interpretação do leitor.

Com a fluidez da linguagem em detrimento da fixidez da identidade da palavra com seus objetos, Derrida instaura a indecidibilidade do significado. A palavra “não extrai seu valor senão de sua inscrição em uma cadeia de substituições possíveis, naquilo que se chama, tão tranquilamente, de um ‘contexto’. [...] em que ela substitui ou se deixa determinar por tantas outras palavras” (DERRIDA, 1985/1998, p. 24).

Como exemplo é possível pensar na palavra *inconsciente*. Para significar o que é o inconsciente precisamos considerar o texto, contexto e o subtexto, inclusive a edição e tradução utilizada. A esta altura, pode-se pensar que um inconsciente tem caráter mais autêntico que outro, contudo, se incorre no mesmo erro que a atitude desconstrutiva depõe contra, a saber, a lógica metafísica ocidental baseada em noções binária que se opõem, sendo uma sentença verdadeira *ou* falsa (DERRIDA, 1967/1995).

Ler, acompanhar e interpelar o texto de forma atenta e desconstrutiva implica ater-se não apenas as suas “teses” (significado clássico), mas também àquilo que é nebuloso, omitido, ignorado, operações próprias da leitura clássica. Neste modo particular de ler, o sentido não está dado de antemão, não precede, muito menos prevalece em relação ao leitor e seus

pressupostos. O sentido será construído no intervalo entre leitor e texto, produto do encontro que ocorre entre ambos (LANG; BARBOSA, 2012).

Na leitura próxima, atenta e desconstrutiva o que precede e prevalece na atividade interpretativa é *o traço diferencial do leitor* (FIGUEIREDO, 1999). Tal enfoque encontra ancoragem na premissa derridiana sobre o caráter absolutamente heterogêneo da textualidade, como “sendo constituída de diferenças e de diferenças de diferenças” (DERRIDA, 1972/2005, p. 52-3).

Ao conduzir ao extremo a diferença e, conseqüentemente, a indecidibilidade entre as diferenças, o sentido se distancia da “presença” de uma verdade absoluta. Verdades soberanas e plenas, na visão de Derrida, são construções textuais arbitrárias que difundem pressupostos. Assim como os textos produzem uma realidade eles também disseminam a “presença” (em sua estrutura mesma que sustenta uma superfície de linguagem) de uma verdade transcendental da metafísica ocidental.

Para pensar esta ideia derridiana de verdade como construção textual autoritária um questionamento sobrevém como exemplo: quem seria o detentor da verdade última e absoluta sobre o inconsciente? A partir do traço diferencial do leitor, a leitura desconstrutiva impede que a teoria psicanalítica seja subjugada por um autor ou um grupo como detentor da verdade única, e impele que o leitor se coloque como o autor de mais uma versão da verdade. A propósito, o conceito de verdade nas reflexões filosóficas de Derrida, além de não outorgar o caráter de absoluta e una, consente a efemeridade. Logo, a verdade é o efeito de uma leitura, é temporal e se sustenta por elementos textuais. A verdade é a fluidez da linguagem, esta, por sua vez, foge a um significado preciso (DERRIDA, 1967/2008).

Na concepção de Derrida (1967/1995), tudo o que encontramos na linguagem é um sistema de diferenças, e o significado emerge dessas diferenças sutis e múltiplas, não sendo possível sintetizar as muitas nuances da diferença encontrados na linguagem, em um simples e único fundamento lógico que determine a identidade. Perante esta perspectiva, Figueiredo (1999) assinala que, “um sistema de traços diferenciadores é o que opera invisível e inaudivelmente na formação do sentido e isso significa que a ‘intenção do autor’, o ‘objeto intencional’ e o ‘referente’ não podem *vir a ser* e a operar senão no campo previamente constituído das diferenças” (p. 14). A diferença prevalece porque cada unidade de sentido se implica numa rede de traços diferenciais, destituída de um significado central e único.

Sendo assim, ao considerar que “*o texto é outro para si mesmo*” (FIGUEIREDO, 1999, p. 9), a estratégia de leitura desconstrutiva assume a alteridade do texto no processo de edificação de sentidos. Ler um texto psicanalítico de modo atento, próximo e desconstrutivo significa se lançar na exploração das tensões do texto, suas trilhas perdidas, deslegitimadas, com o intuito de instabilizar e temporalizar seu sentido canônico apriorístico, injetando vitalidade ao texto em análise.

Nesta pesquisa, ler, acompanhar e interpelar os textos do jovem Lacan segundo a proposta metodológica de Figueiredo (1999) demandou ater-se não somente às suas “teses” consensuais, ou mesmo à configuração de um pano de fundo histórico e contingente para produção de sentidos. No percurso de uma leitura desconstrutiva, *o leitor atento* é aquele se mantém vigilante às “‘impurezas’, às ‘irregularidades’, às ‘fraturas’ de que o texto é feito, as alteridades do/no texto” (FIGUEIREDO, 1999, p. 17). O que são as impurezas, as irregularidades, as fraturas do texto? Suas notas rodapé, citações, interpretações do autor, conceitos e termos utilizados, a diagramação, notas do editor e/ou tradutor.

O que se pode elaborar sobre a constituição subjetiva e o autismo tomando como fundamento a cena de leitura dos manuscritos fontes e objetos de pesquisa? Nas linhas deste trabalho, apresenta-se uma leitura acerca da estruturação psíquica e de temas da psicopatologia contemporânea elaboradas por Lacan. Somado a isso, expõe-se em algumas páginas uma leitura da hodierna problemática do autismo, fundamentada na elaboração teórica e psicopatológica do jovem Lacan.

Os sentidos que dão corpo a essa dissertação foram construídos no intertexto, ou seja, na relação entre o texto e o pesquisador-leitor, no durante e no depois da leitura (incluindo os efeitos das leituras clássica e hermenêutica). Pois como bem sublinha Derrida (1972/2005), ler significa acrescentar um fio novo ao tecido do texto, ação que emerge como efeito das exigências suplementares.

4. AS HERANÇAS TEÓRICO-CONCEITUAIS DO JOVEM LACAN

4.1. O jovem Lacan

Delimitados o objeto de estudo, objetivos e metodologia, o próximo passo desta pesquisa se configura pelo empreendimento da leitura hermenêutica dos textos do jovem

Lacan. Mas de antemão emerge a dúvida: quem foi o jovem Lacan? De onde surge essa denominação?

Nos mais de 80 anos do programa de investigação científica de Lacan, a complexa obra do psicanalista francês tem sido objeto de inúmeras interpretações. A obra de Jacques Lacan compreende um vasto conjunto de textos resultantes desde a transcrição de seus seminários e entrevistas, como da produção avulsa de escritos para colóquios, enciclopédia, revistas da área psicanalítica e outras.

Muito se fala e escreve acerca da relação entre a psicanálise e outras disciplinas, tais como a filosofia, a literatura, a linguística, a lógica, a matemática, o estruturalismo, a biologia, a psiquiatria, as artes plásticas, a política, a antropologia, a mitologia, a educação, etc. Contudo, pouco ou nada se estuda sobre o laço que une uma parte de seus escritos aos trabalhos dos investigadores nas ciências sociais. Este elo epistemológico costuma ser negligenciado pelos psicanalistas comentadores de Lacan como se a omissão deste aspecto genealógico do *corpus* teórico lacaniano não obstaculizasse a compreensão do mesmo.

Markos Zafirooulos (2002; 2015), psicanalista e sociólogo francês, se dedica à discussão dos embasamentos sócio-antrropológicos que nutriram os textos de Lacan no início de sua incursão no campo psicanalítico. De acordo com Zafirooulos (2002), Lacan foi influenciado pela Escola Francesa de Sociologia e na linha de frente estão os sociólogos Émile Durkheim e Marcel Mauss. Igualmente, empreendeu uma leitura dos etnólogos William Halse Rivers, Bronisław Malinowski, Ruth Benedict, Margaret Mead, como “preparação” para seu encontro científico – no pós-guerra – com Claude Lévi-Strauss.

O encontro com a antropologia estrutural de Lévi-Strauss, a partir da década de 50, operou modificações em toda galáxia conceitual do universo teórico de Lacan. O paradigma estruturalista de Claude Lévi-Strauss dominará o que o próprio Lacan chama de “retorno a Freud”. Neste momento, Lacan retifica seus embasamentos antropológicos, se despede de Durkheim e adere à antropologia estruturalista de Lévi-Strauss. Este retorno, que se faz pelo caminho levistraussiano, marca o início oficial do ensino de Lacan, datado em 1953. Retorno que se institui menos como uma reelaboração da teoria freudiana do que como o nascimento

da doutrina lacaniana⁷. Portanto, conforme assinala Zafirooulos (2002; 2015), há mais do que uma discreta aproximação entre Lacan e as ciências sociais.

A convergência das investigações de Lacan em direção ao arcabouço sociológico de Émile Durkheim conduziu Zafirooulos (2002) nomear este período como o momento durkheimiano de Lacan. De 1938 a 1953, o embasamento sociológico de Durkheim foi capital nas elaborações de Lacan, a ponto deste formular a tese de *declínio social da imago paterna*, a qual deduziu da lei da contração familiar elaborada pelo sociólogo. Perante a lei da contração familiar, a tese proposta por Lacan assinala o “empobrecimento do poder identificatório das famílias e a degradação do complexo de Édipo”, agora incapaz de garantir a harmoniosa constituição subjetiva e social dos filhos e filhas (ZAFIROPOULOS, 2002, p. 12). Os pormenores da tese sócio-clínica elaborada em 1938 por Lacan serão desenvolvidos no subcapítulo 6.5.

Os trabalhos de Lacan que vão de 1938 a 1953 compilam o momento que Zafirooulos (2002; 2015) convencionou nomear como o período do **jovem Lacan**. Contudo, o *corpus* textual do jovem Lacan objeto de estudo da presente pesquisa foi demarcado no capítulo anterior e vai até 1949, ano da última publicação que sinaliza a influência sociológica de Durkheim dentro do campo de teorizações sobre constituição psíquica do sujeito.

A relevância deste conjunto de textos se sustenta na evidente antecipação de algumas discussões e reflexões que ocuparam Lacan em seus trabalhos posteriores e seminários. São textos com notável potencial teórico que trazem à tona as problemáticas do imaginário, do narcisismo, da agressividade e da constituição psíquica (NAVARRO, 2011). Textos que formam uma elaboração preciosa da antropologia lacaniana que abrangem desde o estudo da dinâmica familiar, sua composição e o valor social do pai, passando pelas condições sociais do edipismo, até apresentar um programa que tem consequências em relação à constituição psíquica, bem como as catástrofes que podem alterar o transcurso de tal estruturação, culminando nos avatares psicopatológicos e sintomáticos contemporâneos (ZAFIROPOULOS, 2015).

⁷ Segundo Zafirooulos (2015), Lacan era, sem dúvida, freudiano, no que concerne à origem e na forma de proceder, ainda que não o tenha sido, no que diz respeito a uma série de conceitos acerca dos quais teve a honestidade de sublinhar os pontos de divergência sobre determinada problemática (freudiana), por exemplo, a universalidade do Édipo, ou ainda, a teoria do narcisismo. Não obstante, este retorno se trata de uma retificação subjetiva da posição de Lacan frente ao saber psicanalítico e, em primeiro lugar, ao saber de Freud. As investigações de Lacan objetivam resolver o que em seu juízo são problemas cruciais da clínica do sujeito e, simultaneamente, problemas da clínica do social, mostra de uma epistemologia com credenciais freudiana.

De acordo com Navarro (2011), outro ponto que se destaca acerca do estudo do jovem Lacan concerne à tentativa de reduzi-lo somente à problemática do imaginário, notadamente, no que se refere a uma simplificação ao estágio do espelho, desconsiderando a complexidade e possíveis releituras deste *corpus* textual. Assim, na presente pesquisa, tomou-se por empréstimo o posicionamento de Navarro, no que tange sua consideração da potência interpretativa do conjunto de textos do jovem Lacan, conceituada como uma obra aberta, viva e susceptível de “fornecer novas inteligibilidades para questionar fenômenos socioculturais atuais que despontam no presente mostrando suas discontinuidades e radical carência de sínteses, completude e finalização” (NAVARRO, 2011, p. 13).

Ao se considerar que as bases durkheimiana e freudiana compõem os principais horizontes internos do período lacaniano em questão, convém realizar uma incursão nos termos sociológicos elaborados pelo pai da sociologia francesa, Émile Durkheim. A leitura hermenêutica dos textos em questão demanda a análise das referências que Lacan utiliza ao se referir, por exemplo, à família conjugal, à anomia, à degradação moral. Em função disso, cumpre esclarecer alguns pontos cabais do embasamento sociológico de Durkheim sobre a evolução da família, para compreender a conjuntura da elaboração teórica de Lacan entre 1938 e 1949.

4.2. Lacan leitor de Émile Durkheim

Lacan divergia de Freud em pontos teóricos específicos: a universalidade do Édipo, a primazia do pai no complexo de castração, sobre a teoria do instinto de morte, a teoria do narcisismo, da formação do supereu, do ideal do eu e do eu ideal. Sendo um jovem psicanalista e ainda se aprofundando nos conceitos (empreitada que o conduzirá a seu retorno a Freud), buscou noutras referências o que não o satisfazia no corpo doutrinal freudiano. Assim, se aproximou da sociologia de Durkheim e Mauss, de etnólogos norte-americanos, de alguns pós-freudianos e também dos trabalhos de Henri Wallon e outros. O principal, sem dúvida, fora Durkheim, conforme destaca Zafiroopoulos (2002) que dedicou o livro *Lacan y las ciencias sociales: la declinación del padre (1938-1953)* a uma análise e discussão pormenorizada do encontro entre Lacan e a sociologia moderna.

É sobre o corpo sociológico durkheimiano que Lacan apoia seus primeiros textos psicanalíticos. Mas, afinal, quais são os conceitos que Lacan toma de empréstimo do

sociológico francês para teorizar sobre o desenvolvimento psíquico do homem e seus percalços em estreita relação com a dinâmica da família?

Em 1938, Lacan elabora uma tese sobre o declínio social da imago paterna que será discutida com minúcia adiante. Por ora, uma antecipação dos pontos sobre os quais esta tese se organiza: a fecundidade subjetiva do complexo de Édipo não é estável e depende do valor da imago paterna no grupo familiar; imago que está sujeita às condições sócio-históricas da estruturação e funcionamento do grupo familiar; o valor da imago paterna que fundamenta o complexo de Édipo está em declínio, como efeito da *lei da contração familiar* que conduziu a evolução da instituição familiar paterna ao longo dos tempos. Evolução que consiste na transformação de suas formas primitivas amplas (organizadas segundo a lógica da linhagem simbólica correspondente a uma soberania do patriarca) à sua forma atual reduzida e *conjugal*. A forma conjugal da família é profundamente marcada por interesses matrimoniais gerenciados pela figura de um pai de poder e autoridade restritos, onde uma espécie de carência mórbida pode apresentar-se no ponto máximo desta declinação. Eis os primeiros termos durkheimianos a se destacarem, *a lei da contração familiar*, que conduziu ao advento da *família conjugal* (ZAFIROPOULOS, 2002).

4.2.1. A família conjugal e o declínio do direito paterno

Data de 1892 o texto *La famille conjugale*⁸ de Durkheim, fruto de seu Curso Público de Sociologia, ministrado na Faculté de Lettres de Bordeaux (publicado postumamente na *Revue Philosophique*, em 1921). Na aula “A família: a partir da família patriarcal” Durkheim (1892/1921) oferece a noção de família conjugal, a passagem abaixo é importante para conceituá-la, por isso será preciso fazer uma citação extensa do texto não traduzido em português:

A família conjugal resulta de uma contração da família paternal. Esta incluía o pai, a mãe e todas as gerações originadas deles, salvo as filhas e seus descendentes. A família conjugal já não inclui mais que o marido, a mulher, os filhos menores e solteiros. Há, com efeito, entre os membros do grupo assim constituído, relações de parentesco bastante característica, e que existem entre eles, e nos limites onde se estende o poder paternal. O pai deve alimentar o filho e fornecer sua educação até que este alcance a maioridade. [...]. Mas quando o filho está em idade de casar, ou quando é legitimamente

⁸ DURKHEIM, Émile. *La famille conjugale*. **Revue Philosophique**. Paris, n. XCI, 1921, pp. 2-14. Acessado em 18/01/2017 e disponível em: http://classiques.uqac.ca/classiques/Durkheim_emile/textes_3/textes_3_2/famille_conjugale.pdf

casado, todas as relações cessam. [...]. Ele pode, sem dúvida, continuar a habitar a casa do pai, mas sua presença não é mais do que um fato material ou puramente moral; não há mais quaisquer consequências jurídicas que ele (filho) tinha na família paterna. [...] Em todo caso, uma vez casado, a regra é que ele se torne independente. Sem dúvida ele (o filho casado) segue ligado a seus pais, ele deve alimentá-los em caso de enfermidade e, inversamente, ele tem direito a uma parte determinada da fortuna familiar, [...]. Essas são as únicas obrigações jurídicas que sobrevivem (das formas anteriores de família). Não há nele nada que recorde o estado de dependência perpétua que estava no fundamento da família paterna e a família patriarcal. Estamos, portanto, em presença de um tipo familiar novo. Visto que seus únicos elementos permanentes são o marido e a mulher e que todos os filhos abandonam cedo ou tarde a casa, proponho chamá-la de família conjugal. (p. 4.)

Assim se define a família que Lacan tomou como referência e salientou sua excelência na introdução do texto de 1938. Definição a princípio jurídica, posto que as análises de Durkheim fazem referência à evolução do direito que regula a família. Logo, tal perspectiva enfatiza menos o declínio do poder do pai sobre os filhos do que a declinação jurídica de sua autoridade. Como reflexo do declínio da autoridade paterna, Durkheim aponta a perda de poder social do grupo familiar e sua amplitude no curso da história. Atrelada a esta limitação do poder do pai se soma a intervenção do Estado na totalidade do funcionamento da família conjugal (ZAFIROPOULOS, 2002).

Consideração esta que reverbera nas elaborações teóricas do jovem Lacan, onde a declinação do poder do pai no âmbito social e jurídico, assim como o desprestígio do grupo familiar, compõem o que ele nomeou como condições sociais do edipismo, ou seja, além de relativizar a abrangência do complexo de Édipo, subordinou seu surgimento (e da própria psicanálise) à família conjugal.

4.2.2. Lei da contração familiar

A passagem da família paterna para a forma conjugal foi possível devido a uma operação de contração que Durkheim nomeou como a *lei da contração familiar*, organizadora de toda a história da instituição familiar, cuja forma conjugal caracteriza o ponto culminante desta evolução. Mas, afinal, do que trata essa lei paradigmática no progresso das formas da família?

O estudo da família ensinou a Durkheim que quanto mais extensas são as relações com o meio social, mais a instituição familiar se contrai para preservar a possibilidade de gerenciar seus conflitos internos e, portanto, sua competência de reprodução. Deste ponto de vista, a dinâmica da contração modifica não só o tamanho do grupo familiar, mas também sua estruturação, seu vínculo com os bens e a conjuntura das relações entre seus membros. Em outras palavras, ao se contrair em volume, se modifica também a maneira como a família se constitui. A consequência máxima da contração é a fragilidade extrema do laço familiar.

A família conjugal, tal como descrita acima por Durkheim, se deriva da família paterna que, por sua vez, se origina de uma contração da família primitiva. Para entender a transformação de uma à outra a partir da lei da contração que ordena a sucessão de suas formas, torna-se necessário compreender o funcionamento de cada uma em função da história que a precedeu.

Nas formas primitivas das famílias, um grupo de pessoas havia se organizado segundo a lógica de um comunismo originário (reunião ao redor de “*haberes*” *comunes*), que fazia depender as relações do grupo doméstico pela propriedade coletiva e sagrada das coisas. Da posse coletiva das coisas se deduzia então o laço de parentesco entre as pessoas reunidas em grupos amplos e de modo relativamente autônomo em relação aos laços de consanguinidade (ZAFIROPOULOS, 2002).

A concentração da família resulta no advento do poder patriarcal e da propriedade privada e faz originar o chefe de família, de tal modo que rompe o governo das coisas, condensa e transfere a condição sagrada do patrimônio em benefício da figura do pai. Mas, ao mesmo tempo que as coisas perdem seu caráter sagrado, abre-se espaço a um sistema de “objetos profanos” que exigem a invenção do direito da propriedade individual.

A propriedade individual inaugura uma nova possibilidade de trocas (inclusive com pessoas de fora do grupo) que contrariam a lógica da família nos moldes patriarcais. Neste sentido, Durkheim enfatiza o antagonismo entre a família patriarcal e a sociedade conjugal, não podendo desenvolver-se paralelamente. Isto porque, se a família sustenta um forte sentimento de unidade (característico do comunismo familiar), se contrapõe a possibilidade de que algo do patrimônio familiar comum corra o risco de cair em mãos erradas (sob o regime da comunidade dos bens conjugais).

De acordo com Durkheim (1892/1921), a sociedade conjugal se desenvolveu primeiro nos povos germânicos, aonde a decadência relativa da família paterna face ao progresso da economia dos bens matrimoniais conduziu à formulação definitiva da noção de comunidade dos bens conjugais no século XIII. Em acréscimo, a influência da Igreja e, por fim, do Estado, teriam configurado a organização da família em sua forma moderna e conjugal.

Em particular, compete enfatizar os efeitos da expansão do poder estatal moderno no processo de enfraquecimento do poder familiar e na decadência de seu chefe, podendo, inclusive, a partir da lei de 1889, despojá-lo totalmente de seus direitos. Com as mudanças, coube ao Estado, através do Código Civil, o regime de fixação das regras de funcionamento, da composição e até da definição mesma da família. Em suma, a soberania do pai na família patriarcal (ou paterna) é sucedida pela soberania do Estado na complexa família conjugal. Complexidade que se deve ao legado das formas superadas de sua evolução.

Durkheim também adverte sobre as incidências subjetivas de sua lei da contração, emergentes como contrapartida da progressiva debilidade da consciência familiar. O sociólogo acentua que a fragilidade do patrimônio doméstico do grupo familiar apresenta-se acompanhada pela debilidade da consciência e pelo nascimento de um individualismo moderno, no qual suas formas mórbidas egoístas promovem um universo de desarranjos passionais, a anomia, a miséria moral e até a morte voluntária.

Lacan (1938/2002), sem dúvida durkheimiano, tangencia as mudanças no grupo familiar – passagem da família primitiva à família patriarcal e depois à família conjugal – no decorrer da história, descritas na introdução dos *Complexos Familiares*:

[...] a família primitiva desconhece os laços biológicos de parentesco [...]. Além disso, o parentesco só é reconhecido por intermédio de ritos que legitimam os laços de sangue e, quando necessário, criam laços fictícios: fatos do totemismo, adoção, constituição artificial de um agrupamento agnático como a *zadruga* eslava. Do mesmo modo, segundo nosso código, a filiação é demonstrada pelo casamento. (p. 14-5).

Este é o corpo sociológico sobre o qual se sustenta o jovem Lacan, principalmente para compor o texto de 1938, onde utiliza o saber articulado por Durkheim sobre a evolução da família e suas incidências morais para instituir uma clínica psicanalítica procedente da lei da contração familiar formulada pelo pai da sociologia francesa.

4.3. O palco de uma escrita: o jovem Lacan

O ponto de partida desta aventura hermenêutica ao longo dos contextos externos e internos do jovem Lacan é a década de 30. No início dos anos 30, Jacques-Marie Émile Lacan era um jovem psiquiatra que, num percurso clássico de formação, se dedicou ao estudo da clínica das doenças mentais e do encéfalo no Hospital Sainte-Anne, localizado em Paris, hospital no qual se tornou interno, dividindo a sala de plantão com Henri Ey, Pierre Mâle, Pierre Mareschal e Henri Frédéric Ellenberger. E foi no anfiteatro do Saint-Anne que Lacan deu início a sua famosa apresentação de doentes.

A incursão de Lacan na psicanálise teve como motor principal a atitude surrealista. O encontro com o surrealismo de Salvador Dalí operou em Lacan uma transformação na apreensão da linguagem no domínio das psicoses. Neste momento de evolução do seu pensamento, Lacan lia a obra de Freud e localizava no surrealismo o instrumento que faltava à teorização da paranoia (ROUDINESCO, 2008).

O principal escrito de Lacan produzido na primeira metade da década de 30 foi a elaboração de sua tese *De la psychose paranoïaque dans ses rapports avec la personnalité*, defendida em 1932. Trabalho que opera uma síntese de três domínios do saber: a clínica psicanalítica, a doutrina freudiana e o surrealismo. Essa síntese se apoiava também sobre uma admirável compreensão da filosofia – Spinoza, Jaspers, Nietzsche, Husserl e Bergson. A tese de medicina ainda é uma obra de psiquiatria, embora sendo, de igual modo, um texto psicanalítico. A tese sobre a paranoia marcou os novos rumos do pensamento de Lacan, capturado de vez pelo saber psicanalítico – tal como a saga do *infans* na frente do espelho, ironicamente, objeto de suas investigações neste período. Período que coincide com outro dado de sua formação: ele passa a frequentar o divã de Rudolf Loewenstein, onde permanecerá por seis anos. Lacan encerrou sua conturbada análise em 1938 (ROUDINESCO, 2008).

Ainda no tema da formação de Lacan, o ano de 38 também assinala o momento em que ele se tornou membro da Sociedade Psicanalítica de Paris (Société Psychanalytique de Paris – SPP) e junto à Sacha Nacht, Daniel Lagache, Pierre Mâle, Marc Schlumberger, John Leuba e outros, integrantes da segunda geração de psicanalistas da SPP. Todos aderem a uma sociedade que se mantém sob a égide da Associação Psicanalítica internacional (International Psychoanalytical Association - IPA).

Os anos de 1933/4 foram marcados pelo acesso a um novo horizonte filosófico. O convívio com Alexandre Koyré, Henry Corbin, Georges Bataille e Alexandre Kojève, em particular, lhe permitiu a entrada numa modernidade filosófica que passava pela leitura de Husserl, Nietzsche, Hegel e Heidegger. Sob a ótica da historiadora Elisabeth Roudinesco (2008), não fosse essa iniciação, a obra de Lacan teria permanecido condicionada ao saber psiquiátrico ou a uma assimilação acadêmica dos conceitos freudianos.

Ao passo que Lacan ia estreitando laços com um círculo intelectual moderno do qual se abastecia de conceitos para reformular suas teorizações, ele foi se afastando do meio psiquiátrico que, a essa altura, já reconhecia seu valor. Os dois filósofos que ascendem como fonte primeira das reelaborações de Lacan na segunda metade da década de 30 são Alexandre Kojève e Henri Wallon.

Por intermédio das palavras de Kojève, uma geração de pensadores descobriu as palavras-chave da filosofia de Hegel. No decorrer dos seis anos de seu seminário, a palavra deste homem se converteu na linguagem mesma da modernidade. Através de seus ensinamentos, Lacan aprendeu conceitos e um estilo de ensino que fez sucesso em seus seminários nos anos 50, a leitura e comentário de textos.

Dos ensinamentos de Kojève, Lacan apreendeu três conceitos capitais que serão empregados a partir de 1936: “o *eu* [*je*] como sujeito do desejo, o *desejo* como revelação da verdade do ser, o *eu* [*moi*] como lugar de ilusão e fonte de erro” (ROUDINESCO, 2008, p. 150). Essa tríade conceitual reaparece combinada ao tema da psicogenia da loucura e da essência da família nos textos de Lacan publicados entre 1936 e 1949, a saber: *Os complexos familiares na formação do indivíduo* (1938/2002), *Formulações sobre a causalidade psíquica* (1946/1998) e a segunda versão do *Estádio do Espelho* (1949/1998).

A notória influência de Wallon na doutrina do jovem Lacan remonta à relação que estabeleceram na Sociedade de Psiquiatria, onde se encontraram em diversas oportunidades entre 1928 e 1934, sendo 1934 o ano que Lacan toma conhecimento da famosa prova do espelho enunciada por Wallon no livro *Les origines du caractère chez l'enfant: les préludes du sentiment de personnalité*⁹. Inspirando-se na (ou apropriando-se da) experiência walloniana, Lacan a utilizou como estrutura para desenvolver seu conceito do estágio do espelho, enunciado em Marienbad no ano de 1936 (ROUDINESCO, 1993, 2008, 2011).

⁹ WALLON, Henri. **As origens do caráter da criança**: os prelúdios do sentimento de personalidade. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1971.

De acordo com Roudinesco (2008), esta famosa aventura walloniana do espelho se estabelece como uma novela de Lewis Carroll. As histórias do filósofo convertido em médico versam sobre cães, gatos, patos, crianças, que atravessam espelhos e observam com deleite ou indiferença seu reflexo resplandecente. O tom fantástico de Carroll, ludicamente evocado por Roudinesco, se dissipa ao descrever os passos que Wallon segue em seu experimento científico. Wallon compara as reações dos animais com as das crianças, comprovando a presença de posturas diferentes, segundo a idade.

A experiência walloniana da prova do espelho apoia-se na ideia darwiniana segundo a qual a transformação de um indivíduo em sujeito demanda o atravessamento dos desfiladeiros de uma dialética natural¹⁰. No plano dessa transformação, que para a criança equivale à resolução de seus conflitos, a experiência do espelho é um ritual de passagem que ocorre entre seis e oito meses de vida. Ela viabiliza para a criança o reconhecimento e a unificação de seu eu no espaço. Para Wallon, a prova do espelho especifica a passagem dialética do especular ao imaginário e do imaginário ao simbólico (ROUDINESCO, 2008).

Lacan toma de “empréstimo” a prova do espelho de Wallon e transforma a experiência psicológica em uma teoria da organização imaginária do sujeito. A primeira mudança é a conversão da prova em *estádio*, ou seja, refere-se a uma “posição”, fazendo desaparecer toda referência a uma dialética natural qualquer (maturação psicológica ou progresso do conhecimento) que permita ao sujeito unificar suas funções. A partir de então, o *estádio do espelho* torna-se uma operação psíquica, ou mesmo ontológica, matriz que proporciona, por antecipação, o devir imaginário do eu e da alteridade, através de uma identificação com a imagem especular.

Munido deste arsenal teórico-conceitual, Lacan participa, pela primeira vez, de um congresso da IPA, realizado em Marienbad no ano de 1936. Freud, doente, ficara em Viena, e a cidade de Marienbad, próxima da Áustria, fora escolhida para que Anna pudesse socorrer seu pai em caso de emergência. Nessa época, na efervescência das Grandes Controvérsias, um clima bélico inspirava os debates que opunham os defensores de Melanie Klein e os de Anna Freud, a propósito da psicanálise de crianças.

¹⁰ A concepção da psicologia para Wallon se baseia numa dialética das transformações, cuja noção de desenvolvimento tem um papel central. Seu interesse se firma no fator orgânico, ligado à maturação do sistema nervoso central, inseparável das influências do fator sociocultural na determinação daquele. Seu ponto de vista consiste em construir uma psicobiologia, assumindo assim uma postura interacionista. No campo da infância, Wallon funda as bases de sua pesquisa, definindo o objeto da psicologia como um atravessamento entre duas situações: a sucessão descontinuada de estádios, através de suas retificações em termos de crises, o que indica o passo do estado infantil à situação adulta.

Neste contexto institucional, Lacan apresentou suas elaborações acerca do *estádio do espelho*. Contudo, ao cabo de 10 minutos de exposição, Ernest Jones (o então presidente da IPA) o interrompeu, alegando falta de tempo. Descontente, Lacan não entregou sua comunicação às autoridades competentes, posto que o texto não figura nas atas do congresso. Por fim, Lacan abandona o congresso e decide acompanhar as Olimpíadas de Munique.

O itinerário tumultuoso deste texto histórico iniciado em 1936 só ganhou a versão como publicação em 1949, reinventado para um novo congresso da IPA, em Zurique. Antes da versão publicada nos *Escritos*, Lacan inseriu o essencial sobre o estádio do espelho em uma parte do artigo sobre a família, publicado em 1938 na Enciclopédia Francesa.

A Enciclopédia Francesa foi um empreendimento idealizado pelo Ministério da Educação da França, e se destinou a dar conta do estado da cultura moderna, ao estilo da filosofia das luzes. Tratava-se de um inventário dos conhecimentos humanos, tendo o homem como o objeto real e central de estudo (ROUDINESCO, 1993).

A origem da Enciclopédia data do ano de 1932, onde o historiador Lucien Febvre, responsável pelo projeto, solicita a Henri Wallon que este elabore uma espécie de catálogo da vida afetiva que integraria uma “paleontologia psíquica”. Wallon aceita a proposta de Febvre e, em 1934, começa o volume VIII da Enciclopédia, a qual intitula *La Vie Mentale* e ocupa a parte *Circonstances et objets de l'activité psychique*. Diante da empreitada nada simples, Wallon reúne outros colaboradores, entre eles: Pierre Janet, Charles Blondel e Georges Dumas, Eugène Minkowski, Paul Schiff, Édouard Pichon, Benjamin Logre, Daniel Lagache e Jacques Lacan.

Enquanto Pichon se encarregou do artigo sobre a psicanálise e Lagache se dedicou ao campo da sexualidade, a Lacan coube a seção *La Famille*, título com o qual o artigo foi publicado (Wallon convidou Lacan em 1936, mas o texto só ficou pronto em 1938, após inúmeras reelaborações feitas por Lacan, Febvre, Wallon e Rose Celli (colaboradora de Febvre) com o propósito de torná-lo menos incompreensível). Em 1984, o artigo sobre a família foi publicado com outro título: *Os complexos familiares na formação do indivíduo: ensaio de análise de uma função em psicologia*. O texto sobre a família constitui a última contribuição escrita de Lacan no período do entre guerras, retornando à escrita apenas em 1945 (ROUDINESCO, 1993).

De acordo com Roudinesco (2008), o texto sobre a família conjuga legibilidade e obscuridade, da mesma forma que denota o momento de transição em que o pensamento lacaniano se encontrava. “Lacan incluía nesse balanço o conjunto de sua reelaboração conceitual anterior à guerra – daí o caráter simultaneamente sintético e programático do texto” (p. 199). A trama teórica do texto é composta por uma amálgama de considerações clínicas e psicopatológicas, aliadas a uma análise de distintas teorias psicanalíticas, antropológicas e sociológicas, a fim de compreender o status e evolução da família ocidental (ROUDINESCO, 2011).

Nos *Complexos familiares* é possível encontrar conceitos e noções que posteriormente serão desenvolvidas e servirão de arcabouço para o conjunto de seu ensino, tais como: complexo do desmame, imago do seio materno, transmissão via linguagem/simbólico, apetite da morte, nostalgia do todo, identificação mental, estádio do espelho, supereu arcaico, declínio da imago paterna, primazia da pulsão ante o instinto (ROUDINESCO, 2008).

As fontes que embasam tais termos matrizes da doutrina lacaniana procedem de diferentes horizontes do saber. Destaca-se uma miscelânea de disciplinas que haviam nutrido o pensamento de Lacan até então: uma associação entre o vocabulário da psiquiatria – presente na tese de 1932 – e a terminologia da escola psicanalítica francesa; considerações kleinianas; a influência filosófica de Wallon e Kojève, que viabilizou uma leitura não biológica e fenomenológica da doutrina freudiana; uma análise sociológica da família – especificamente no que se refere à família conjugal instituída por Émile Durkheim –, efeito da frequência do Colégio de Sociologia, da leitura do sociólogo e antropólogo Marcel Mauss; e, por fim, reflexões embasadas em considerações do biólogo e filósofo alemão Jakob von Uexküll (ROUDINESCO, 2008).

Na primeira parte do texto, opõe complexo ao instinto para interpretar as três estruturas que contribuem para a formação do psiquismo. Tomada por Freud da escola de Zurique, a palavra *complexo* denomina um conjunto de representações que podem ser tanto conscientes como inconscientes. O complexo é designado por Lacan como o fator concreto que permite compreender a estrutura da instituição familiar, considerada entre o fenômeno cultural que a determina e os vínculos imaginários que a organizam. As três estruturas, dispostas de maneira hierárquica e sucessiva, formavam o modelo de toda interpretação do desenvolvimento subjetivo. Nela se encontravam o complexo do desmame, o complexo de intrusão e o complexo de Édipo. Na segunda parte, Lacan interpreta a questão dos complexos

em patologia em função da síntese que elaborou na primeira parte; faz um balanço de seus próprios trabalhos no domínio da psicose, acrescentando-lhe uma perspectiva freudiana no tocante às neuroses (ROUDINESCO, 1993).

Em termos sociológicos e antropológicos, o parecer de Lacan a respeito da família ocidental considera a crise da modernidade que havia afetado as sociedades europeias. Crise organizada em torno de uma nova bipolarização das ordens do masculino e do feminino, revelando-se na decadência da autoridade paterna, bem como da família paternalista, e na feminização da sociedade ocidental, através de uma virilização do princípio feminino.

Em termos de evolução do sistema de pensamento lacaniano, *Os Complexos familiares* é um texto que representa um momento crucial na formação da doutrina deste autor. “Opera uma vasta síntese, ainda que confusa e elíptica, na qual o wallonismo é reinterpretado desde o ponto de vista freudiano, elaborado, por sua vez, em termos de kojevismo” (ROUDINESCO, 1993, p. 150). Ou seja, além de apresentar uma síntese da conversão da noção de Wallon da prova do espelho transformada no conceito do estágio do espelho, Lacan revisa a doutrina do complexo de Édipo. A isto se integra a teoria acerca da psicose, cuja origem remonta à tese de 1932. Vale ainda ressaltar o fato de que, em todo o texto, Lacan não cita Wallon, o que pode traduzir-se como uma tentativa de apagar o nome do psicólogo e outorgar a si próprio como o único introdutor do termo.

Fosse por essa posição perante seu antecessor, fosse por convicções teóricas, o texto de 38 sobre a família rendeu a Lacan algumas críticas. Entre os que reagiram, na primeira fila encontra-se Édouard Pichon, que redigiu na *Revue Française de Psychanalyse* uma resposta intitulada “A família perante o Sr. Lacan”¹¹ (1939). Roudinesco (2008) descreveu o ocorrido da seguinte forma:

Pichon dirigiu-se a Lacan vilipendiando-o, começava por dar-lhe uma lição de gramática, recriminando-o por usar jargão, criar neologismos e empregar palavras de maneira imprópria. [...]. Na realidade, estava furioso com a maneira pela qual Lacan se apropriava, sem declará-lo explicitamente, dos conceitos e noções utilizados por seus predecessores: o próprio Pichon, Codet e Laforgue. Embirrava também com os ataques sarcásticos que ele lançava contra autores que não se dignava nomear. Mas o essencial da diatribe incidia sobre a diferenciação entre duas palavras: *cultura e civilização*. (p. 207-8. Grifos da autora).

¹¹ PICHON, Édouard. La famille devant M. Lacan. **Revue Française de Psychanalyse**, vol. 11, n° 1, p. 107-149, 1939. Disponível em: <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k1103926/f111.image.langFR>

A discordância entre Pichon e Lacan girava em torno da questão da discriminação entre cultura e civilização. Na visão de Pichon, Lacan utilizou a palavra cultura (fato pessoal) ao invés da palavra civilização (fato coletivo). Acontece que o universalismo de Lacan rejeitava o discurso maurrasiano fundado na pretensa superioridade da civilização francesa sobre as demais culturas, em especial, a *kultur* alemã, concebida como uma interioridade individual. A antropologia moderna adotada por Lacan sustenta a ideia de uma universalidade da razão e da cultura humana diante da natureza, frente a quaisquer que fossem as diferenças internas a essa cultura e a essa razão. Ao passo que o universalismo de Pichon não era igualitário, fixava suas bases na pretensa superioridade da civilização francesa, e é nesta perspectiva que ele recrimina Lacan por ser “alemão”, isto é, por suas raízes filosóficas hegelianas e marxistas.

O ano de 1939 na história do movimento psicanalítico é marcado pela morte de Freud, a data: 23 de setembro. Enquanto na Alemanha Ernerst Jones instaura uma política de colaboração com os nazistas, na França a situação se desenha de maneira distinta, o horizonte da psicanálise se modificava, em razão da ascensão da segunda geração francesa na SPP composta por Jacques Lacan, Sacha Nacht, Daniel Lagache e Françoise Dolto.

Lacan não publicou nos anos de guerra, o que não significa dizer que seu pensamento tenha permanecido inalterado, ou mesmo que foi um período improfícuo de suas ideias e escrita. Sua vida, seus costumes, suas amizades se transformaram. Em 1945, suas questões se situavam na relação entre o individual e o social, o que o conduziu à problemática da essência do vínculo social, transpondo a esfera familiar e adentrando no panorama da psicologia coletiva com todo sentido freudiano que cabe ao termo. Assim como todos os psicanalistas de sua geração, Lacan constatou a proficuidade da teoria freudiana na análise do regime político autoritário (nazista e fascista). Todavia, levou em conta a noção do declínio da imago paterna para analisar tanto o devir da família moderna nas sociedades industriais, como a supremacia concedida ao chefe no nazismo (ROUDINESCO, 2008).

Assim, Lacan renovava sua leitura da doutrina freudiana à luz do hegelianismo, dando prosseguimento àquela efetuada antes da guerra. E não era por acaso que Lacan defendia a vigente necessidade de um abandono definitivo de todo organicismo em matéria de psiquiatria. “Pois tal revisão da tese freudiana do primado do eixo vertical ia de par com a aceitação de uma concepção exclusivamente psicogenética da personalidade humana” (ROUDINESCO, 2008, p. 243).

Lacan foi mobilizado a tal ponto por essa ideia que, no Colóquio de Bonneval de 1946, teceu críticas severas à teoria organo-dinamicista de seu amigo Henri Ey, mesmo que ambos concordassem em combater a doutrina do constitucionalismo. Ao se opor ao organo-dinamicismo, Lacan pôs em evidência a causalidade psíquica como causa única da loucura. Sua contraposição à doutrina de Ey o levou a reconhecer, pela primeira vez, Gaëtan Gatian de Clérambault como seu único mestre em psiquiatria, apesar de ter escolhido, em 1932, o ensino mais dinâmico de Henri Claude, a quem devia a concepção estrutural e psicogenética da loucura.

O texto do colóquio de Bonneval que brindou Henri Ey com o enunciado crítico lacaniano foi *Formulações sobre a causalidade psíquica* (1946). Nesse período, Lacan abandona sua teoria da personalidade com base na filosofia de Spinoza, renunciando a fenomenologia psiquiátrica da qual foi partidário até 1932, e a substitui por uma fenomenologia vinculada à filosofia de Hegel, Husserl e Heidegger, oriunda da frequentação da escola francesa dos historiadores das ciências (ROUDINESCO, 2008).

Nas *Formulações* Lacan expõe sua perspectiva da causalidade psíquica com base numa leitura hegeliana da loucura, especificamente, e considera a famosa dialética do senhor e do escravo para derivar sua fórmula geral da loucura, aplicável em qualquer fase do desenvolvimento dialético do ser humano. Tais proposições o conduziram a refletir sobre a condição da liberdade humana. Nas palavras filosóficas, quiçá poéticas, de Lacan (1946/1998):

Longe de ser para a liberdade “um insulto”, ela (a loucura) é sua mais fiel companheira, e acompanha seu movimento como uma sombra. E o ser do homem não apenas não pode ser compreendido sem a loucura, como não seria o ser do homem se não trouxesse em si a loucura como limite de sua liberdade. (p. 177)

A noção do estádio do espelho reaparece no texto de 1946, no qual Lacan concebe o estádio do espelho como o acontecimento que marca a própria gênese psicológica do homem, ao instaurar as relações imaginárias fundamentais num comportamento exemplar de uma certa fase do desenvolvimento. Reporta-se também aos *Complexos familiares*, apontando a escansão da história do desenvolvimento psíquico como uma história de renúncias (aos objetos das imagos).

Ao voltar ao tema da psicogênese da loucura, Lacan trata o desfecho do delírio, motivado por um mecanismo que se refere à agressão suicida do narcisismo (bem mais do que à autopunição). Pois, ao golpear violentamente sua imagem ideal, o louco atinge a si mesmo. Estas formulações prepararam o terreno para a exposição acerca da agressividade apresentada no XI Congresso dos psicanalistas de língua francesa, em Bruxelas, no ano de 1948.

A agressividade em psicanálise é o título da apresentação que deu origem ao texto homônimo. No referido texto, Lacan retoma todos os temas enunciados em seus textos precedentes. Inicia por uma leitura da segunda tópica, distingue o eu [*moi*], referência imaginária, do *je*, indicativo de uma posição do sujeito e incorpora ainda algumas ideias kleinianas. Divide o texto em cinco partes propostas como teses, resumidas da seguinte forma: a primeira tese propõe a agressividade como uma experiência subjetivante. A segunda tese destaca que a agressividade se apresenta na experiência como intenção agressiva e como imagem de desmembramento corporal (agrupadas nas imagens do corpo despedaçado). A terceira tese concerne ao impulso de agressividade posto em cena pela técnica analítica, onde a transferência negativa induz uma paranoia dirigida. Por esse motivo, Lacan toma por empréstimo a ideia kleiniana da posição paranoide e faz do eu uma instância de desconhecimento organizada numa estrutura paranoica a ser considerada na experiência de análise. Posição que leva Lacan a concordar com a perspectiva de Melanie Klein acerca da necessidade de conceder um lugar primordial à transferência e de não fazer do eu o lugar de uma apropriação do isso. A quarta descortina a questão da tendência agressiva correlativa a um modo narcísico de identificação, determinante da estrutura formal do eu. É nessa parte que o autor utiliza a noção de estádio do espelho para tratar da gênese do eu e do objeto. Na quinta e última tese, Lacan traz à tona a dialética hegeliana do senhor e do escravo para salientar a função própria da agressividade na ontologia humana, como uma das coordenadas intencionais do eu humano, cujo papel se faz presente na neurose moderna e no mal-estar na civilização.

Como se pode ler, na edificação de suas primeiras teorias, o jovem Lacan manteve em pauta a gênese do eu e do sujeito sob o holofote da filosofia moderna alemã, do pensamento de Wallon e da doutrina freudiana. Percurso que será coroado no XVI Congresso da IPA realizado em Zurique no verão de 1949. Entre os representantes da SPP estavam Lacan, Lagache, Nacht, Bonaparte e Leuba. Treze anos depois, Lacan voltou à temática especular numa exposição intitulada *O estádio do espelho como formador da função do eu [je] tal como nos é revelada na experiência analítica*. Todavia, a exposição marca o giro na evolução de

seu pensamento, pois “as teses enunciadas em 1949 não eram mais as de 1936, e Lacan colocava, doravante, a psicanálise sob o signo de uma filosofia não freudiana do sujeito – o *je* diferenciado do eu – que devia opor-se radicalmente a toda filosofia oriunda do cogito” (ROUDINESCO, 1993, p. 269).

O texto de 1949 torna evidente o efeito em Lacan da frequência do seminário de Kojève. As exposições de seu mestre hegeliano o conduziram a interrogar-se sobre a gênese do eu pela via de uma reflexão filosófica acerca da consciência de si. Por conseguinte, Lacan fez uma leitura da segunda tópica e do narcisismo freudiano, indo no sentido oposto a *ego psychology*, para formular sua teoria do imaginário.

Quanto à reelaboração freudiana de 1920, dois caminhos se abriam. O primeiro equivalia fazer do eu o resultado de uma diferenciação progressiva do isso, operando como representante da realidade e encarregado de manter as pulsões; o segundo, por via oposta, consistia em considerar a gênese do eu como uma série de operações fundadas na identificação com imagos advindas do outro. A segunda opção foi a escolhida por Lacan, e são as concepções resultantes desta escolha que ele apresenta na versão de 49 do estádio do espelho, ao demonstrar que a experiência de assunção jubilatória da imagem do corpo unificado (eu [moi]) manifesta “a matriz simbólica em que o *je* se precipita numa forma primordial, antes de se objetivar na dialética das identificações com o outro e antes que a linguagem lhe restitua, no universal, sua função de sujeito”. (LACAN, 1949/1998, p. 97).

Sobre o narcisismo, Lacan tomou um caminho contrário ao de Freud. O ponto crucial da constituição da imagem corporal e do eu no ensino de Lacan denota a essencialidade do outro nesse processo. “O eu se constitui a partir da imagem do semelhante, sem a qual não haveria possibilidade alguma de constituição do eu. Portanto, a origem é o semelhante e sua imagem” (EIDELSZTEIN, 2015, p. 18). Ao passo que o oposto se esboça na lógica proposta por Freud na teorização do narcisismo, cujo processo de formação do eu prescinde do outro. Em termos de dinâmica libidinal, a libido deve retornar sempre ao próprio eu, e o outro torna-se um recurso para o caminho da satisfação do eu. De acordo com Eidelsztein (2015), fazer coincidir a teoria do narcisismo de Freud com o *estádio do espelho* de Lacan é um engano comum no campo psicanalítico, posto que os autores partem de posições contrárias em relação à preponderância da imagem do outro na constituição do eu.

Perante esta distinção – e por outras influências – o jovem Lacan será considerado mais kleiniano que freudiano. No texto sobre a família, ele já havia deduzido o paralelismo

existente entre sua elaboração teórica e as teses de Melanie Klein (1882-1960). As questões da psicanalista inglesa eram, simultaneamente, paralelas e heterogêneas às suas. Apesar de ter tomado vias diferentes, Lacan, assim como Klein, questionou o estatuto do sujeito, a estruturação das relações de objeto, o papel arcaico da ligação edipiana, a posição paranoica do conhecimento humano, etc. (ROUDINESCO, 1993, 2008). Ambos teorizaram sobre a loucura associada à dialética do sujeito humano, elegendo o campo da psicose como âmbito de trabalho e pesquisa; assim como ela, Lacan explorou os mais arcaicos elementos da relação de objeto, com o intuito de resolver o enigma da condição imaginária do homem; por fim, tanto um, como o outro, abordaram o corpus teórico freudiano a fim de insuflar-lhe um novo impulso. Contudo, enquanto Melanie Klein utilizou os conceitos forjados por Freud para efetuar sua reelaboração no próprio interior do pensamento freudiano, Lacan nutriu seu pensamento com disciplinas e saberes exteriores ao freudismo: psiquiatria, surrealismo, filosofia, sociologia, antropologia.

4.4. Lacan leitor de George Politzer

Uma terceira influência de viés filosófico na herança do jovem Lacan fica por conta de George Politzer (1903-1942), filósofo e teórico de origem húngara, de quem Lacan adota a noção de *psicologia concreta*. Lacan faz eco aos estudos de Politzer tanto nos *Complexos familiares* quanto no texto *Formulações sobre a causalidade psíquica* de 1946.

Exímio leitor de Freud, George Politzer publicou, aos vinte e cinco anos, o livro *Crítica dos fundamentos da psicologia: a psicologia e a psicanálise* (1928/1998), uma crítica à teoria dos sonhos e do inconsciente freudiano. Trata-se de uma obra de epistemologia da psicologia, onde Politzer tem como objetivo demolir as bases da psicologia científica, sem distinção de tendência, inaugurando a noção de psicologia concreta.

Politzer apresenta aos psicólogos a questão sobre o status científico e filosófico de seu objeto. “Entre a física, ciência ‘objetiva’ na terceira pessoa, e a psicologia, ciência da primeira pessoa, não há lugar para outro campo científico que seja capaz de estudar, na terceira pessoa, os fatos da primeira” (ROUDINESCO, 1993, p. 75). Contudo, a psicologia aspira exercer essa tarefa. É neste sentido que a crítica politzeana à psicologia recai sobre a impessoalidade com que se aproxima de seu objeto, ao vazio de significado, sobretudo, uma concepção rígida dos comportamentos individuais. Sob esta etiqueta, Politzer localiza a psicologia abstrata,

clássica, experimental (laboratorial) que descreve fatos psicológicos desassociados de um sujeito.

À psicologia abstrata opõe o princípio da psicologia concreta que toma por objeto o estudo do que Politzer denominou “drama da vida” do homem, seus desejos, seus atos, seu devir histórico, respeitando suas idiossincrasias e não delimitando conceitos (memória, inteligência, imaginação). Assim, a posição de Politzer tem por efeito ligar uma estrutura a uma história, uma subjetividade a uma dinâmica evolutiva, por isso rechaça a perspectiva de um sujeito plenamente dono de seus atos. Ao objetivar quebrar o marco da psicologia, toma o freudismo como instrumento, defendendo a psicanálise como psicologia científica propriamente dita, legítima psicologia concreta (PASTRE, 2006).

Os fundamentos da psicologia concreta inspiraram as elaborações do jovem Lacan deste o período de sua tese. Em 1938, outorga a psicologia concreta como o único método de observação e análise capaz de acessar a estrutura cultural da família humana. Em 1946, dedica à psicologia concreta as seguintes linhas:

foi com um sentimento assim, bem sei, que o grande espírito de Politzer renunciou à expressão teórica em que teria deixado sua marca indelével, para se dedicar a uma ação que iria arrebatá-lo de nós irreparavelmente. Pois não percamos de vista, ao exigir, seguindo os passos dele, que uma psicologia concreta se constitua como ciência, que nisso estamos apenas nas postulações formais. Quero dizer que ainda não conseguimos estabelecer a mínima lei em que se pautasse nossa eficácia. (LACAN, 1946/1998, p. 162)

Na citação acima, Lacan se refere à tentativa, por parte dos psiquiatras presentes na jornada de Bonneval, de delimitação do objeto da psicologia com base no estabelecimento de uma fenomenologia da relação psicanalítica, tal qual vivida entre médico e doente. Ou seja, essa menção a Politzer embasa sua crítica aos defensores do organo-dinamicismo de Henri Ey. Nas páginas finais do texto, Lacan define o conceito de objeto em que se fundaria uma psicologia científica: a *imago*.

George Politzer marcou os rumos da psicanálise na França, influenciou não só Lacan, igualmente se firma como influência filosófica para Maurice Merleau-Ponty, Jean Paul Sartre e Michel Foucault. Politzer teve um final trágico, em 1942 foi preso, torturado e executado pela Gestapo por ser militante comunista. Sua esposa também foi detida e enviada a Auschwitz, falecendo em 1943.

4.5. O adeus a Durkheim e as boas-vindas a Lévi-Strauss

Depois de 1938, Lacan retomou a questão do declínio do pai no texto *O mito individual do neurótico* em 1953, ano do início de seu empreendimento de retorno a Freud. Considerando os limites desta pesquisa, ainda que o citado texto de 53 não tenha sido objeto de investigação/leitura, vale a apresentação de um fragmento, a título de descoberta, para indicar o rumo que Lacan seguiu a partir nos anos 50:

Afirmamos que a situação mais normativizante da vivência original do sujeito moderno, sob a forma reduzida que é a família conjugal, está ligada ao fato de o pai ser o representante, a encarnação de uma função simbólica [...]. A assunção da função do pai pressupõe uma relação simbólica simples, em que o simbólico recobriria plenamente o real. Seria preciso que o pai não fosse somente o *nome-do-pai*, mas representasse em toda a sua plenitude o valor simbólico cristalizado na sua função. Ora, é claro que esse recobrimento do simbólico e do real é absolutamente inapreensível. Ao menos numa estrutura social como a nossa, o pai é sempre, por algum lado, um pai discordante com relação à sua função, um pai carente, um pai *humilhado*, como diria o sr. Claudel. (LACAN, 1953/2008, p. 39-40. Grifos do autor)

Ainda que neste trecho Lacan recorra ao termo *família conjugal* e à situação de estrutura social para explicar a falta de recobrimento entre o real e a função do pai – que de acordo com Paul Claudel¹² conduz à sua humilhação – finda por revelar sua adesão às chaves claudelianas de seu diagnóstico de 1938, ao deixar de lado suas fontes durkheimianas. Em outras palavras, no momento em que muda de universo conceitual, filiando-se ao estruturalismo, Lacan abandona a referência a Durkheim e recorre ao poeta e dramaturgo francês Paul Claudel (ZAFIROPOULOS, 2002).

O texto *O mito individual do neurótico* é a primeira publicação de Lacan em que aparece a noção de *nome-do-pai*. Inspirando-se na etnologia, ele traz um dos principais casos de Freud, o do Homem dos Ratos, para o qual se vale das regras de interpretação dos mitos propostas por Lévi-Strauss. Nele surgem as referências à tríade real, simbólico e imaginário, a função e a estrutura.

O deslocamento que se produz em 1953, em termos conceituais, concerne à passagem do valor social do pai de 1938 ao valor estrutural e propriamente simbólico de seu nome (diferença que culmina no afamado termo *declínio da função paterna*, que será discutida no

¹² Publicado pela primeira vez na *La Nouvelle Revue française* em 1919, *Le Père humilié* de Paul Claudel é a terceira tragédia da trilogia *Les Coûfontaine*, e trata-se de um drama que gira em torno da questão do pai e da temporalidade de seu poder.

próximo capítulo). Em resumo, o que se opera é a mudança de ênfase no papel das circunstâncias familiares ou das condições sociais do edipismo em benefício do poder do nome-do-pai como símbolo ou, mais precisamente, da função simbólica que norteia o destino do homem. A lógica desta função se pauta nas regras propostas pelos especialistas das ciências sociais, etnólogos e linguistas, que sucederam Durkheim nos embasamentos antropológicos de Lacan (ZAFIROPOULOS, 2002).

A hipótese de Lévi-Strauss quanto à noção de parentesco permitiu a Lacan repensar as fundações do universalismo edipiano proposto por Freud, alicerçado não mais no sentimento de um temor natural do incesto, mas na existência de uma função simbólica assimilada como lei da organização inconsciente das sociedades humanas. Logo, com a entrada em cena da antropologia de Lévi-Strauss, o complexo de Édipo passou a figurar no quadro de um universal simbólico e deixou de ser pensado como um universal natural.

Em termos históricos, Zafirooulos (2002) comenta que, ao mesmo tempo em que Lacan avança na elaboração da teoria do nome-do-pai, ele retifica sua posição subjetiva com respeito ao nome-do-pai da psicanálise. Procede assim, um ato inaugural que funda um novo campo analítico, adequado ao que nesse período é posto em manifesto na clínica analítica lacaniana: a fecundidade do pai morto, de seu nome e de sua palavra.

Por fim, convém frisar mais um dado histórico. “Esta nova visita ao monumento paterno não incumbirá unicamente a sua posição teórica e clínica frente ao complexo paterno, mas também a sua própria postura com referência a Freud e a instituição fundada pelo pai da psicanálise, a Associação Psicanalítica Internacional” (ZAFIROPOULOS, 2002, p. 197). Foi em 1953 que Lacan se demitiu da Sociedade Psicanalítica de Paris e se juntou a Daniel Lagache, Françoise Dolto, Juliette Favez-Boutonier e Blanche Reverchon-Jouve na Sociedade Francesa de Psicanálise, perdendo a qualidade de membro da IPA.

5. A CONSTITUIÇÃO PSÍQUICA NO JOVEM LACAN: OS COMPLEXOS FAMILIARES E A SUBLIMAÇÃO DAS IMAGOS

Lacan pode não ter nomeado seu ambicioso ensaio sobre a família como uma teorização acerca da constituição da subjetividade. No entanto, a leitura crítica que perfaz do

complexo de Édipo freudiano, sob um prisma sócio-antropológico, o conduziu a ultrapassar a proposta de um verbete enciclopédico para alcançar o status de uma conceituação acerca da estruturação da subjetividade e das neuroses contemporâneas em sua estreita relação com a configuração familiar ocidental.

Nas primeiras linhas do texto de 38, Lacan evidencia que não está interessado na dimensão biológica propriamente dita da configuração familiar, e se aborda este aspecto, a partir de dados etológicos ou da fisiologia humana, é para demarcar sua posição antagônica a toda tentativa de reduzir a família humana a um fato biológico. Essa é a linha diretriz que Lacan segue no início do texto, apontando a diferença entre o comportamento animal e a família humana a partir do que ele designa como “sentimento de paternidade”, sendo improvável atribuí-lo a um modelo biológico (IZCOVICH, 2011). Sentimento de paternidade que pode ser facilmente derivado do provérbio romano *mater semper certissima, pater semper incertus*, onde os laços de parentesco se firmam não pela hereditariedade, senão pela enunciação. Acrescenta Lacan (1938/1998, p. 12): “nesse domínio, as instâncias culturais dominam as naturais, ao ponto de não se poderem considerar paradoxais os casos em que umas substituem as outras, como na adoção”.

Outro aspecto que se destaca na Introdução concerne à dimensão cultural como aquilo que especifica a família humana. Ainda que Lacan aponte alguns traços de comportamento instintivos, similares aos da família biológica, as instâncias culturais dominam as naturais e instituem o que ele chama de “economia paradoxal dos instintos” (p. 11). Em 1938, interessa a Lacan uma aplicação da “experiência psicanalítica” para dar conta do concreto e dos fatos da família como objeto e circunstância psíquica, ou seja, nunca objetivando os instintos, mas sempre os complexos – estes condicionados por fatores culturais, à custa dos naturais.

O autor sublinha então uma definição do termo *complexo*¹³ como um conjunto de reações psíquicas (representações, afetos, fantasias) que reproduz certa realidade do meio ambiente, de modo duplo, como *forma* e como *atividade*. Como *forma* se impõe ao desenvolvimento, fixando uma realidade datada, ou seja, representa sobre uma forma fixa certa realidade do desenvolvimento. Como uma *atividade* incita repetições de comportamentos, de emoções vividas, quando certo número de experiências se apresenta. Em seu conteúdo, o complexo se compreende por referência a um objeto.

¹³ Apesar de apresentar o complexo como uma antítese do instinto, Lacan não nega ao complexo algum fundamento biológico. O complexo só ocasionalmente tem uma relação orgânica, quando ele supre uma insuficiência vital pela regulação de uma função social.

Os complexos têm para Lacan o papel de organizadores do desenvolvimento psíquico, sendo tanto conscientes como inconscientes, dos quais se deduzem atos falhos, sonhos, sintomas que incitarão a interpretação por parte do psicanalista, para pôr em relevo as representações inconscientes dos complexos, suas imagos. Conforme indica, só a experiência psicanalítica desvela essa espécie de reverso dos sentimentos familiares (conscientes) que constituem os complexos inconscientes. É justamente por convocar os elementos inconscientes dos complexos familiares que a psicanálise desvela um continente epistemológico propício para explicar a dinâmica da família, o desenvolvimento psíquico dos sintomas e as crises psicológicas, uma das quais haveria permitido – segundo Lacan – a descoberta do complexo de Édipo.

Conforme escrito acima, nos *Complexos Familiares* o jovem Lacan elabora um programa que pode ser denominado como uma primeira concepção teórica da constituição psíquica, engendrada pelo encadeamento sucessivo de três complexos: *complexo do desmame*, *complexo de intrusão* e *complexo de Édipo*. Cada complexo é composto por sua respectiva *imago*, a saber, imago materna, imago do outro (ou também chamada de imago do duplo, ou do semelhante) e imago paterna (ZAFIROPOULOS, 2002, 2015; NAVARRO, 2011). Já os três objetos dos complexos apresentados por Lacan são: o seio materno, o outro como semelhante, o pai como objeto de identificação.

A título de conceituação, o vocábulo imago utilizado por Lacan (1938/2002) inscreve no inconsciente os dois núcleos da representação do modelo familiar: matriarcado e patriarcado (ROUDINESCO, 2008). Segundo o *Dicionário Internacional de Psicanálise* (2005), imago deriva da psicologia junguiana e refere-se a um protótipo inconsciente de personagens, designando a maneira como o sujeito apreende o outro, sendo elaborado a partir das primeiras relações intersubjetivas reais e fantasmáticas com os componentes do círculo familiar. No dicionário organizado por Roudinesco e Plon (1998) tem-se a seguinte definição da palavra imago: trata-se de uma representação inconsciente por meio da qual um sujeito institui a imagem que possui de seus pais.

O termo *imago* atravessa todos os textos do jovem Lacan. Lacan utiliza o termo sob as seguintes variantes: *imago materna*, *imago paterna*, *imago do duplo/outro/semelhante*, *imago do corpo próprio*, *imagos do corpo despedaçado*. Mas afinal, o que é imago para Lacan? De acordo com Izcovich (2011), “a imago é definida como os restos, como o traço no psiquismo de uma relação. Logo, imago materna é constituída pelos restos da relação com a mãe

biológica” (p. 13). O mesmo ocorre com a imago paterna, com o corpo despedaçado, com o corpo próprio. Izcovich (2011) relaciona o termo imago ao termo significante, que Lacan utilizará após a introdução da categoria de simbólico. A imago é a representação inconsciente do complexo condicionante de uma modalidade de comportamento repetitivo. Precisamente, o que Lacan enunciará depois de 1950 para evocar o que é um significante no inconsciente.

Um pouco antes, em 1946, Lacan lança luz sobre o que seria uma imago e qual seria sua função no psiquismo. Questiona-se: “terá então a imago a função de instaurar no ser uma relação fundamental de sua realidade com seu organismo?” Ao que responde linhas depois: “nenhuma experiência terá contribuído mais do que a psicanálise para manifestá-lo, e a necessidade de repetição que ela (imago) mostra como efeito do complexo expressa isso com bastante clareza” (p. 183). Por fim, Lacan conclui suas formulações sobre a causalidade psíquica designando a imago como o objeto próprio da psicologia, cuja função será implementar a “identificação resolutive de uma fase psíquica, ou, em outras palavras, uma metamorfose das relações do indivíduo com seu semelhante” (p. 189).

Ao longo do texto sobre os complexos familiares, Lacan descreve um percurso para o devir da estruturação da subjetividade, seguindo o caminho dos três complexos supracitados, ao passo que especifica as consequências clínicas e sociais do “desenvolvimento normal”, também aponta as consequências psicopatológicas para o psiquismo caso se produza uma fixação em algum deles.

5.1. Complexo do desmame e imago materna: nostalgia de morte ou a sublimação

Remonta ao período do Congresso de Marienbad (1936) a noção de prematuração específica do nascimento do homem, defendida por Lacan no marco da teorização sobre o estádio do espelho e que será um dos fios condutores do texto de 1938. Tal ideia refere-se ao homem como um animal de nascimento prematuro: o ser humano tem a particularidade de vir ao mundo quando ainda não está pronto, dependerá totalmente do outro para sobreviver. Além do mais, será acometido pelo afã de sensações corporais em diversas partes de seu corpo, vivência que Lacan nomeará de angústia do “corpo despedaçado” (1949/1998, p. 100). A experiência do corpo despedaçado põe em jogo as vivências mais arcaicas do sujeito, capazes

de mobilizar uma fantasmagoria marcada pela desintegração agressiva que, por sua vez, se converte na mais íntima vivência de morte¹⁴.

É neste período inicial do *infans* que o complexo do desmame toma seu lugar. O complexo do desmame consolida no psiquismo a relação da alimentação sob uma forma de dependência parasitária, exigência imposta pelas necessidades dos primeiros meses de vida do homem. Complexo regido pela supremacia da imago materna (LACAN, 1938/2002), funda arcaicos e estáveis sentimentos, ligando o indivíduo à família. Trata-se do mais primitivo complexo do desenvolvimento psíquico.

Embora se caracterize por uma função biológica da lactação, o desmame no homem é regulado pela cultura e será um acontecimento traumático que deixa no psiquismo o traço permanente da relação biológica que ele interrompe. Ao mesmo tempo, o traumatismo do desmame reativa o trauma da separação entre criança e mãe no nascimento: o desmame congênito do homem.

Para Lacan (1938/2002), o trauma do desmame provoca uma crise em nível de subjetivação e se repercute como a primeira tensão vital a ser resolvida “em intenção mental” (p. 24), cuja solução se apresenta entre duas opções possíveis. O dilema que se coloca tão prematuramente para o homem corresponde a aceitar ou a recusar o desmame.

A recusa do desmame funda o aspecto positivo do complexo: a imago do seio materno. Esta imago domina toda a vida humana, tal qual um apelo à nostalgia do todo. Entretanto, a imago precisa ser sublimada, por um lado, para permitir que novos vínculos sociais se estabeleçam, por outro, para a integração de novos complexos ao psiquismo. À medida que se resiste às novas determinações necessárias ao progresso da subjetivação, a imago, salutar na origem, converte-se em fator de morte. Na fixação ao complexo, a tendência psíquica à morte se sobressai (*apetite da morte*) e revela-se em suicídios do tipo “não-violentos”, denotando o princípio oral do complexo: greve de fome na anorexia mental, envenenamento lento de algumas toxicomanias por via oral, regime de fome das neuroses

¹⁴ Tanto no texto Estádio do Espelho, Os Complexos Familiares, A agressividade em Psicanálise e Formulações sobre a causalidade psíquica, Lacan retomará o tema da prematuração orgânica do homem e a angústia do corpo despedaçado marcado pela experiência de mortificação. Esta fantasmática mostra-se nos sonhos e sintomas, particularmente no momento em que a análise do inconsciente toca num acervo arcaico de fixações. Emergem imagens que atormentam o homem tais como: imagens de castração, emasculação, mutilação, desmembramento, desagregação, eventração, devoração, explosão do corpo. Lacan (1948, p. 107) as agrupa em “*imagos do corpo despedaçado*”.

gástricas. De acordo com o autor, ao abandonar-se à morte é o reencontro com a imago da mãe que o sujeito intenta.

Em suma, Lacan enfatiza que o indivíduo tem duas saídas: escolher a sublimação da imago materna, decisão que permitirá a entrada no grupo social (uma escolha pela vida); ou enveredar pela sedução mortífera da nostalgia da mãe, no qual se deduz o anseio pela morte e os transtornos da oralidade.

5.2. A nostalgia originária para Lacan: a mãe ou o pai?

Nos *Complexos Familiares*, Lacan (1938/2002) preconiza o complexo do desmame como instaurador dos sentimentos mais arcaicos e estáveis que vinculam o indivíduo à família, elevando a imago materna ao status de base da institucionalização familiar do sujeito. Via pela qual Lacan confere ao complexo do desmame o fundamento de uma nostalgia pela mãe nos primórdios (orais) da constituição subjetiva, em oposição à nostalgia pelo pai apontada por Freud (ZAFIROPOULOS, 2002).

Do ponto de vista freudiano, recorda Zafirooulos (2002), o ato de canibalismo familiar fora perpetrado contra o pai (devorado pelos filhos no banquete totêmico). Para Freud (1913-14/1996), o pai chega a seus filhos, antes de tudo, pela boca e para com ele há uma nostalgia crônica “oral” do sujeito, no princípio mesmo da sua institucionalização. Ou seja, se trata de uma nostalgia pelo pai na raiz de toda formação religiosa e na origem da humanidade.

De acordo com Zafirooulos (2002), a nostalgia pela mãe será a versão lacaniana de uma espécie de “dívida alimentar” nas origens dos laços sociais em contraposição à versão paterna que Freud construiu em *Totem e Tabu* (1913-14/1996). “Aposta que chega até os ideais políticos do homem que dão forma as nostalgias da humanidade animadoras da vida social” (p. 36). Daí a nostalgia pela mãe se reconhecer no cerne das nostalgias da humanidade: “miragem metafísica da harmonia universal, abismo místico da fusão afetiva, utopia social de uma tutela totalitária, todas saídas da obsessão do paraíso perdido de antes do nascimento e da mais obscura aspiração à morte” (LACAN, 1938/2002, p. 30).

A importância crucial que Lacan confere em 1938 à nostalgia pela mãe remonta a um mal-estar ontológico da criança, a separação prematura de sua matriz pelo nascimento. Lacan ainda destaca o traumatismo do nascimento como um chamado ao grupo, o chamado de uma

regulação da função social que supre a prematuração orgânica dos primeiros anos. A propósito, Lacan (1946/1998) chega a nomear os primórdios do ser humano como *fase de miséria vital*, tamanho peso traumático, iniciado no nascimento e que se repercute no trauma do desmame. Nesta relação orgânica primeva e vital se inscreve a imago materna nas profundezas do psiquismo, onde sua sublimação é, sobretudo, difícil, ao mesmo que põe em jogo a constituição da subjetividade em seu elo com a cultura.

Ainda no texto de 1938, faz-se importante considerar outro ponto de divergência entre Lacan e Freud no que se refere ao *instinto de morte*¹⁵. Ao abordar a tendência à morte como característica do psiquismo humano, Lacan recupera o “querer morrer” conceituado por Freud. A sedução mortífera da nostalgia pela mãe, que motivaria os suicídios não violentos característicos de uma fixação no complexo de desmame (toxicomanias, anorexias, bulimias), assume, nos complexos familiares, o lugar da teoria freudiana do *instinto de morte*. Nas palavras de Lacan (1938/2002, p. 34) “o mal-estar do desmame humano, a fonte do desejo de morte, reconhecer-se-á no masoquismo primário”. O masoquismo na economia dos instintos vitais que levou Freud a afirmar um instinto de morte.

Lacan retorna a falar sobre o instinto de morte dez anos mais tarde, no texto *A agressividade em psicanálise* (1948/1998), e desta vez reflete sobre a tendência mortífera da agressividade associada, unicamente, ao instinto de morte. Para tanto, inicia seu texto sublinhando o conceito freudiano de instinto de morte como uma aporia em sua doutrina, cujo propósito era de formular uma experiência humana no registro biológico. Aporia a qual Lacan salienta situar-se no cerne da noção de agressividade, delimitando sua função constitutiva do sujeito e notória função na clínica.

Zafiropoulos (2002) destaca uma questão importante sobre a crítica que Lacan faz a Freud no tocante a sua perspectiva da natureza metapsicológica das tendências mortíferas. Lacan fundamenta a relação subjetiva com o grupo na nostalgia pela mãe (ou por sua matriz) biologicamente determinada, (devido à prematuração vital e à relação de oralidade). Não só isso, ele também propõe a sedução mortífera dessa nostalgia como um substituto para a teoria do instinto de morte elaborada por Freud, a seu ver, demasiado marcada pelo biologicismo. O que Zafiropoulos (2002) ressalta é que, curiosamente, a própria nostalgia pela mãe teorizada

¹⁵ Segundo Zafiropoulos (2002) a eleição pelo termo *instinto de morte* como tradução para *pulsão de morte* foi feita por Lacan em 1938. Na edição dos *Complexos Familiares* feita pela Imago (objeto desta pesquisa), é utilizado o termo instinto de morte como tradução de *instinct de mort* presente na versão em francês da Seuil.

por Lacan como versão do instinto de morte também está determinada por uma relação de causalidade biológica.

5.3. Complexo da intrusão e imago do outro: dramas do narcisismo

Depois da análise das seduções mortais do complexo do desmame, Lacan prossegue sua análise do processo de estruturação subjetiva mediante a ocorrência do complexo da intrusão, a porta de saída do primeiro complexo. O estágio do espelho corresponde ao declínio do desmame. Em virtude da sublimação da imago materna, outra advém, a imago do outro¹⁶.

No complexo da intrusão, Lacan retoma a teorização sobre o *estádio do espelho* a partir da perspectiva da rivalidade fraterna, atrelada ao papel traumatizante do irmão na constituição da imago do outro e na formação do eu. Já no texto de 1949, Lacan segue o desdobramento de seu pensamento sobre a constituição do eu na dependência da imagem do outro, no entanto, toma a imagem especular como mote principal para a formação da imago do outro. Tanto em 1938, como em 1949, Lacan traz à tona a instauração da estrutura narcísica do sujeito na dependência da imago do outro. Em ambos, o estágio do espelho é vivido como mais um drama na constituição da subjetividade.

É a imago do outro que oferecerá ao sujeito a possibilidade de antecipar sua unidade corporal, seja por meio da fascinação jubilosa da unidade da imagem do semelhante no espelho, seja pela identificação mental com o irmão no lugar de intruso. Assim, e através de uma identificação com esta imago, se torna oportuna a constituição de uma imagem ideal de si mesmo (o eu ideal), que propicia uma unidade corporal possível e a configuração do eu (LACAN, 1938; 1946; 1948; 1949).

Por volta dos seis ou dezoito meses, a criança frente ao espelho reconhece a imagem de uma criança e se interessa por essa silhueta que nada mais é que uma duplicação de si. Contudo, a criança vê *outra* criança e busca brincar com esta, movimenta-se, ri, a procura atrás do espelho. Em seguida, a criança percebe que esse outro a sua frente nada mais é do que sua imagem refletida. Nesse momento ela é capturada pela imagem unificada de seu corpo, acontecimento marcado por intenso regozijo (LACAN, 1949/1998).

¹⁶ A imago do outro também pode surgir no texto como imago do semelhante ou imago do duplo. Neste trabalho utilizaremos o termo imago do outro.

A imagem dada pelo espelho forja uma unidade corporal que se configura como uma antecipação frente à imaturidade orgânica da criança. Lacan (1938/2002) ressalta que neste momento a imagem especular representa, de forma intuitiva, a unidade afetiva perdida de si mesmo: “o que o sujeito dela saúda é a unidade mental que lhe é inerente. O que ele reconhece nela é o ideal da imago do duplo” (p. 37). Imago, também nomeada como *Gestalt* em 1949, que recobrirá o corpo esfacelado, dando uma unidade ilusória ao organismo e um fim à angústia. É neste sentido que Lacan (1949/1998) enfatiza a compreensão do estágio do espelho como um ato de *identificação*, onde se esboça a primeira dialética das identificações, ainda que ilusória, pois está alicerçada na alienação. Não obstante, a criança detém uma imagem de si própria, à parte da materna, podendo agora instituir uma relação com a realidade.

Outro fator crucial correlato à emergência da alienação consiste no fato de que a imagem com a qual a criança se identifica não será precisamente seu reflexo no espelho, mas com os contornos humanos em geral, representado, paradigmaticamente, pelo outro. Logo, a imagem de si assim obtida é, simultaneamente, da criança e do outro. Em suma, a imago do complexo de intrusão conjuga identidade e alteridade. Portanto, a identidade própria sempre será algo que vem de fora, pois, é, primeiramente, como um outro que o sujeito obtém uma referência. Por esta perspectiva que Lacan (1938/2002) assinala o alto preço a ser pago pela absorção especular, além da confusão entre o que é próprio e o que é do outro, o indivíduo se vê confrontado a uma contrapartida mortífera, sentido pleno extraído do mito de Narciso.

Neste ponto a vivência de intrusão que dá nome ao complexo entra em cena. Em meio à conquista da unidade corporal, a imagem do espelho, a imago do outro é vivenciada como intrusiva da própria relação que se sustenta com a mãe. Esse outro aparece como um convidado indesejado e instala uma situação triangular, pondo em jogo o mecanismo do ciúme que, segundo Lacan, se “revela como o arquétipo de todos os sentimentos sociais” (1938/2002, p. 39).

A identificação afetiva que surge do reconhecimento do irmão como um outro dispara o gatilho do ciúme, ponto de partida da chamada agressividade primordial dirigida ao outro-intruso. Neste sentido Lacan salienta que “na situação fraterna primitiva a agressividade se demonstra secundária à identificação” (p. 33). É por essa razão que Lacan remonta as *Confissões* de Santo Agostinho para abordar a estrutura do ciúme infantil e seu papel na gênese da sociabilidade: “Vi e observei uma [criança], cheia de inveja, que ainda não falava e

já olhava, pálida, de rosto colérico, para o irmãozinho colaço” (LACAN, 1938; 1946; 1948). O irmão não desmamado só atrai uma agressão especial porque repete no sujeito a imago da situação materna e, com ela, o desejo de morte.

A discussão sobre a função da agressividade na estruturação subjetiva percorre o lastro teórico dos textos do jovem Lacan, cujos pormenores são descritos no texto *A agressividade em Psicanálise*, de 1948. Nele, Lacan outorga à agressividade um papel condicionante no marco da estruturação narcísica que caracteriza a formação do *eu* e de seus objetos, permitindo compreender toda sorte de atipias no devir do eu e da relação erótica que estabelece com esses objetos. A agressividade integra os movimentos de um psiquismo em constituição, no momento em que a imago do outro, que levou à jubilação, se torna objeto de intrusão. Para Lacan, a importância da tendência agressiva também se evidencia como um índice para a compreensão da neurose moderna e do mal-estar na civilização.

Neste momento da relação com a imago do outro também se circunscreve o que Lacan chama de transitivismo (1938; 1946; 1948; 1949). De antemão cabe situar alguns dados sobre o conceito de transitivismo para contextualizar a leitura que Lacan faz dele. Trata-se de uma noção que integra o vocabulário da psiquiatria alemã no final do século XIX. O termo provém das observações que pesquisadores da época fizeram de determinados comportamentos de pacientes psicóticos, por exemplo, ao trombarem com um objeto ou baterem parte de seu corpo em uma parede, acariciavam este objeto ou a parede, ao invés de o fazerem com o corpo próprio. Nessa época, os psiquiatras supuseram que algum fenômeno em ação conduzia o paciente a transferir para a parede algo que era impossível de perceber no próprio corpo (SILVEIRA, 2003).

Em seguida, Wallon transpôs o transitivismo do campo da psiquiatria para o da psicologia. A partir de uma releitura do trabalho de Elsa Köhler propôs outra versão para o conceito de transitivismo. Na perspectiva de Wallon (1934), o transitivismo seria um fenômeno característico do desenvolvimento infantil normal e concerne a uma indeterminação entre o eu e o outro, entre o agente da ação e o agente passivo.

Coube a Lacan realizar um diálogo com a psicologia walloniana, integrando ao campo psicanalítico o conceito de transitivismo, posteriormente retomado e desenvolvido por Bergès e Balbo (2002). Esse diálogo se inicia em 1936 no texto sobre estágio do espelho, onde Lacan faz alusão ao transitivismo, retomando o conceito no ensaio de 1938 sobre a família, desta vez, com enfoque freudiano, ampliando sua função de articulador, da patologia à

normalidade. “Lacan esclarece a elaboração psicanalítica insuficiente e a limitada articulação do conceito com os mecanismos de identificação e, por via de fato, com as relações do sujeito com tudo o que lhe é outro” (BERGÈS E BALBO, 2002, p. 15).

O transitivismo se engendra nos precoces acontecimentos do desenvolvimento infantil e denota um momento da constituição subjetiva em estreita relação com a especularidade e a agressividade, com o sadismo e o masoquismo. No que diz respeito à criança, o transitivismo apresenta-se do seguinte modo: uma criança que cai ou bate uma parte de seu corpo em algum obstáculo e nada manifesta em relação ao ocorrido, outra criança que observa a cena, esfrega sua perna e se queixa do golpe sofrido pela primeira criança. O transitivismo em relação à mãe caracteriza-se da seguinte forma: diante da situação em que a criança sofre um golpe e não manifesta nenhuma reação, a mãe, impulsionada pelo afeto, nomeia o ocorrido com um “ai!”, e a criança, que ainda não compreende o acontecido, se identifica com o discurso materno que lhe outorga um corpo capaz de sentir dor. Nas duas referências, o transitivismo responde a situação em que me machuco e é o outro que sofre (BERGÈS; BALBO, 2002).

Nos textos do jovem Lacan, o processo de transitivismo descrito se refere ao reconhecimento mútuo entre crianças, de seis meses a dois anos, condicionado a uma diferença de idade estreitamente limitada, para que se opere uma similitude e adaptação entre os parceiros. Sob estas condições, o transitivismo normal conduz a um momento de indecisão entre o fascínio e a agressividade imaginária a respeito do outro. Confusão paradoxal em que “cada parceiro confunde a parte do outro com a sua própria e com ele se identifica; mas que ele pode sustentar essa relação numa participação propriamente insignificante desse outro e viver, então, toda a situação sozinho, tal como é manifestado pela discordância, às vezes total, entre suas condutas” (LACAN, 1938/2002, p. 32).

O transitivismo se traduz como uma verdadeira captação pela imagem do outro. Lacan (1948/1998) exemplifica o fenômeno: num transe completo, a criança bate em seu colega e lhe acusa de ter recebido dele o golpe que lhe aplicou; ou ainda, participa do tombo de seu amiguinho, sem ter caído. Será pela identificação que ela experiencia um conflito entre duas atitudes opostas e complementares, “cuja ambivalência estrutural suas condutas revelam com evidência, escravo identificado com o déspota, ator com o espectador, seduzido com o sedutor” (p. 116).

Relacionada à agressividade e à especularidade, Lacan (1948/1998) sublinha que o transitivismo se expressa pela busca de destruição do outro usurpador, que toma o lugar do

sujeito junto ao seio materno. “A imagem do irmão desmamado só atrai uma agressão especial porque repete no sujeito a imago da situação materna e, com ela, o desejo de morte” (LACAN, 1938/2002, p. 35). Na medida em que essa imagem é refletida para mim como o que levaria a minha destruição, desencadeia uma resposta em espelho, de maneira agressiva. Por exemplo, quando duas crianças são deixadas juntas brincando e em algum momento se confundem e se agredem, o que está posto na reação de destruição do outro é o medo de perder (e, conseqüentemente, a tentativa de manter) a integridade narcísica conquistada.

Para Bergès e Balbo (2002), o transitivismo será um processo princeps na constituição da subjetividade, produto da função materna, pois, primeiramente, é a mãe quem transitiva a criança desde seu nascimento. Os tropeços neste processo de transitivismo da criança, constituição do eu e seus objetos encontram-se no cerne de manifestações atípicas, tais como o autismo e as psicoses, processo a ser descrito num capítulo à parte.

A identificação com o irmão e a concomitante agressividade dirigida a ele, por via de seu assassinato sádico, é a saída para o suicídio inerente ao reencontro com o abismo insondável da imago materna. Daí advém a importância crucial do complexo de intrusão como solução saudável do complexo do desmame.

Na ausência da imagem do outro – da imagem especular para organizar a estrutura narcísica e instaurar um limite eu-outro – o sujeito se movimenta num continente imaginário de intrusão, influência e desdobramentos paranoides, propenso de se tornarem crônicos ao passo que o grupo familiar se reduz à mãe e à frátria. Impasse observável na clínica quando o universo familiar não oferece solução paterna para a solução fraterna que, por sua vez, se converte em psicopatologia (ZAFIROPOULOS, 2002).

No complexo da intrusão, frente ao ciúme por identificação despertado pelo intruso, duas vias se abrem para o desfecho do ordenamento psíquico e progresso para o complexo seguinte:

ou ele (o sujeito) reencontra o objeto materno e vai se agarrar à recusa do real e à destruição do outro; ou, levado a algum outro objeto, ele o recebe sob a forma característica do conhecimento humano, como objeto comunicável, já que concorrência implica ao mesmo tempo rivalidade e concordância. [...] ele encontra o outro e o objeto socializado (LACAN, 1938/2002, p. 39).

Em suma, ou o sujeito reconhece o outro como comunicável e chega à socialização, ou reencontra o mortífero objeto materno, rechaçando o real e fixando-se a uma possibilidade de destruição do outro que tende à paranoia.

Com a fixação no complexo da intrusão (do qual o complexo de Édipo permitirá sair), o sujeito corre o risco de permanecer abandonado aos dramas da especularidade, onde a identificação fraterna (a princípio saudável frente ao engodo da sedução materna) ameaça confrontá-lo com um cortejo dos impasses narcísicos, apresentados por Lacan (1938/2002): proliferação das psicoses, eleição do objeto homossexual, fetichismo sexual, psicose paranoica com delírio de filiação, da usurpação, de expoliação, da intrusão, de influência, transmutações delirantes do corpo, neurose hipocondríaca, etc.

Segundo Zafiropoulos (2002), Lacan ainda considera outro aspecto do complexo da intrusão. Quando o intruso sobrevém, é apenas após o complexo de Édipo que ele é priorizado com prevalências no plano das identificações parentais, de teor afetivo mais denso e mais abundante de estrutura, tornando-se objeto de amor ou ódio para o sujeito.

Por fim, ao intruso, o complexo que se segue é o de Édipo que introduz a imago paterna, cartada decisiva no panorama da estruturação subjetiva. Para Lacan, o lugar do pai no complexo de Édipo é de extrema importância, de tal maneira que a fecundidade deste complexo será tanto maior quanto mais alto seja o valor do pai na ordem familiar. “Já se trata da fecundidade subjetiva que permite ao sujeito ter, graças a esse complexo, acesso a face do Outro, ou da fecundidade cultural, mais precisamente, suas virtudes idealizantes indispensáveis para a produção cultural e a história das sociedades” (ZAFIROPOULOS, 2002, p. 46).

5.4. O complexo de Édipo na perspectiva do jovem Lacan

Eis o arremate final no esquema para pensar a constituição subjetiva proposto por Lacan. O complexo de Édipo constitui, através de um remanejamento das identificações, uma saída possível ao problema do transitivismo, do ciúme, da agressividade, da especularidade e da ambivalência inerentes da absorção narcísica referente à imago do duplo, em que culmina o complexo de intrusão (ZAFIROPOULOS, 2002, 2015).

Se no complexo de intrusão tínhamos um panorama formado pelo eu, o outro e a mãe (da satisfação das necessidades), no complexo de Édipo os lugares da situação triangular serão tomados por uma rivalidade distinta. Desse modo, o terceiro lugar na triangulação será (ou não) ocupado pela imago de um estranho na família, ao qual se confere a capacidade de introduzir, enfim, o sujeito na alteridade, na realidade, nos intercâmbios e nas relações sociais. Um terceiro que se interponha na relação dual mãe-filho: o lugar da imago paterna.

Na reelaboração do jovem Lacan acerca do papel do complexo de Édipo no psiquismo humano é possível destacar mais uma contraposição teórica em relação a Freud. Se para Freud o Édipo cumpre uma função na gênese das neuroses conforme as dificuldades que houvesse transposto em seu percurso e resolução, para Lacan (1938, 1946) a experiência edípica (e com ela a imago do pai) surge como um fato positivo da vida subjetiva, inclusive denota seu aspecto sadio, como uma forma de esquivar-se da asfixia característica da estrutura narcísica. Nas palavras de Lacan (1946/1998, p. 184), “uma certa ‘dose de Édipo’” será necessária na constituição do mundo da realidade, na organização das categorias temporal e espacial. Por possibilitar a sublimação da realidade, no complexo de Édipo jaz a base para o progresso das culturas e desenvolvimento das produções simbólicas das sociedades.

5.4.1. Complexo de Édipo: a instauração da imago paterna e das trocas sociais

Freud evidenciou o conceito de complexo na descoberta de fatos edípianos por meio da análise das neuroses. Para Freud, o complexo de Édipo constitui-se como elemento psicológico que define as relações psíquicas na família humana, dando-lhe forma e subordinando todas as variações sociais da família (LACAN, 1938/2002). Perante tais considerações iniciais, Lacan propõe conduzir uma revisão do complexo de Édipo, considerando as estruturas mentais, bem como os fatos sociais, que permitam situar a família paternalista na história para, em seguida, esclarecer a neurose contemporânea.

Deste modo, Lacan retoma considerações psicanalíticas acerca da vida sexual infantil, em que as pulsões genitais atingem seu ápice aos quatro anos, constituindo assim uma “puberdade psicológica”, prematura à puberdade fisiológica. Neste estágio, o desejo propriamente dito da criança fixa-se num objeto, amiúde o progenitor do sexo oposto (reativação do objeto mãe). São estas pulsões que dão base ao complexo, a frustração destas compõe seu nó.

Em geral, a frustração é atribuída pela criança a um terceiro objeto que se opõe como obstáculo à satisfação dessas pulsões: o progenitor do mesmo sexo. Ainda que de modo genérico, a frustração é acompanhada de repressão educativa, em vistas de impedir qualquer realização das pulsões sexuais, notadamente, sua realização masturbatória. Com isto, o responsável pela repressão e frustração das pulsões ocupará no psiquismo da criança o duplo lugar de agente de interdição do incesto à mãe e, ao mesmo tempo, aparece como o exemplo de transgressão da mesma lei. Como efeito à repressão sexual, se instala no psiquismo da criança uma rivalidade dirigida ao interditor do acesso ao objeto desejado.

Tamanha rivalidade conduz ao desfecho da crise edipiana, que se institui por um duplo processo: o *recalcamento* das pulsões sexuais no período de latência até a puberdade, dando lugar a interesses propícios às aquisições educativas; e a *sublimação* da imago parental que perpetua na consciência um ideal representativo. A importância genética fundamental desses processos inscreve no psiquismo duas instâncias permanentes que apontam em sentidos diversos: em termos de interdição, se instaura a instância do supereu, com propósito de repressão da sexualidade; em termos de sublimação da realidade, se constitui a instância do ideal do eu, associada às identificações com o interditor como aquele que poder aceder à mãe. Tanto as instâncias psíquicas, ideal do eu e supereu, como seus respectivos efeitos, sublimação da realidade e repressão da sexualidade, são os elementos imprescindíveis para a incorporação do sujeito à realidade e à cultura como tal, assim como para a assunção de um lugar na partilha dos sexos (LACAN, 1938/2002).

Assim, Freud formula uma teoria da família ao “descobrir que desenvolvimentos tão importantes para o homem quanto os da repressão sexual e do sexo psíquico estavam submetidos à regulação e aos acidentes de um drama psíquico da família” (LACAN, 1938/2002, p. 44). A repressão sexual exercida pelo progenitor do mesmo sexo constituirá o âmago do complexo de castração – fantasia sustentada por um duplo movimento afetivo dirigido ao progenitor rival: agressividade e temor.

Para Freud, esta fantasia consistia, sobretudo, na mutilação de um membro. Contudo, para Lacan, a partir do material da experiência analítica, a fantasia de castração é antecipada por toda uma sucessão de fantasias de despedaçamento do corpo, em que se encontram, regressivamente, deslocação, desmembramento, eviração, eventramento, devoração e/ou amortalhamento. Em síntese, a angústia da fantasia de castração tem seus primórdios na angústia do despedaçamento corporal e “representa a defesa que o eu narcísico, identificado a

seu duplo especular, opõe à renovação de angústia que, no primeiro momento do Édipo, tende a abalá-lo: crise que não ocasiona tanto a irrupção do desejo genital no sujeito quanto o objeto que ele reatualiza, a saber, a mãe” (LACAN, 1938/2002, p. 51).

O complexo de Édipo marcará todos os níveis do psiquismo do homem. Lacan chega a criticar os teóricos da psicanálise que definiram de forma ambígua suas funções e o restringiram a um “eixo segundo o qual a *evolução da sexualidade* se projeta na *constituição da realidade*, esses dois planos divergem no homem por uma incidência da *repressão da sexualidade* e *sublimação da realidade*” (LACAN, 1938/2002, p. 46. Grifos do autor).

É por intervir sobre uma relação vital (mãe-criança-pai) que o complexo de Édipo contribui para a constituição da realidade. Esta função do complexo tem correlação com a maturação da sexualidade. De outro modo, se por um lado o complexo de Édipo sublinha o auge da sexualidade infantil, constituindo-se como a causa da repressão que restringe imagens da latência até a puberdade, por outro lado também é o momento de sublimação da realidade. Os efeitos da repressão da sexualidade e sublimação da realidade são designados como *supereu*, de caráter inconsciente, e *ideal do eu*, consciente para o sujeito.

Conforme assinala Lacan, esse duplo efeito resultante da solução do drama edípico (supereu e ideal do eu) marca a identificação do sujeito com a imago do progenitor do mesmo sexo. A análise da identificação edipiana permite reconhecer as contradições que a imago parental desempenha no sujeito: por um lado, a imago do pai inibe o desejo sexual de forma inconsciente; por outro, a salvo de um desconhecimento, preserva essa função para um retorno futuro. Tal afastamento sob essas duas formas (inconsciente e desconhecimento) determina a primeira sublimação da realidade.

Contudo, ressalta Lacan, o objeto de identificação é aquele que se põe como obstáculo e reprime o desejo sexual. Fato que determina a singularidade da identificação edipiana: no complexo de Édipo o que erige o objeto de desejo em sua nova realidade é a defesa narcísica do sujeito. Esse momento, em que surge o objeto da identificação edipiana, situado como impedimento ao desejo, “fornece o protótipo da sublimação, [...], é essa luz do espanto que transfigura um objeto dissolvendo suas equivalências no sujeito e o propõe não mais como meio para a satisfação do desejo, mas como polo para as criações da paixão” (LACAN, 1938/2002, p. 53).

Na constituição da imago parental, a estrutura edípica designa ao pai a função de sublimação em sua forma mais elevada, uma vez que a imago da mãe na identificação edípica traz à tona a ingerência das identificações primordiais (a nostalgia pela mãe, a imago materna e o abandono à morte). Quanto à imago do pai, Lacan ainda ressalta o efeito que a morte do pai durante o momento do complexo de Édipo suscita na vida do sujeito de maneira a “estagnar” o progresso da realidade no plano da estrutura narcísica. Tema o qual Lacan (1938/2002) aponta para fatos da clínica, onde o grupo familiar tornado incompleto se caracteriza como oportuno ao surgimento das psicoses e casos de delírio a dois.

Aqui emerge uma questão crucial para Lacan a respeito das imagos que precisam ser consideradas no percurso do processo de estruturação subjetiva. As imagos, definidas como aquilo que permanece da relação com o outro no inconsciente, demandam um suplemento para que se tornem eficazes e operacionais: a operação de sublimação.

As imagos precisam ser sublimadas, operação suplementar tida como saudável, que comporta uma incidência em relação às diferenças nas estruturas clínicas. Lacan salienta este fato no decorrer dos *Complexos familiares*, destacando os efeitos psicopatológicos de fixação nos complexos, caso as imagos não sejam sublimadas. Nestes termos ele define a psicose como um ponto de reversão da sublimação. Isto é, o sujeito tem acesso à sublimação, mas não de maneira estável. Nas palavras de Lacan (1938/2002, p. 71): “é preciso procurar a causa dessa estagnação da sublimação, na qual vemos a essência da psicose”. Conforme já fora assinalado acima, vale acrescentar que Lacan faz equivaler à imago materna não sublimada o instinto de morte.

No plano da dinâmica edípica, tanto a imago materna como a paterna mobilizam da mesma maneira o processo de repressão (constituição do supereu) e o de construção identitária (que erige o ideal do eu). Todavia, Lacan assinala o fato de que na doutrina freudiana, a atividade de repressão parte unicamente do lado paterno, para ambos os sexos. Quer dizer, o fantasma de castração encontra-se deduzido da ameaça paterna, único agente de interdição que sustenta a lei para o menino e para a menina. Essa visão freudiana está subordinada à concepção universalista de um Édipo submetido a um imaginário a-histórico da ordem familiar (ZAFIROPOULOS, 2002).

É neste aspecto que Lacan relembra a relevância da participação materna na origem da atividade de repressão sexual e da ordem familiar, em contraposição à valorização que Freud concede à dominação do varão, o único a quem adjudica a instituição da lei para o sujeito do

Édipo e do social. No que concerne à repressão sexual, Lacan (1938/2002) destaca “para definir no plano psicológico essa gênese da repressão, devemos reconhecer na fantasia de castração o jogo imaginário que a condiciona, na *mãe* o objeto que a determina” (p. 51. Grifo nosso). Portanto, o princípio da repressão e, conseqüentemente, a formação do supereu não depende, ao ver de Lacan, de uma dominação masculina, manifesta no temor ao pai vigente na referência do fantasma de castração. A repressão advém também do protótipo materno incitado pelo desejo genital do Édipo, que relança o fantasma do corpo fragmentado. Na continuidade da repressão engendrada pelo temor ao pai e o medo do “despertar materno” (imago materna) é que o sujeito se antecipará numa identificação edípica com o objeto que se opõe ao triângulo edípico.

Na dinâmica última do Édipo, do enfrentamento entre imago paterna e imago materna, a primeira domina a segunda, tanto em sua vertente repressiva como em sua vertente de idealização. Enquanto a imago materna (e o fantasma do corpo fragmentado) predominava na repressão sexual e formação do supereu, Lacan (1938) relata que a antiguidade da imago materna se transforma numa desvantagem na gênese do ideal do eu, cuja imago paterna toma a dianteira. Sendo assim, no plano da idealização e na dinâmica repressiva, a imago paterna reina.

Não obstante, Lacan (1938, 1946) toca em outro ponto importante de sua leitura sobre o complexo de Édipo, no qual o triunfo da imago paterna sobre a materna, no tocante à formação das identificações, está sujeito à *relatividade sociológica*. Em suma, do ponto de vista lacaniano, a imago paterna só concentra a função de repressão e a de idealização do Édipo à custa da determinação sociocultural da família paternalista. É por amarrar numa antinomia repressão e sublimação na imago paterna que o complexo de Édipo extrai sua fecundidade. Antinomia que ultrapassa o drama individual, cujos efeitos de progresso se estendem e integram um imenso patrimônio cultural: estatutos jurídicos, inspirações criadoras.

Doravante, a perspectiva lacaniana de relativismo sociológico do Édipo se opõe à defendida por Freud, que sublinhava uma concepção universalista do complexo de Édipo. Portanto, o ponto de remate da constituição psíquica do sujeito (a saída pelo Édipo) não é inerente à forma deste complexo, isto porque o complexo de Édipo não é universal e supõe que suas modalidades se modificam de acordo com as condições de funcionamento das famílias, estabelecidas, por sua vez, pela evolução sócio-histórica das sociedades. Vale evocar

que Lacan define o *complexo* como a unidade funcional do psiquismo condicionada por fatores culturais, posto que não corresponde a funções vitais, mas à insuficiência congênita dessas funções.

A relatividade sócio-histórica conclamada por Lacan sustenta uma espécie de incerteza quanto à constância paterna, e inclusive na forma de uma insondável ameaça de abandono pelo pai. O efeito desta ameaça se esboça numa idealização da família paternalista como a única organização familiar capaz de propiciar as condições sociais do edipismo, e a mais favorável para a estruturação subjetiva e produção cultural. Lacan (1946/1998) trata especificamente disso na passagem abaixo:

ele (complexo) só pode surgir, evidentemente, na forma patriarcal da instituição familiar, mas nem por isso deixa de ter um valor liminar incontestável; estou convencido de que, nas culturas que o excluam, sua função devia ser exercida por experiências iniciáticas, como aliás a etnologia nos permite ver ainda hoje, e seu valor de fechamento de um ciclo psíquico decorre de ele representar a situação familiar, na medida em que, por sua instituição, esta marca no cultural o recorte do biológico e do social. (p. 185).

Na versão lacaniana de 1938 do complexo de Édipo temos em jogo um duplo produto: a constituição subjetiva e o desenvolvimento das formações culturais e produções das sociedades. Por isso, Lacan (1938/2002) associa as culturas matriarcais à “estagnação dos grupos primitivos” (p. 57), em contraste com as culturas baseadas no patriarcado, onde “vemos assim afirmar-se dialeticamente na sociedade as exigências da pessoa e a universalização dos ideais” (p. 57). Acrescenta que na primeira fila das ditas culturas patriarcais vigora o povo judeu. É sob esta perspectiva que a imago paterna triunfa sobre a sedução mortífera da imago materna no que concerne também à fecundidade cultural.

Em vista disto, a deferência com a qual Lacan destaca o papel da imago do pai se deixa perceber notavelmente na formação da maioria dos grandes homens. Mesmo entre aqueles que dirigiram críticas contra a família paternalista, no século XIX, não são os que menos carregaram sua marca.

O pretenso afrouxamento da autoridade paterna no liame familiar não afligia Lacan, conforme afirma. Contudo, concebe um termo para circunscrever os efeitos sociais e psicológicos da falência do modelo familiar patriarcal, vigente durante décadas nas sociedades ocidentais, organização em que o pai – *pater familias* – era dotado de uma autoridade suprema e incontestável no seio da família. Lacan se refere a essa falência como o

declínio social da imago paterna, evidenciado numa imagem do pai desvalorizado socialmente (ZAFIROPOULOS, 2002).

5.5. Tese sócio-clínica do jovem Lacan: a imago paterna em declínio

Conforme descrito acima, em 1938, Lacan cunhou o termo *declínio social da imago paterna* para nomear um acontecimento sociocultural que desestabilizou o regime dos laços familiares e sociais no final do século XIX, o qual marcará a genealogia da civilização contemporânea ocidental. Esse acontecimento delineou um contexto propício para Lacan pensar as transformações em curso na configuração da família e de seus efeitos na constituição dos sujeitos, assim como – em virtude disso – nos novos modos de apresentação das estruturas psicóticas e neuróticas (RUFFINO, 2014).

Lacan situa historicamente o momento desencadeante do declínio social da imago paterna na “conjugalização” da instituição familiar pela influência da Igreja (reflexo da influência das teses de Durkheim), que colocou em primeiro plano no laço matrimonial a livre eleição da pessoa e, dessa maneira, fez com que a instituição familiar desse o passo decisivo à sua configuração moderna. Outro fato é a revolução social e econômica do século XV, na qual a burguesia ascendeu socialmente e assistiu-se ao surgimento da psicologia do homem moderno (ZAFIROPOULOS, 2002).

A tese da bancarrota social da imago paterna e de todos os seus ideais considera ainda a crise da modernidade que a sociedade europeia atravessou no final do século XIX. Crise presumida dos avanços econômicos e geopolíticos derivados, sobretudo, das revoluções e pós-revoluções que influenciaram a configuração da instituição familiar. Conforme sublinha Lacan (1938/2002, p. 60) em seu texto, trata-se de um:

declínio condicionado pelo retorno de efeitos extremos do progresso social no indivíduo, declínio que se marca, sobretudo, em nossos dias, nas coletividades que mais sofreram esses efeitos: concentração econômica, catástrofes políticas. [...]. Declínio mais intimamente ligado à dialética da família conjugal, por exemplo, na vida americana, das exigências matrimoniais.

Apesar de assinalar não se afligir com o pretense afrouxamento da autoridade paterna no liame familiar, Lacan retifica o encadeamento de um grande número de efeitos

psicológicos, as neuroses contemporâneas, determinadas pela imago de um pai sempre carente, ausente, humilhado, dividido ou postiço. Nesta imago será possível reconhecer uma carência social da autoridade paterna, que vem a exaurir o impulso instintivo e a afetar a dialética das sublimações. Outro efeito associado ao mitigar social da autoridade paterna diz respeito ao advento de uma crise psicológica, a qual, presume Lacan, se deve o descobrimento da própria psicanálise, nascida do punho de um filho do patriarcado judeu, na Viena do final do século XIX.

Afinal, a que falência Lacan se refere ao teorizar sobre o declínio *social* da imago paterna? Cabe frisar o *social* do termo, pois ele deriva da referência durkheimiana a partir da qual Lacan dá significação a sua leitura sobre a falência do pai na família moderna. Isto porque Lacan não teoriza sobre a ocorrência de um declínio puro e simples da imago paterna; o único declínio que ele postula é da formação *social* da imago paterna. Tanto a imago paterna quanto as suas derivações, reflexos da saída do Édipo – supereu, ideal do eu e eu ideal –, atualmente estão em declínio no social (RUFFINO, 2014).

Lacan se refere à imago paterna como uma formação social que está suscetível de declinar e que vem declinando consideravelmente no ocidente, operante apenas como uma “referência *coletivamente* compartilhável e como um facilitador do laço social entre aqueles já constituídos por modalidades relativamente semelhantes de imago paterna inscrita em seu inconsciente” (RUFFINO, 2014, p. 197. Grifo nosso).

Pois bem, trata-se então de uma referência coletiva de filiação transmissível entre crianças de uma comunidade o que está em franco declínio na contemporaneidade. Os efeitos deste declínio vão desde alterações nas formas da sociabilidade contemporânea, modificações na organização edípica (mesmo que não ponha tal organização em risco), até mutações nas configurações das estruturas psicopatológicas (RUFFINO, 2014).

Para Zafirooulos (2002) não resta dúvida sobre a proliferação, no campo psicanalítico, de teses que associam o declínio social paterno ao mal-estar moderno de seus filhos. O eco da tese lacaniana de 38 se propaga, de modo insistente, no âmbito de discussões psicanalíticas contemporâneas sobre os modos de estruturação subjetiva – “nova economia psíquica” (MELMAN, 2008) – e o estabelecimento/decomposição dos laços sociais, ora preconizando um retorno ao poder patriarcal, ora antevendo um diagnóstico atual sombrio (LEBRUN, 2004, 2010, ZAFIROPOULOS, 2002, 2015).

Contudo, não basta apenas repetir em versões filosóficas, sociológicas e psicanalíticas que a imago paterna (e a família patriarcal) está em declínio para justificar a atualidade do mal-estar; é preciso saber de onde se fala em termos antropológicos e clínicos. Sobre quais fontes os autores contemporâneos se apoiam para diagnosticar a causa de neuroses que afligem o sujeito contemporâneo e, inclusive, da invenção da psicanálise.

Os Complexos Familiares é o texto de referência invocado como embasamento epistemológico da tese sobre o declínio da imago do pai, contudo é necessário examinar seu esqueleto, especialmente para sublinhar o valor clínico que Lacan concede à imago paterna na clínica da estruturação subjetiva, desenvolvida em 1938; do mesmo modo, é importante analisar a “qualidade” freudiana dos fundamentos teóricos que lhes são próprios neste momento, assim como verificar a qualidade científica das fontes que fundam sua visão antropológica sobre a família.

Em seu livro *Lacan y las ciencias sociais: La declinación del padre (1938-1953)*, Zafiropoulos (2002) evidencia quatro ideias essenciais, a saber: (1) que a bancarrota do pai de família é um acontecimento comprovado; (2) a falência sócio-histórica da autoridade do patriarca – e, de modo geral, da instituição familiar – constitui uma das causas cruciais da fundação da psicanálise; (3) o anseio de Freud estaria voltado (em parte) para uma vontade de revalorização simbólica da instância paterna; e (4) que Jacques Lacan, por meio de um sistemático “retorno a Freud”, almejaria reintroduzir a imagem do pai na condição de uma função imprescindível para a organização da família – e do psiquismo do sujeito.

Estas quatro ideias apontarão em direção à perspectiva que sustenta o advir da psicanálise como resultante da falência do poder social da instância patriarcal e que seu programa (ao menos em parte) teria como fim uma ratificação do poder do pai outrora perdido, indispensável para o bom funcionamento da família e a harmoniosa estruturação subjetiva das gerações. Sem o primado desta imago nas fundações da família – segundo nostálgicos autores do campo psicanalítico – seguiremos sendo testemunhas da propagação de estados ‘fronteiriços’ com seu cortejo de narcisismos e sintomas modernos que particularizam a atualidade de nosso mal-estar (ZAFIROPOULOS, 2002).

Dado que o surgimento da psicanálise é tributário da decadência da imago do patriarca no seio da instituição familiar, Freud estará às voltas com uma vontade de revalorização simbólica do pai. Enquanto que, em 1922-1923, Melanie Klein inclinará a psicanálise para o viés das relações arcaicas com a mãe, ao passo de quase fazer prescindir a figura do pai.

Conforme citado acima, na vertente francesa, Jacques Lacan reintroduzirá a imagem do pai como uma função simbólica salutar na estruturação subjetiva, instaurada nas bases da composição familiar.

Seria então possível vislumbrar, nas formulações lacanianas sobre a família ocidental contemporânea, uma nostalgia do pai? Estaríamos diante de um vigoroso apelo à revalorização de um pai destronado, desmoralizado perante a família e a sociedade? De acordo com Zafiropoulos (2002), contrariamente ao engajamento de psicanalistas numa reverência ao “defunto patriarca” (p, 18) invocado em nome da paz, a tese lacaniana não consome uma espécie de nostalgia pelo pai. Essa tentativa de restauração da imagem do pai, regulada por um imaginário social que fundamenta sua autoridade, assim como funda religiões (que em nome de um Deus disseminam ações terroristas e derramamento de sangue ao longo do século XX e XXI), compete mais seguramente a um sintoma neurótico¹⁷.

Na mesma linha argumentativa, Roudinesco (2011) assinala que Lacan esteve longe de empreender uma batalha para reestabelecer o lugar de supremacia do pai, como fazem atualmente os nostálgicos. Pelo contrário, ele estava convencido da bancarrota da antiga autoridade paterna e, com isso, afirmava que toda tentativa de restituição do patriarcado resultaria numa caricatura, num artifício, ou mesmo em posturas políticas totalitárias. Em contrapartida, da mesma forma, recusava o apelo às pretensões libertárias, hedonistas ou posições comunistas que intentam suprimir a família.

O tema sobre a nostalgia do pai em Lacan também ganha perspectiva na letra de Izcovich (2011). O autor é mais um dos que afirmam que Lacan não é nostálgico, pelo contrário. Quando Lacan (1938/2002, p. 60) escreve: “não somos daqueles que se afligem com um pretenso afrouxamento do liame familiar”, demonstra sua posição como um antinostálgico. Lacan não se coloca como que entristecido pela evolução dos costumes e pela queda dos valores tradicionais.

Segundo a interpretação de Izcovich (2011), Lacan já demarca uma constante, a função do analista como aquele que deve ter em conta, na sua prática, o que constitui a atualidade no social e a forma como são tecidos os laços que unem os humanos. Izcovich ainda acrescenta que Lacan formula uma conclusão oposta, pois considera essa crise social fecunda a ponto de fomentar condições para o surgimento da psicanálise. “A ideia de Lacan,

¹⁷ Tais investidas religiosas em nome da paz e moral perdida encerram um caráter prejudicial tanto para o sujeito como para o social – perspectiva assinalada por Freud em seu trabalho *O futuro de uma ilusão* (1927/1996).

portanto, está em contrassenso à dos analistas de hoje, já que propõe que é justamente esse contexto de crise familiar na Viena de Freud que propiciou a invenção da psicanálise” (IZCOVICH, 2011, p. 12).

5.6. Declínio social da imago paterna versus declínio da função paterna

Entre o declínio social da imago paterna e o declínio da função paterna há uma distância teórica e temporal de conceituação. São duas concepções de falência referidas à instância paterna que comumente conduz a confusões teóricas, especialmente no que diz respeito à instauração do pai no psiquismo do sujeito. Ou ainda, a discussão finda numa redução causal entre declínio da imago paterna e declínio da função simbólica do pai, tema corrente entre nostálgicos da figura do pai (LEAL, 2010). Assim, qual a diferença entre esses dois declínios? Quais elementos compõem a análise lacaniana?

De antemão, a questão temporal sobrevém, a teorização de 1938 sobre a *imago paterna* fundamentada na sociologia de Durkheim antecipa – mesmo que não seja o fundamento último, posto que Lacan se remete a Paul Claudel, conforme apresentado no subcapítulo 4.5 – a conceituação sobre a *função paterna*, no retorno a Freud, proposto no texto *O mito individual do neurótico*, de 1953. Retorno baseado na problemática estruturalista de Lévi-Strauss, arcabouço antropológico que munuiu Lacan dos conceitos cruciais para a elaboração da noção de *nome-do-pai*, sustentada pela ordem simbólica e pelo valor estrutural de sua função (ZAFIROPOULOS, 2002, 2015).

Em termos gerais, de um lado tem-se a vulnerabilidade sociocultural da figura do pai e, do outro, a condição da função psíquica deste na constituição subjetiva. Elas convergem de alguma forma e se complementam? Ou, de modo inverso, elas se mantêm distantes, ainda que versem sobre a noção declinante do pai na psicanálise?

Entre os comentadores de Lacan há os que defendam uma espécie de colaboração entre os conceitos e os que sejam partidários do desencontro. Na primeira ala se destacam autores como Lebrun (2004; 2010) e Melman (2008), com Ruffino (2014) apresentando uma linha argumentativa semelhante; na segunda ala Zafirooulos (2002; 2015) encabeça a discussão, na qual Leal (2010) também infere com posicionamento confluyente. Ambas as leituras serão consideradas para fornecer um panorama de como os textos do jovem Lacan,

em particular suas conceituações sobre o pai, vêm sendo interpretados por seus comentadores contemporâneos.

Os primeiros autores detalham essa distinção considerando as transformações discursivas sobre a autoridade do pai no social, como fora descrito no subcapítulo acima, para, em seguida, considerar a participação da figura do pai e seus efeitos de transmissão simbólica na constituição psíquica do sujeito.

Jean-Pierre Lebrun (2004; 2010) é um dos autores que se dedica à análise da clínica e do social à luz das transformações no âmbito da família, em especial, da figura do pai. No livro *O mal-estar na subjetivação* (2010), Lebrun convoca o leitor a uma discussão sobre as novas formas de subjetivação, partindo de uma reflexão sobre a família contemporânea e do processo de subjetivação.

Segundo Lebrun (2010), a história da paternidade não deixa dúvida quanto ao declínio social do pai (ou ainda declínio da função patriarcal), o qual concerne à tese lacaniana do declínio social da imago do pai. Conforme vem sendo apresentado nesta dissertação, é o pai das sociedades ocidentais reconhecido no lugar de uma autoridade transcendente que vacila. Os efeitos do declínio do pai do patriarcado podem ser vislumbrados como o “sintoma maior de nosso social atual, no que ele segue em cortejo tanto com a evolução da democracia como com os progressos das tecnociências e com o desenvolvimento do liberalismo econômico” (p. 15).

Para dar embasamento ao declínio do poder do pai (função do patriarca) na família contemporânea, Lebrun (2004) se dedica ao estudo no campo jurídico da história da paternidade, da filiação e da passagem do conceito de autoridade paterna para o de co-autoridade parental. Esse último acarretou a supressão do conceito de autoridade em proveito do conceito de responsabilidade, denotando que “os deveres dos pais são superiores a seus poderes, estes cada vez mais diminuindo frente aos direitos subjetivos da criança” (p. 25). Por conseguinte, a nova situação assinala uma preponderância da mãe em detrimento do pai.

O autor ressalta ainda a influência das ciências biológicas, sobretudo a genética, no estabelecimento do laço de filiação paterna. O direito, aliado à ciência genética, promovem, como um dito suplemento de verdade, a paternidade fundada no genitor, crendo ser possível respaldar com segurança a filiação no fato biológico. Retrocedendo àquilo que o direito da filiação outorgou se distanciar, de que a “paternidade não era tanto questão de hereditariedade

quanto de palavra e que pai e genitor de modo algum deviam ser assimilados” (LEBRUN, 2004, p. 26).

Neste ponto, segundo Lebrun, reside a apreensão psicanalítica da paternidade em que um pai supõe acesso à dimensão simbólica, à linguagem, e tem a ver com a constituição psíquica do sujeito e de sua realidade. A partir daí, emerge a questão de como o pai se presentifica para o sujeito, como é apresentado pela mãe.

Na compreensão psicanalítica, o pai se constitui como o primeiro outro/estranho para a criança. Ao entrar no sistema mãe-filho, além de promulgar a lei que sustenta o interdito do incesto da mãe, introduz a castração por intermédio da repressão da sexualidade da criança. Na perspectiva de Lebrun a castração se efetiva em dois níveis como primária e secundária. No primeiro nível, a mãe reconhece que há um terceiro, é o pai na fala da mãe. Este é o pai simbólico, operante na primeira separação mãe-filho. Para que o terceiro se inscreva em definitivo, será imprescindível a intervenção do pai real¹⁸, o pai da castração secundária que concretiza a solução para o transativismo da relação mãe-filho.

Esta dupla operação de castração funda o exercício da função paterna. Primeiro, a função do pai se cumpre como pai simbólico, agente da castração primária, efetivando a operação da metáfora paterna, e, assim, permitindo que se produza a significação fálica. Segundo, a função paterna entra em jogo sob o encargo do pai real, agente da castração secundária; intervenção sustentada pelo desejo próprio de um ser vivo de carne e osso (LEBRUN, 2004, 2010). Portanto, a função paterna é então entendida como o lugar (e não o papel) que o pai ocupa para a mãe e para a criança, possibilitando a estruturação no aparelho psíquico da capacidade de substituição significante. Neste sentido, a função paterna coincide com a função da linguagem (LEBRUN, 2010).

Qual será então a relação entre o declínio social da imago paterna e a função paterna? A preocupação social apontada por Lebrun sobre a função paterna concerne ao lugar do pai no social¹⁹. Não basta apenas a mãe reconhecer no pai essa referência paterna (ou naquele que ocupa essa posição para ela), será fundamental que essa função do pai seja ratificada no âmbito social, que o social homologue o que é sustentado no âmbito privado. A sociedade

¹⁸ Considerado aqui conforme a distinção efetivada por Lacan em 1956-57. A função paterna assume uma distinção fundamental em pai real, pai simbólico e pai imaginário (LACAN, 1956-57).

¹⁹ Ruffino (2014) expõe posição similar no texto *Em torno do conceito laciano de declínio social da imago paterna*.

deve sustentar a pertinência da intervenção daquele que desempenha a função de contrapeso paterno tanto em relação à criança quanto em relação à mãe (LEBRUN, 2004).

É sobre o enfraquecimento (ou ausência) do respaldo social da intervenção paterna junto à criança e à mãe que versa a tese do declínio da imago paterna. Atualmente, o lugar para o pai está invalidado e engendra o declínio evocado: ocorreu algo no social que tornou nulo esse lugar para o pai. Lebrun (2004) associa a bancarrota dos pais (do patriarcado) ao progresso do projeto científico – de início, com a genética –, que subverteu a autoridade do pai. A hipótese que delinea em seu texto *Um mundo sem limite* (2004) é que o advento do discurso da ciência e, sobretudo, sua realização vigente, subverteu profundamente o equilíbrio até então em jogo na família, cena da elaboração da realidade psíquica do sujeito e caldeirão da vida social, e que isso dificultou, então, a possibilidade do exercício da função paterna.

Contudo, Lebrun (2010) salienta que o declínio do patriarcado (da imago social do pai) não equivale ao declínio da função paterna, eminentemente simbólica. Portanto, a função patriarcal não coincide com a função paterna, ainda que sua diferenciação resguarde interações recíprocas. A ressalva categórica do autor, no tocante à subjetivação, refere-se ao fato de que o declínio do patriarcado não acarreta, impreterivelmente, o declínio da função paterna na estrutura, isto é, não consiste na privação da legitimidade do *exercício real* da função paterna na família (LEBRUN, 2010. Grifo nosso). Sendo a função paterna decisiva para a constituição do aparelho psíquico, ela necessita, decerto, “passar pelo exercício real de um pai que quer precisamente consentir em desempenhar o pai concreto e que tradicionalmente podia se apoiar na função patriarcal para sustentar sua legitimidade” (p. 19).

De acordo com Lebrun (2004, 2010), atualmente o pai real não dispõe mais do suporte do patriarcado como fonte de legitimação para intervir junto a seu filho, não se sentindo reconhecido como a figura que estabelece limites, figura esta que o social acredita ter-se emancipado. Como consequência, deslegitimado em sua autoridade pelo discurso social, o pai busca junto a seu filho o apoio do qual foi despojado.

Lebrun (2010) conclui que o enfraquecimento do patriarcado seria capaz de ratificar o enfraquecimento da função paterna, uma vez que essa não é outra senão a função languageira. Resultado que pode, de modo igual, não ocorrer. Para engendrar o processo de subjetivação, faz-se necessário que aquele que ocupa o lugar de pai real não renuncie a sua tarefa, ainda que não disponha mais da legitimidade histórica de outrora.

A posição de Zafirooulos que se contrapõe à descrita nos parágrafos acima pode ser concisamente exposta considerando os distintos arcabouços sociológicos assimilados por Lacan para conceituar e, por conseguinte, diferenciar imago paterna e função paterna. Portanto, a fronteira teórico-conceitual facilmente se desenha tornando o declínio da imago social do pai irreduzível ao declínio da função simbólica do pai²⁰.

De modo geral, em 1938, Lacan adere ao diagnóstico de um declínio do poder social do pai (imaginário) calculado desde o panorama de Durkheim, pondo em relevo tudo o que tem de nocivo nesse declínio, para em 1953 mudar de posição, se filiar ao estruturalismo de Lévi-Strauss, desvinculando este pai do social da eficácia simbólica de seu nome, com a finalidade de pôr acento, na dissimetria estrutural entre o real e a ordem simbólica.

No *Mito individual do neurótico*, Lacan (1953) também faz referência aos efeitos que um pai humilhado pode gerar no psiquismo. Entretanto, avessa à posição de 1938, a humilhação do pai de família já não se refere mais a sua falta de poder social, ou de sua carência de legitimidade perante o seu grupo doméstico. Na concepção de 1953 de Lacan, desde o ponto de vista de seu *valor simbólico*, todo pai é mais ou menos discordante, por ser estruturalmente inapto para recobrir o real. Incapacidade que se traduz em humilhação.

Com isso, a causa da humilhação do pai de família já não deve ser buscada tanto em sua falta de poder social, como na parte do progresso de seus filhos que escapa à função simbólica de seu nome. Eis onde reside o declínio da função paterna, na ineficácia simbólica da transmissão do nome-do-pai (ZAFIROPOULOS, 2002).

Por fim, diante das assimetrias analíticas entre Pierre Lebrun e Markus Zafirooulos, é possível concluir que, em primeira e última instância, o declínio da imago social do pai é irreduzível ao declínio da função simbólica do pai.

6. PSICOPATOLOGIA NOS TEXTOS DO JOVEM LACAN

Recapitulando, até aqui foi descrito e examinado o trajeto que Lacan articula para fundar uma teorização sobre a formação da subjetividade humana, utilizando o saber

²⁰ Posicionamento semelhante ao de Zafirooulos (2002; 2015) pode ser encontrado na dissertação de Fernanda Andrade Leal, intitulada *O pai ou a função paterna em Lacan de A família* (2010).

articulado de Durkheim sobre a evolução da família (e suas consequências morais). Especificamente, partiu-se da apresentação de uma leitura e análise dos contextos internos e externos do *corpus* textual em estudo; em seguida, a pesquisa adentrou no empreendimento de uma análise dos fatores concretos da psicologia da família: seus complexos e suas respectivas imagens; neste ínterim, a diretriz da pesquisa apontou as incidências psicopatológicas resultantes dos percalços no próprio trajeto proposto pelo jovem Lacan.

Contudo, na segunda parte dos *Complexos familiares* Lacan prossegue em sua análise psicopatológica do grupo familiar, apresentando uma clínica psicanalítica dependente, tanto em suas formas como em sua existência mesma, da lei da contração familiar. Em outras palavras, Lacan interpreta as psicoses e as neuroses de tema familiar em função da síntese que elaborou na primeira parte de seu texto (ROUDINESCO, 1993, 2008).

O alcance clínico que Lacan confere aos complexos familiares parte de um ponto de vista funcional. Nas psicoses, os complexos cumprem uma *função formal*, em que nos delírios prevalecem os temas familiares por sua consonância com a estagnação que as psicoses instituem no eu e na realidade. Já nas neuroses, os complexos cumprem uma *função causal*, onde as incidências familiares se encontram na origem dos sintomas e das estruturas segundo as quais as neuroses são responsáveis pela divisão, introversão e inversão da personalidade.

A partir desta dupla observação inicial, Lacan põe acento nas psicoses e, posteriormente, nas neuroses.

6.1. Psicoses de tema familiar: a estagnação da sublimação

No texto dos *Complexos familiares*, é possível demarcar um segundo momento em que o jovem Lacan se dedica à discussão acerca da causalidade psíquica na psicose, no qual aponta os complexos familiares no lastro de motivação e tema dos sintomas na psicose. Em 1938, ele mantém a sua tentativa de compreender as causas das psicoses por um viés menos orgânico e mais psicológico, ressonâncias da elaboração de sua tese em 1932.

Neste sentido, Lacan traz à tona no texto de 1938 a tese *Da psicose paranoica em sua relação com a personalidade* (1932), este como resultado do primeiro momento em que se vê às voltas com a causalidade psíquica da loucura. Na tese de 1932, ele isola de modo original e singular – em relação à nosologia da época – um caso de psicose sob o nome de paranoia de

autopunição, onde busca interpretar os fenômenos mentais de um delírio em função da história concreta²¹ do sujeito. Fundamenta-se na teoria da libido de Karl Abraham para defender que a gênese da psicose se firma no conflito moral de Aimée estabelecido com sua irmã. “Logo, ele vai trabalhar este caso à luz de uma fixação no complexo fraterno, que justificaria a existência de uma fixação na gênese do supereu” (FERNANDES, 2001, p. 83).

Nos *Complexos familiares*, Lacan conserva a posição teórica de 1932, sobretudo, não exclui a existência de uma personalidade constituída pelas relações do eu, do supereu e do ideal do eu. Propõe uma dinâmica diferente nas relações entre as instâncias psíquicas, onde o supereu impõe à personalidade seus efeitos punitivos mais radicais e o ideal do eu se afirma numa objetivação evasiva, propícia às projeções repetitivas.

Todavia, com o progresso de seu estudo sobre o tema, reconhece que a psicose (em sua forma mental) concerne à reconstituição de estádios do eu, prévios à personalidade, onde a cada um desses estádios corresponde um objeto, “toda a gênese normal do objeto na relação especular do sujeito com o outro, ou como pertinência subjetiva do corpo despedaçado, se reencontra, numa série de formas de *estagnação*, dos objetos do delírio” (LACAN, 1938/2002, p. 66-7).

Relação especular e corpo despedaçado remetem ao complexo de intrusão e seu objeto, a imago do outro. É consoante a esse aspecto que Lacan estabelece conexões entre o complexo fraterno e a paranoia, manifestas pela regularidade dos temas de filiação, de usurpação, de espoliação, a qual sua estrutura narcísica se expressa em temas paranoides da intrusão, da influência, do desdobramento, do duplo e de todas as transformações delirantes do corpo.

A psicogenia da psicose se configura, segundo Lacan, no ponto de reversão da sublimação no momento que marca a realização edipiana. Reversão que limita a realidade do objeto na psicose. A ereção do objeto se manifesta por um sentimento de estranheza, de choque, de enigma, de significações.

O objeto na psicose pode se estabelecer de distintas formas, traduzindo-se na estrutura de narcisismo primário, o qual se deteve (vale lembrar que o Édipo é uma identificação secundária, cuja função é a sublimação). A forma do objeto pode se produzir e revelar na

²¹ Neste período, Lacan não cita Politzer, contudo, como foi destacado, inspirava-se nos trabalhos deste autor sobre a psicologia concreta (ROUDINESCO, 2008).

crise. Por exemplo, no delírio de reivindicação o objeto permanece irreduzível a qualquer equivalência ou possibilidade de compensação por outro objeto. No delírio persecutório, o supereu não fora recalçado, se revelando no sujeito em intenção repressiva e surgindo como objeto apreendido pelo eu, vulnerável às ameaças reais ou imaginárias, representado por um adulto castrador ou pelo irmão intrusivo.

Na psicose alucinatória, o eu arcaico expressa sua decomposição na expiação, na adivinhação, no desvelamento, cujo duplo, outrora objeto de identificação especular, agora se mostra como um inimigo ao sujeito,

seja como eco do pensamento e dos atos nas formas auditivas verbais da alucinação, cujos conteúdos autodifamadores marcam a afinidade evolutiva com a repressão moral, seja como fantasma especular do corpo em certas formas de alucinação visual, cujas reações-suicidas revelam a coerência arcaica com o masoquismo primordial. (LACAN, 1938/2002, p. 68)

A partir de tais apontamentos, Lacan propõe um panorama geral a respeito da causalidade psíquica nas psicoses, cujos objetos, construídos nas relações familiares, desempenham um notável papel no eu, seja como *motivos* das reações mórbidas do sujeito, seja como *temas* de seu delírio. Os complexos familiares isolados nas psicoses (e não latentes como nas neuroses) são apenas efeitos virtuais e estáticos de sua estrutura, das representações em que o eu se estabiliza.

As interrogações sobre influência dos temas familiares na causalidade psíquica conduzem Lacan a se posicionar com prudência neste período de sua teorização. Época em que Lacan se encontra num momento de encruzilhada entre o fim de sua carreira como médico psiquiatra e o início de sua prática como psicanalista. Assim, do mesmo modo que pondera sobre a necessidade de considerar o determinismo endógeno de algumas afecções mentais, ele acentua a pertinência de que os estudos classificatórios considerem que os complexos familiares são capazes de proporcionar-lhes uma direção sistemática, segura, que ultrapasse a pura observação.

A prudência de Lacan (1938/2002, p. 71) se traduz na seguinte citação:

resta estabelecer se os complexos que desempenham esses papéis de motivação e de tema nos sintomas da psicose também têm um papel de causa em seu determinismo; e essa questão é obscura. Quanto a nós, se quisemos compreender esses sintomas através de uma psicogênese, estamos longe de ter pensado com isso reduzir o determinismo da doença.

Em 1938, Lacan tateia a questão do determinismo da psicose, a princípio pelos sintomas, e retorna ao tema em 1946, no texto *Formulações sobre a causalidade psíquica*. Antes de 1946, as reflexões de Lacan sobre a loucura se limitam ao exame dos fatores propriamente familiares dos delírios. Com base em sua prática clínica como psiquiatra, isolou a correlação da paranoia a uma anomalia da situação familiar. Para validar sua hipótese da estagnação da sublimação como essência da psicose, Lacan afirma que a instância do ideal do eu se forma em virtude dessa situação anômala familiar, segundo o objeto do irmão (complexo da intrusão), que oferta o modelo arcaico do eu.

Entretanto, o autor salienta a pertinência das condições psicológicas desempenhando um papel determinante na psicose, particularmente notável nos casos de delírio a dois. Casos constantemente encontrados num grupo familiar descompletado, no qual o isolamento social que ele propicia surte seu efeito máximo no “casal biológico” (mãe-filha/filho; entre irmãos, como no caso das irmãs Papin).

Até 1938, Lacan confere ênfase ao social/cultural e mantém-se prudente quanto ao viés biológico no determinismo da psicose, reflexo de sua transição paulatina da psiquiatria para a psicanálise. Sem rejeitar a causalidade orgânica, Lacan sublinhava que esta se dispunha fora das categorias da psicogenia. A causa orgânica não desaparece do quadro clínico, simplesmente é posta em segundo plano. De uma só vez, ele recusava a tese de Sérieux e Capgras, segundo a qual haveria um núcleo da convicção delirante, a de Clérambault sobre a síndrome do automatismo mental, e a de Ernest Dupré sobre os quatro pontos cardeais da construção paranoica.

O texto de 1946, pronunciado nas jornadas psiquiátricas de Bonneval, encerra um terceiro momento do jovem Lacan quanto ao tema da causalidade psíquica da psicose, declarado numa crítica ao organo-dinamicismo de Henri Ey, ao qual se somam formulações acerca da fenomenologia da loucura.

6.2. Causalidade psíquica e identificação: a fórmula geral da loucura

Os textos do jovem Lacan cumprem o marco primordial nas formulações lacanianas sobre a psicose e a causalidade psíquica. Na tese de 1932, Lacan sustenta a hipótese segundo a qual os mecanismos psíquicos de autopunição da paranoia teriam uma origem social, determinados por uma fixação no complexo fraterno que justificaria a existência de uma

fixação na gênese do supereu. Ideia que se perpetua no artigo de 1938, com acento no processo de sublimação da imago (FERNANDES, 2001).

Alguns anos depois, mais especificamente em 1946, Lacan desdobra tais formulações para estabelecer uma articulação entre identificação e causalidade psíquica, desta vez destacando a função da imago. Na realidade, Lacan retoma tal problemática, pois os primórdios desta discussão remontam ao texto sobre o estágio do espelho, onde destaca o papel da imago do outro na captura identificatória à qual o sujeito se submete (FERNANDES, 2001).

As reformulações de Lacan acerca da causalidade psíquica em 1946 têm como ponto de partida uma crítica à doutrina organo-dinamicista de Henri Ey e a discussão gira em torno da psicogênese e organogênese das psicoses. A doutrina de Ey defende a junção entre a neurologia e a psiquiatria e a discussão gira em torno da psicogênese e organogênese das psicoses. Em suma, Henry Ey discorda de uma psicogênese pura dos transtornos mentais, em que a psicose procede de um déficit energético capaz de perturbar o equilíbrio do sujeito, induzindo-o a tendências instintivas que escapam ao controle da atividade consciente. Ou seja, Ey perpetua o pensamento de um dualismo psicofisiológico.

A proposição lacaniana, não opõe psicogênese a organogênese, pois equivaleria a manter uma simetria original entre o psíquico e o orgânico. Pelo contrário, Lacan propõe o termo psicogenia como substituto da psicogênese e da organogênese, priorizando uma estrutura mental da personalidade. Para Roudinesco (1993), é assim que Lacan se distancia do dualismo, repousando a psicogenia em uma “dialética da personalidade inconsciente, única capaz de isolar uma causalidade psíquica, sem eliminar, não obstante, o fundo orgânico que se encontra simplesmente dissociado do psiquismo” (p. 139). Já a doutrina de Ey se baseia em uma degradação da personalidade, onde o inconsciente se converte na expressão das partes degradadas da personalidade humana. A doutrina lacaniana, pelo contrário, supõe uma teoria estrutural da personalidade irreduzível a qualquer noção de déficit ou degradação, outorgando ao inconsciente o lugar mesmo da estrutura psíquica. Como em Freud, Lacan sublinha que as tendências mórbidas provêm de organização inconsciente do sujeito (ROUDINESCO, 1993).

A proposição teórica de Lacan em 1949 sobre a fenomenologia da loucura se estrutura no que nomeia como “fórmula geral da loucura”, fundamentada na filosofia de Hegel, e proposta como universal e aplicável em qualquer fase do desenvolvimento dialético do ser

humano, realizada sempre num mecanismo de identificação ideal. (LACAN, 1946/1998, p. 173). No trecho abaixo, Lacan especifica seu enfoque:

Digo “fórmula geral da loucura” no sentido de que podemos vê-la aplicar-se particularmente a qualquer uma das fases pelas quais se realiza mais ou menos, em cada destino, o desenvolvimento dialético do ser humano, e de que ela sempre se realiza ali como uma estase do ser, numa identificação ideal que caracteriza esse ponto de um destino particular. (LACAN, 1946/1998, p. 173)

No texto de 1946, assim como no de 1938 e no de 1948 (Agressividade em psicanálise), Lacan desdobra alguns aspectos clínicos da sua tese sobre a psicose paranoica. Interessado pela constituição do eu, Lacan, por intermédio da teoria do estágio do espelho, confere ao eu uma estrutura paranoica, transformando assim a ideia de tensão social, tal como foi apresentada na tese, para a ideia de uma tensão entre o eu e o outro, semelhante, adversário (FERNANDES, 2001).

Por fim, vale sublinhar que o tema da psicopatologia no jovem Lacan, no que se refere à psicose, se orienta em consideração à ordem sociológica, fazendo eco dos estudos de George Politzer, e buscando argumentos em uma tradição que vem desde Kant, Hegel passando por Freud, Dilthey, Husserl, Jaspers, Merleau-Ponty e Heidegger.

6.3. Neuroses de tema família

Adentrar no terreno das neuroses em Freud é considerar a pertinência do complexo que as causam, o complexo de Édipo. Freud ousou de várias maneiras, não só no conteúdo de suas pesquisas; em sua prática terapêutica, ele se interessou pelo que se costumava negligenciar, o conteúdo dos sintomas. Foi assim que ele decifrou as causas desses sintomas, apontando em sua origem uma sedução ou revelação sexual precoce, sofrida na infância, no aconchego e segurança das trocas familiares.

A constelação familiar, objeto sobre o qual Freud se debruçou para esquematizar suas pesquisas acerca da gênese do sintoma, é sintetizada por Lacan (1938/2002) com as seguintes palavras:

o nascimento de um irmão, precipita tal formação, exaltando por seu enigma a curiosidade da criança, reativando as emoções primordiais de sua ligação

com a mãe pelos sinais de sua gravidez e pelo espetáculo dos cuidados que ela dá ao recém-nascido, cristalizando enfim, na presença do pai junto a ela, o que a criança advinha do mistério da sexualidade, o que ela sente de seus impulsos precoces e o que ela teme das ameaças que lhe proibem a satisfação masturbatória. (p. 75)

Deste grupo familiar emerge o complexo nodal das neuroses ao que Freud consagrou com o nome de *complexo de Édipo*, responsável por traumatismos precoces que desembocam em sintomas, cujas relações do grupo familiar são capazes de determinar atipias na constituição mesma do complexo.

Com este preâmbulo, Lacan assinala sua admiração pelo descobrimento freudiano e a sutileza de Freud ao explorar as causas familiares das neuroses. Entretanto, Lacan relê a constituição da dupla incidência do complexo de Édipo no psiquismo – o supereu e o ideal do eu – à luz da situação de separação que a análise da angústia faz reconhecer como primordial, a do nascimento. Recorre então à sua concepção de estágio do espelho para esclarecer a ideia da formação do eu, em comum progresso, com o outro e o objeto. A seu ver, o estágio do espelho:

estende o traumatismo suposto dessa situação a todo um estágio de despedaçamento funcional; ela reconhece, desde esse estágio, a intencionalização dessa situação em duas manifestações psíquicas do sujeito: a assunção do dilaceramento original sob o jogo que consiste em rejeitar o objeto, e a afirmação da unidade do corpo próprio sob a identificação à imagem especular. (LACAN, 1938/2002, p. 78)

Todavia, Lacan faz uma ressalva sobre a plena diferenciação do eu, que se cumpre na soleira do conflito da sexualidade infantil, só então ela cumpre sua função quanto à espécie: assegurando a correção psíquica da prematuração sexual, onde o supereu recalca o objeto inadequado primeiro alvo do desejo; e o ideal do eu, que orienta a escolha do objeto adequado à maturação puberal, via identificação imaginária. Momento de acabamento que coincide com o de síntese específica do eu na idade dita da razão, a adolescência.

É neste nó existencial, dramático e traumático que o complexo de Édipo se revela, na dependência de um duplo encargo: ocasiona o progresso narcísico e o acabamento estrutural do eu. Ao complexo cabe oferecer as imagos que animam afetivamente essa estrutura e sua realidade (LACAN, 1938/2002).

Com efeito, Lacan (1938/2002) assinala a relatividade do Édipo, sujeito às eventualidades e caprichos das regulações socioculturais, à medida que a família passou de paternalista à conjugal, submetendo-o a variações individuais. *Anomia* que conduziu Freud à sua descoberta em forma de *degradação*, a qual Lacan define por um: recalçamento incompleto do desejo pela mãe, que reativa a angústia e a investigação, própria à situação do nascimento; abastardamento narcísico da idealização do pai, cuja ambivalência agressiva (imaneente à relação primordial com o semelhante) se evidencia na identificação edípiana. Essa forma se configura como o resultado comum tanto das incidências traumáticas do complexo quanto da anomalia das relações entre seus objetos. Só então ele distingue duas ordens de causas, ou duas ordens de neuroses, derivadas da degradação do complexo de Édipo resultante da anomia social da sociedade conjugal: as neuroses de transferência e as neuroses de caráter.

6.4. As neuroses de transferência relidas por Lacan

Lacan empreende uma releitura das neuroses de transferência, que agrupam as fobias, a histeria e a neurose obsessiva. Em qualquer caso, estas neuroses expressam, de acordo com Lacan, a degradação da regulação edípica determinada pela anomia social e são, notavelmente, relidas à luz de sua noção do estádio do espelho.

A fobia, na forma que mais comumente se apresenta na criança, como zoofobia, nada mais é do que uma forma substitutiva da degradação do Édipo, de forma que o animal que provoca angústia representa, consoante Lacan (1938/2002), cada aspecto ameaçador das imagos prevaletentes nos três complexos, a saber: “a mãe como gestante, o pai como ameaçador, o irmão mais novo como intruso” (p. 80). Contudo, esse mesmo objeto da fobia constitui para o sujeito uma forma protetora de ideal do eu ou de totem protetor (tal qual nas sociedades primitivas) que o auxilia a se defender contra a angústia.

Neste ponto Zafiropoulos (2002) adverte que Lacan se distancia da teorização freudiana das fobias. Freud reconhecia no animal angustiante a figura do pai totêmico filogeneticamente herdada do ato parricida e sempre ativa no coração do Édipo de cada sujeito. Por seu lado, Lacan se refere ao duplo valor de angústia e defesa que confere ao animal totêmico e, por fim, seu caráter de “*père-mutation*” na configuração da fobia, como forma substitutiva de um Édipo degradado.

No caso da histeria e da neurose obsessiva, Lacan afirma que se caracterizam como as consequências das incidências traumáticas do complexo de Édipo no progresso narcísico que pasmam o sujeito e congelam seu desenvolvimento. Na origem de ambas as neuroses se encontra o protótipo acidental que Freud precisou como a sedução ou a revelação sexual prematura.

Esses acidentes que surpreendem o sujeito em seu processo de “recolamento” narcísico sofrem uma clivagem e tendem a ser recalçados no decurso da maturação normal da sexualidade, arrastando uma parte da estrutura narcísica para o inconsciente. “Essa estrutura faltará na síntese do eu e o retorno do recalçado corresponde ao esforço constitutivo do eu para se reunificar. O sintoma exprime simultaneamente essa falta e esse esforço, ou antes, sua composição na necessidade primordial de fugir da angústia” (LACAN, 1938/2002, p. 81).

Na histeria, o sintoma (retorno do recalçado) incide sobre o corpo e se manifesta, segundo Lacan, em conformidade com a lógica de um “simbolismo organomórfico”, congruente com sua teoria do estágio do espelho (aqui denominado estágio do corpo despedaçado). Quanto ao sintoma do neurótico obsessivo, seu sofrimento estaria então no pensamento compulsivo. Enfrentando o mesmo trauma que o histérico, o obsessivo busca no lado do saber ou do conhecimento ‘mistificar’ a angústia que acompanha sua divisão mórbida.

Tudo sucede como se a unidade egóica fosse o bem mais precioso do sujeito. Esta conclusão pode surpreender, contudo, recorda Zafiropoulos (2002), o júbilo que captura a criança no estágio do espelho infere a coerência existente entre a releitura lacaniana das neuroses de transferência – impelido pela primazia de uma ética que almeja a unidade do eu²² – e a observação da satisfação narcísica experimentada prematuramente pela criança frente ao espelho, frente a sua imagem, enfim, unificada e unificante de si mesmo.

Desta maneira, conforme Lacan, o encontro com o sexual provoca uma subversão narcísica, enquanto que o sintoma expressa uma reivindicação de reparação, e o recordado é, notadamente, as experiências de regozijo, nas quais a criança no espelho triunfa frente ao despedaçamento de seu corpo.

²² Retomando as palavras de Lacan (1938/2002): “a tendência pela qual o sujeito restaura a unidade perdida de si mesmo toma lugar, desde a origem, no centro da consciência. Ela é a fonte de energia de seu progresso mental, progresso cuja estrutura é determinada pela predominância das funções visuais. Se a procura de sua unidade afetiva promove no sujeito as formas em que ele representa sua identidade, a forma mais intuitiva é dada, nessa fase, pela imagem especular. O que o sujeito dela saúda é a unidade mental que lhe é inerente. O que ele reconhece nela é o ideal da imagem do duplo. O que ele nela aclama é o triunfo da tendência salutar” (p. 37).

6.5. As neuroses de caráter e a anomia social

As neuroses de caráter possibilitam distinguir certas relações constantes existentes entre as formas típicas das neuroses modernas (as de transferência) e a estrutura da família na qual cresceu o sujeito. Elas foram reconhecidas pela pesquisa psicanalítica como os distúrbios do comportamento e do interesse, relacionadas à idiosincrasia do caráter, se deparando ainda com o mesmo efeito paradoxal de intenções inconscientes e de objetos imaginários revelados nos sintomas das neuroses clássicas.

No caso das neuroses de caráter, são as instâncias do supereu e do ideal do eu que engendram formas anômalas de desenvolvimento, cuja formação de ambas depende dos objetos parentais ou, mais especificamente, da maneira como se personificam nos pais. Desta maneira, se assegura a solidariedade mórbida entre as gerações, ao se pôr em primeiro plano de causas da neurose de caráter a neurose parental. Transmissão que se revela claramente na clínica, ressalta Lacan (1938/2002). Com efeito, tal neurose se traduz, “por entraves difusos nas atividades da pessoa, por impasses imaginários nas relações com a realidade. [...] e encontramos cada vez mais, como fundo, nas neuroses de transferência”. (LACAN, 1938/2002, p. 85-6).

Como primeira atipia que se define do conflito que o complexo de Édipo implica, em especial, nas relações do filho com o pai, Lacan sublinha as neuroses de autopunição ou destino. São neuroses que se manifestam por uma gama de atitudes de fracasso, inibição, perda, cuja experiência analítica instruiu o reconhecimento de um intuito inconsciente. Em consequência, elas podem chegar a provocar atos suicidas, dando mostra de uma demasiada ferocidade do supereu, insondável sem a ruptura de toda a tensão da tradição do tipo paternalista que até então assegurava uma harmoniosa transmissão entre as gerações.

Um segundo grupo de atipias se revela pela maneira como o Édipo preside a sublimação da sexualidade. Seus efeitos se expressam por uma animação imaginativa da realidade, por uma estrutura que se caracteriza pela involução intrapsíquica, que Lacan designa como “introversão da personalidade” (1938/2002, p. 88). O fomento desta atipia reside na carência da imagem formadora do ideal do eu, que conduziria a uma certa introversão da personalidade por subdução narcísica da libido. Introversão que se exprime ainda por um estancamento regressivo nas relações psíquicas do complexo do desmame.

Lacan (1938/2002) denota, como exemplo, neuroses causadas por distúrbios de libido na mãe, onde a frigidez materna se revela clinicamente em inúmeros casos de neurose, da qual se apreende que a sexualidade, difundindo-se nas relações com a criança, subverteu a natureza destas. Aqui se encontram também formas radicais de neuroses digestivas sob o termo de suicídios não violentos, motivadas por tentativas de rupturas caóticas da mãe, ou então o sujeito permanece num aprisionamento às imagens do complexo, subjugado tanto a sua instancia letal como a sua forma narcísica.

Por fim, uma terceira atipia da situação familiar é descrita, desta vez, atingindo a sexualização psíquica, expressa na relação entre a personalidade imaginária do sujeito e seu sexo biológico. Tal relação pode apresentar-se invertida, determinando uma homossexualidade. Dada a prevalência do princípio masculino nas origens de nossa cultura demasiado marcada pelos ideais da família paternalista, o ideal masculino ocultaria o princípio feminino, virilizando certas mães que, ao ver de Lacan, “dão à luz” filhos homossexuais (LACAN, 1938/2002).

Na ótica de Zafirooulos (2002), as neuroses de caráter expressam de maneira mais moderna as circunstâncias sociais da anomia conjugal que degrada o Édipo, ademais, o reverso inconsciente do operador que regula as relações entre as gerações, a partilha dos sexos e, mais além, a escolha do destino de cada um: de vida ou de morte.

No final do texto de 1938, Lacan ressalta a noção de caráter para peculiarizar a morbidez compatível com a carência contemporânea reveladora da declinação final do poder da familiar paternalista, foco de suas investigações sobre os complexos familiares.

7. UMA LEITURA SOBRE O AUTISMO A PARTIR DOS TEXTOS DO JOVEM LACAN

Desde a criação e caracterização, em 1911, do sintoma autístico pelo psiquiatra suíço Eugen Bleuler, para designar a tendência em se isolar observada no quadro patológico que denominou como esquizofrenia, a psiquiatria infantil não foi mais a mesma. Em 1943, Leo Kanner, psiquiatra austríaco radicado nos Estados Unidos, escreveu o artigo *Autistic*

*Disturbances of Affective Contact*²³, transformando em distúrbio autístico de contato afetivo o que antes era um sintoma.

A história detalhada desta transformação, assim como de sua posterior denominação como transtorno do espectro autístico tal como hoje socialmente é difundido pelo DSM V, pode ser lida na dissertação de Luciana Carla Lopes de Andrade intitulada *O autismo como uma invenção da psicopatologia moderna*, também produzida no PPG de Psicologia da Universidade Federal de Alagoas.

A questão da genealogia do termo autismo é importante e deve ser considerada nas leituras hermenêutica e desconstrutiva, bem como no questionamento e interpretação do fenômeno da infância, seu desenvolvimento e atual estado de patologização. Todavia, a consideração da temática do autismo na presente pesquisa se delimita a sua abordagem pela psicanálise, especificamente, a etiologia do autismo analisada a partir da leitura do PIC psicanalítico do jovem Lacan.

Parte-se da questão: o que é possível ler sobre o autismo nos textos do jovem Lacan? Desde já, se destaca o fato de que ele não teorizou sobre este tema, contudo deixou as bases e fundamentos para que esta tarefa fosse levada adiante por seus sucessores que se dedicaram ao estudo da psicanálise de crianças. Quatro deles foram considerados na presente pesquisa para responder a pergunta acima: Alfredo Jerusalinsky, Marie-Christine Laznik, Gabriel Balbo e Jean Bergès, todos com uma vasta experiência de pesquisa e clínica na área infantil.

Como resposta, duas noções se destacam nas teorizações destes autores: o estágio do espelho e o transitivismo. A primeira, fruto da elaboração conceitual do jovem Lacan, e a segunda, notadamente destacada nos textos analisados nesta pesquisa.

7.1. Estádio do espelho e autismo

No campo psicanalítico a prevalência de duas características é considerada para situar o autismo como um problema de desenvolvimento: o fracasso na construção das redes de linguagem e os automatismos (JERUSALINSKY, 2012). A rede de linguagem tem valor adaptativo ao mundo simbólico e se estabelece de modo singular no laço com o semelhante.

²³ A versão em português deste artigo, intitulado *Os distúrbios autísticos do contato afetivo* pode ser encontrada no livro *Autismos* (1997) organizado por Paulina Schmidtbauer Rocha e lançado pela editora Escuta.

Através da rede de relações com pessoas e objetos circundantes se transmite a trama discursiva que confere significado aos comportamentos automáticos determinados pela maturação neurológica. No autismo o automatismo se traduz pela forma automática e repetitiva com a qual a criança manuseia um objeto, reflexo da carência da estrutura linguística que permite a ela sustentar uma relação lúdica e criativa com este objeto.

Jerusalinsky (2012) é um dos autores que situa a etiologia do autismo no fracasso na construção desta estrutura linguística responsável pelo estabelecimento na criança da capacidade de significar o mundo ao seu redor e pela identificação com seu Outro primordial (geralmente sua mãe). Essa identificação primária marca a entrada no complexo sistema de identificações denominado por Lacan como “estádio do espelho”, momento a partir do qual “cada criança contempla as múltiplas variações dos efeitos que sua voz, sua gestualidade e suas expressões causam no outro”. Dito de outro modo, trata-se do momento em que “ela se reconhece nos outros e percebe as condições que deve satisfazer para ser reconhecida” (JERUSALINSKY, 2012, p. 61). São esses traços linguísticos que organizam o intercâmbio especular, transformando os atos de reconhecimento recíproco entre a criança e seu Outro.

Assim, o que o autor destaca na clínica do autismo infantil precoce como causa nodal na etiologia desta psicopatologia é o fracasso da função primordial de reconhecimento recíproco, cujas causas variam desde genéticas e neurológicas até às traumático-psicológicas. Entretanto, a falha desta fundamental operação de entrada no registro da linguagem revela-se em todos os casos, impedindo a criança de estabelecer uma relação com o outro familiar e social.

É na ausência radical de reconhecimento do outro e, conseqüentemente, na prevalência de automatismos, que se observa nos autistas a desconsideração do outro, o desvio do olhar do outro semelhante, assim como a “surdez” especificamente ao outro falante.

Neste sentido que os psicanalistas (JERUSALINSKY, 2011, 2012; LAZNIK, 2013; BALBO; BERGÈS, 2003) situam o valor do olhar nas origens do sujeito. Olhar que não se confunde com a visão, pois trata-se do olhar no sentido de presença, cujo olho se apresenta menos como órgão suporte da visão do que como signo de investimento libidinal (LAZNIK, 2013). Sendo uma experiência de presença, o olhar pode se manifestar igualmente por uma voz, se expressar ainda no contato físico, olhar que traduz do desejo da mãe por seu filho.

O que o olhar traz de primordial na constituição do sujeito é o seu efeito de antecipação. Uma mãe que olha seu filho não avista o que está aí, mas um vir a ser, um advir, ela se deixa enganar por uma *ilusão antecipadora* diante da insuficiência vital de seu bebê. Por conseguinte, o *infans* ocupa um lugar de ideal, *his majesty the baby*, tal como propõe Freud no texto sobre o narcisismo (LAZNIK, 2013).

Por isso que Laznik (2013) enfatiza em seus escritos o efeito da palavra no olhar do Outro primordial como instaurador do eu e do corpo da criança. “O não-olhar entre a mãe e o filho, e o fato de que a mãe não possa se dar conta disso, constitui um dos principais sinais que permitem formular, durante os primeiros meses de vida, a hipótese do autismo” (p. 49).

Esse não-olhar não necessariamente conduz a uma síndrome autística, mas em todo caso assinala um obstáculo na instauração do estágio do espelho, comprometendo a constituição da relação especular com o Outro. A ausência da ilusão antecipadora do olhar do Outro priva a criança de uma imagem de seu corpo e, conseqüentemente, dificulta sua vivência de unidade corporal.

Em síntese, os casos de autismo são aqueles onde a não-instauração da relação especular evidencia a não-instauração da relação simbólica fundamental – a presença/ausência materna – não pela falta do tempo de ausência, mas por uma *falta fundamental da própria presença original do Outro*, apresentando como efeito a impossibilidade de instauração do tempo constitutivo do imaginário, por meio da relação especular com o Outro (LAZNIK, 2013).

Conforme foi enfatizado por Lacan (1949/1998), o estágio do espelho é uma experiência ontológica que marca os primeiros tempos da constituição psíquica, manifestação da própria matriz simbólica, onde se estabelece a dialética das identificações (primárias, na identificação com a imago do corpo próprio e secundárias, na identificação com o eu ideal) e a relação com a realidade circundando a criança. Com a não-instauração do estágio do espelho, as identificações no autismo findam por se restringir à ordem do um, pois não há identificação com o outro, uma vez que o outro se suprime. A condição do autista é sintetizada por Jerusalinsky (2011) da seguinte maneira: “o autista é tão outro que nem sequer é um” (p. 46). Para ser um é necessário o outro, a condição de alienação no outro. Sem o outro não há um, não há desejo do desejo do outro, não há sujeito.

É justamente por essa supressão do outro que não é possível falar de narcisismo sem o advento do estágio do espelho (BALBO; BERGÈS, 2003). Isto porque Lacan institui o estágio do espelho como a experiência do desenvolvimento psíquico situada entre o autoerotismo e o narcisismo. O estágio do espelho introduz questões que antecedem e propiciam o surgimento do narcisismo. Assim, a ausência da relação especular conduz a uma falha na instauração do narcisismo primário.

Se na criança dita autista não foi instituído o estágio do espelho, muito menos o narcisismo, o que se pode dizer sobre o autoerotismo? A resposta é dada por Laznik (2013): basta retirar o *eros* de autoerotismo para deparar-se com o autismo²⁴. Em outras palavras, no autismo a ligação erótica com o Outro está ausente.

7.2. Falha no transitivismo

Conforme descrito no capítulo 5, o aspecto constitutivo do transitivismo foi um tema constante nas teorizações do jovem Lacan acerca da estruturação psíquica. Seu ponto de vista contemplou o fenômeno transitivista com um enfoque no desenvolvimento normal da subjetividade da criança, como um momento fundamental de captação da imagem do outro que antecede a própria formação do eu.

Foram os psicanalistas Gabriel Balbo e Jean Bergès que se dedicaram à discussão do transitivismo na perspectiva da psicopatologia infantil, dedicando à abordagem da temática o livro *Jogo de posições da mãe e da criança: ensaio sobre o transitivismo* (2002). Nele os autores correlacionam o autismo a uma falha na instauração do transitivismo.

Ao longo do livro, Balbo e Bergès apresentam recortes de casos clínicos para esclarecer que o transitivismo pode se apresentar não só em relação à criança, mas, sobretudo, em relação à mãe. Sem o transitivismo materno não se configura o transitivismo na criança. Justamente por essa razão os autores classificam o transitivismo como um processo psíquico constitutivo do sujeito que depende diretamente da função materna. Quando algum entrave se

²⁴ Além do não-olhar entre mãe e filho, Laznik (2013) ressalta um segundo sinal clínico no diagnóstico do autismo a *não-instauração do circuito pulsional completo* deduzido do trajeto pulsional em três tempos descrito por Freud. Resumidamente, o primeiro tempo tem caráter ativo, no qual a criança busca o objeto de satisfação na pulsão. O segundo tempo se caracteriza pela experiência alucinatória de satisfação, relacionada com o autoerotismo. Por fim, o terceiro tempo é o remate do circuito pulsional, nele a criança se oferece como objeto de satisfação do outro. A dimensão autoerótica do segundo tempo só é validada pela confirmação do terceiro tempo. No autismo este terceiro tempo está ausente, portanto, anulando o caráter autoerótico do segundo tempo.

sobrepõe ao desempenho desta função e consecutivo estabelecimento do vínculo primordial entre a mãe e a criança, o estabelecimento do transitivismo é posto em risco.

Em resumo, o transitivismo responde ao caso em que uma criança sofre um golpe ou cai sem reagir e é outra que se queixa sem que o tenha sofrido; ou ainda, um adulto se acidenta e um outro, que nutre sentimentos pelo acidentado, é quem sofre. Logo, dois fatos se destacam: 1) na experiência transitivista a complementaridade se dá na direção do outro; 2) trata-se de um processo que passa necessariamente pelo corpo e o afeta. Têm-se o *outro* e o *corpo*. Estes dois elementos de imediato evidenciam a razão pela qual é possível correlacionar o autismo à conjuntura da falha no transitivismo, uma vez que no autismo – frente ao que foi supracitado sobre o estágio do espelho – o outro está ausente a ponto de não ter sido possível implementar a estruturação da unidade corporal. O transitivismo é por si só um espelhamento.

O que acontece antes dessa falha se estabelecer como desfecho nos casos de autismo? Para responder a essa questão é preciso retroceder aos acontecimentos precoces do desenvolvimento infantil, contexto onde se desdobra a operação transitivista entre a mãe e a criança.

A prematuração vital que marca os primeiros meses de vida da criança a lança num estado de desamparo que impõe a extrema dependência do outro para que ela possa sobreviver. Em seus primeiros meses de vida os cuidados do outro (em geral, a mãe) são essenciais à medida que asseguram a sustentação de necessidades básicas como a alimentação, a higiene do bebê, a higiene sonora de ambiente, os cuidados com a temperatura, luz.

Além da atenção com os cuidados puerperais, ao cuidador cabe a tarefa de proporcionar o paradoxal encontro entre a concretude do organismo do bebê com a estrutura da linguagem. O caráter paradoxal reside na heterogeneidade dos dois campos, de um lado tem-se o *natural* do corpo biológico e, do outro, o campo simbólico e *cultural*, onde o último captura o primeiro tendo como resultado o surgimento de um sujeito (BERNARDINO, 2006).

Ao simples cuidar se sobrepõe a função de simbolização da criança, de significação das experiências que ela vivencia. A tarefa de simbolização demanda do cuidador a presença de uma particularidade: seu desejo pela criança. Desejo que se expressa nas palavras, no olhar, no toque, marcando e recortando o corpo do *infans*, convidando-o a perceber o mundo e a manifestar-se enquanto olhar, boca, gritos, choro.

Esta é a situação original que oportuniza o desencadeamento do transitivismo entre a mãe e a criança, por intermédio da linguagem. No primeiro tempo do transitivismo tem-se o espanto, a capacidade da mãe em se espantar com o que o bebê lhe apresenta. Diante de cada experiência a mãe se pergunta o que seu filho quer, do que ele precisa. Será fome? Frio? Dor? A criança sabe de algo que a mãe ainda não sabe. Este tempo inicial é instaurado pelo fato de a mãe supor um saber no seu filho.

O segundo tempo é o de construir hipóteses nos apelos que o filho lhe endereça. Ela se coloca no lugar dele e põe em jogo um desconhecimento. Sabe-se parcialmente conhecedora do que se passa. Ela formula uma suposição, antecipa algo a partir de seu saber, coloca em xeque seu potencial para experimentar corporalmente afetos. Desta forma, o que está em jogo no transitivismo é a afetação (BALBO; BERGÈS, 2002). Ela pode pensar: “está quente hoje e você deve estar com calor, lhe darei um banho”. A partir de sua própria experiência frente ao calor ela golpeia o bebê e lhe oferece o calor. É fundamental que a mãe sustente a credibilidade de seu saber.

Este tempo assinala o que Balbo e Bergès (2002) nomeiam como *golpe de força* não-traumático de caráter ordenador. Com a suposição de hipóteses a mãe limita as experiências do filho, forçando-o a identificar-se com seu discurso e atribui a ele um corpo. Por exemplo: diante da situação em que seu filho cai, ela nomeia o ocorrido com um “ai” e a criança, que ainda não pode compreendê-lo, identifica-se com esse corpo que sente dor concedido pelo discurso materno. Assim, por um golpe de força, o discurso transativista limita o masoquismo/dor da criança, a fim de que, conhecendo a dor, a fome, o frio, aquela evite a negligência com seu corpo. Em vista disso, a partir do transitivismo materno, os excessos que a criança experiencia em seus primeiros meses de vida (vivência do corpo despedaçado), vão tomando forma de frio, sede, fome, dor, com a linguagem (SILVEIRA, 2003).

O terceiro e último tempo do transitivismo denota o que Balbo e Bergès (2002) chamam de ultrapassagem. Refere-se ao momento em que a mãe consente que a criança se aproprie do que lhe foi apresentado, testemunhando a subjetivação do outro. Este tempo cabe à mãe e significa abrir caminho para que a criança não se mantenha atrelada ao dito suposto materno.

Assim, uma mãe que tem dificuldades em se espantar, em se perguntar, em acreditar nas suas hipóteses ou mesmo confiar demais nelas, corre o risco de abandonar a criança no Real, no nada saber. Uma mãe que nomeia um tombo, o frio, a fome, a sede, ajuda a criança a

perceber o que acontece consigo e com o mundo que a circunda. São gestos que estão na contramão do traumático, são ordenadores e balizam a entrada da criança no campo da linguagem. Uma mãe que transativa positiva o sofrimento de seu filho tornando presente as ausências. Nas palavras de Bergès e Balbo (2002): “O dizer da mãe, ao substituir o sofrimento que ela supõe ter experienciado pelo filho, torna simbólico esse sofrimento e sua experiência; é nesse sentido que a fala da mãe é recalçante e impõe limites” (p. 25).

Nos casos em que a mãe falha na aplicação da operação transativista, a criança não transativa a si mesma, nem a seu semelhante, pela incapacidade de se afetar pelo outro. De acordo com Balbo e Bergès (2002), é esta condição que se esboça nos casos de crianças autistas. A falha no transativismo consiste na falha da inscrição dos primeiros significantes oriundos do horizonte da alteridade, significantes que ajudam a criança a formar representações, percepções, que regulam o funcionamento das funções corporais. O golpe transativista liga os acontecimentos do corpo à linguagem, qualquer prejuízo neste tempo primordial pode comprometer a constituição do psiquismo na criança.

8. CONCLUSÃO

Pesquisar e escrever sobre a psicanálise lacaniana, ou melhor, eleger os textos de Jacques Lacan como objeto de pesquisa para empreender uma estratégia de leitura desconstrutiva demanda uma demarcação histórica, filosófica, sociológica de seus textos, onde cada momento de construção teórica circunscreve o plano de um programa de investigação científica nos moldes da epistemologia de Imre Lakatos. Assim, em seus primórdios, foi no encontro com o surrealismo, a fenomenologia psiquiátrica, a filosofia de Spinoza e a psicanálise freudiana que Lacan buscou compreender a loucura humana, desde um viés subjetivo em detrimento do organicismo ensinado por seus mestres da psiquiatria.

Foi assim que, capturado de vez pela filosofia moderna transmitida por Kojève, influenciado pela psicanálise freudiana e pós-freudiana de Melanie Klein, pela sociologia francesa de Émile Durkheim e pela prova do espelho de Henri Wallon, o jovem Lacan se lançou no projeto de compreender a gênese do eu e o estatuto do sujeito. É possível falar sobre uma teoria da constituição psíquica do sujeito se Lacan ainda não dispõe das noções de estrutura, sujeito, simbólico? Esta foi uma das perguntas que este texto buscou responder.

Sim, tanto é possível que Lacan – ainda que não tenha nomeado como uma teorização da estruturação psíquica – o fez, tomando como base as transformações da família ocidental moderna deduzidas da sociologia durkheimiana e, desta forma, instituiu a tese do declínio social da imago paterna. Declínio cujas consequências subjetivas e psicopatológicas Lacan antecipa no encadeamento das neuroses ditas contemporâneas e no próprio surgimento da psicanálise no fim do século XIX.

O jovem Lacan lança mão de noções e teorias que dispõe para caracterizar a constituição psíquica em termos de um encadeamento sucessivo de três complexos, instaurando no inconsciente suas respectivas imagos, bem como os efeitos psicopatológicos decorrentes da estagnação em cada complexo. Estabelece um momento ontológico neste processo, um divisor de águas na estruturação subjetiva e de sua doutrina: o advento do estádio do espelho. Relê o complexo de Édipo, e suas formações principais, o ideal do eu e o supereu. No complexo de Édipo considera seu relativismo sociocultural como resultante do modelo familiar paternalista, para mais tarde o reler a partir das estruturas elementares de parentesco, pois na década de 50, Lacan atualiza seu programa de investigação científica com os estudos da antropologia estrutural de Lévi-Strauss e da linguística de Ferdinand de Saussure, marcando também o início de seu ensino e seminários.

O tema da psicopatologia perpassa toda a teorização do jovem Lacan, onde cada texto objeto desta pesquisa traz as incidências desta temática, seja no tocante à causalidade psíquica nas psicoses, seja referente às neuroses de transferência ou de caráter. Lacan se debruça sobre a problemática da psicopatologia contemporânea sem deixar de lado as questões acerca da clínica psicanalítica, do lugar da transferência e do analista.

Por fim, cabe destacar que suas interrogações sobre a gênese do eu e do sujeito eram vivas, pulsantes, se mesclaram a outros temas na busca por respostas, tais como: a agressividade, o sadismo/masiquismo, o transitivismo, o narcisismo. Em decorrência disso, o potencial teórico e polissêmico dos textos do jovem Lacan viabilizou uma leitura metapsicológica sobre a psicopatologia do autismo fundamentada no estádio do espelho. Leitura que destaca a complexidade e fecundidade deste *corpus* textual, extrapolando sua comum redução ao registro do imaginário, para se mostrar capaz de fundamentar teoricamente este fenômeno da infância contemporânea que atualmente convoca psicanalistas de crianças, profissionais da saúde e educadores a um diálogo e intercâmbio interdisciplinar constantes.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Luciana Carla Lopes de. **O autismo como invenção da psicopatologia moderna**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes. Departamento de Psicologia. Maceió, 2014.

BASTOS, Rogério Lustosa. **Psicanálise e pesquisa: ciência? Arte? Contraciência?**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: E-papers, 2009.

BERGÈS, Jean; BALBO, Gabriel. **Jogos de posições da mãe e da criança: ensaio sobre o transativismo**. Porto Alegre: CMC, 2002.

_____. **Psicose, autismo e falha cognitiva na criança**. Porto Alegre: CMC, 2003.

BERNARDINO, Leda Mariza Fischer. A abordagem psicanalítica do desenvolvimento infantil e suas vicissitudes. In: BERNARDINO, L. M. F. **O que a psicanálise pode ensinar sobre a criança, sujeito em constituição**. São Paulo: Escuta, 2006, p. 19-41.

CAMPOS, Érico Bruno Viana; COELHO JR., Nelson Ernesto. Incidências da hermenêutica para a metodologia da pesquisa teórica em psicanálise. **Estudos de psicologia**. v. 27, n. 2, p. 247-257, 2010.

CLAUDEL, Paul. **L'otage; Le pain dur et Le père humilié**, Paris, Gallimard, 1990.

DERRIDA, Jacques. **Gramatologia**. São Paulo: Perspectiva, 2008. (Trabalho originalmente publicado em 1967).

_____. **A escritura e a diferença**. São Paulo: Perspectiva. 1995. (Trabalho originalmente publicado em 1967).

_____. **A farmácia de Platão**. Trad. Rogério da Costa. São Paulo: Iluminuras, 2005. (Trabalho originalmente publicado em 1972).

_____. Carta a um amigo japonês. Trad. Érica Lima. In: OTTONI, P. (Org). **Tradução: a prática da diferença**. Campinas: Ed. Unicamp/Fapesp, 1998. (Trabalho originalmente publicado em 1985).

DURKHEIM, Émile. La famille conjugale. **Revue Philosophique**. Paris, n. XCI, 1921, pp. 2-14. Acessado em 18/01/2017 e disponível em:
http://classiques.uqac.ca/classiques/Durkheim_emile/textes_3/textes_3_2/famille_conjugale.pdf

- EIDELSZTEIN, Alfredo. **Otro Lacan: Estudio crítico sobre los fundamentos del psicoanálisis lacaniano**. 1ª ed. Buenos Aires: Letra Viva, 2015.
- FERNANDES, Andréa Hortélio. O caso Aimée e a causalidade psíquica. **Ágora**. Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, jul-dec, 2001.
- FEYERABEND, Paul. Consuelos para el especialista. In.: LAKATOS, I; MUSGRAVE, A. (eds.) **La crítica y el desarrollo del conocimiento**. Barcelona: Grijalbo, 1970, p. 345-389.
- FIGUEIREDO, Luís Cláudio. **Palavras cruzadas entre Freud e Ferenczi**. São Paulo: Escuta, 1999.
- FIGUEIREDO, Luís Cláudio; MINERBO, Marion. Pesquisa em psicanálise: algumas ideias e um exemplo. **Jornal de Psicanálise**. v. 39, n. 70, p. 257-278, 2006.
- FLUSSER, Vilém. **A escrita - há futuro para a escrita?** São Paulo: Annablume, 2010.
- FREUD, Sigmund. Totem e tabu. In: FREUD, S. **Obras completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, Vol. XIII. (Trabalho originalmente publicado em 1913-14).
- _____. Dois verbetes de enciclopédia. In: _____. **Obras completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Vol. XVIII. (Trabalho originalmente publicado em 1923[1922]).
- _____. O futuro de uma ilusão. In: _____. **Obras completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, Vol. XXI. (Trabalho originalmente publicado em 1927).
- GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. Pesquisa de tipo teórica. Psicanálise e Universidade - **Revista do Núcleo de Pesquisa em Psicanálise da Pós-graduação da PUC/SP**. 1º Encontro de Pesquisa Acadêmica em Psicanálise, realizado em 1991, São Paulo, n. 1., p. 9-32, fev, 1994.
- GUERRA, Andréa Máris Campos. Psicanálise e produção científica. In: NETO, F. K.; MOREIRA, J. O. (orgs). **Pesquisa em Psicanálise: transmissão na Universidade**. Barbacena MG: EdUEMG, 2010, p 130-145.
- HOUELLEBECK, Michel. **Plataforme**. Paris: Flammarion, 2001.
- IZCOVICH, Luis. A escolha das identificações 2011-2012. **Caderno de Stylus**. n. 4, p. 1-128, Nov, Rio de Janeiro: AFCL, 2016. Disponível em: https://issuu.com/epfclbrasil/docs/caderno_de_stylus_4_v4. Acesso em: 07 de Fev de 2017.
- JERUSALINSKY, Alfredo. **Para compreender a criança: chaves psicanalíticas**. São Paulo: Instituto Langage, 2011.

_____. **Psicanálise do autismo**. 2ª. Ed. São Paulo: Instituto Langage, 2012.

KANNER, Leo. Os distúrbios autísticos de contato afetivo. In: ROCHA, Paulina Schmidtbauer. (org.). **Autismos**. São Paulo: Editora Escuta, 2012.

LACAN, Jacques. **Da psicose paranoica em suas relações com a personalidade**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987. (Trabalho originalmente publicado em 1932).

_____. **Os complexos familiares na formação do indivíduo**: ensaio de análise de uma função em psicologia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2002. (Trabalho originalmente publicado em 1938).

_____. Formulações sobre a causalidade psíquica. In: _____. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998, p. 152-194. (Trabalho originalmente publicado em 1946).

_____. A agressividade em psicanálise. In: _____. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998, p. 104-126. (Trabalho originalmente publicado em 1948).

_____. O estágio do espelho como formador da função do eu tal como nos é revelada na experiência psicanalítica. In: _____. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998, p. 96-103. (Trabalho originalmente publicado em 1949).

_____. **O mito individual do neurótico**, ou, A poesia e verdade na neurose. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor, 2008. (Trabalho originalmente publicado em 1953).

_____. Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. In: _____. **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

LAKATOS, Imre. **La metodología de los programas de investigación científica**. Madrid: Alianza Universidad, 1989.

LANG, Charles Elias; BARBOSA, Juliana Falcão. Pode-se utilizar a desconstrução na pesquisa teórica em psicanálise? **Cadernos de Pesquisas Interdisciplinares em Ciências Humanas**, v. 13, n.102, 2012, p. 75-99.

_____. Ler, escrever, psicanalisar, desconstruir: delineamento para uma metodologia de leitura e pesquisa em psicanálise. In: LANG, C. E.; BERNARDES, J. de S.; RIBEIRO, M. A. T.; ZANOTTI, S. V. (orgs). **Metodologias**: pesquisas em saúde, clínica e práticas psicológicas. Maceió: EDUFAL, 2015, p. 119-142.

LAZNIK, Marie-Christine. **A voz da sereia**: o autismo e os impasses na constituição do sujeito. 3ª Ed. Salvador: Ágalma, 2013.

LEAL, Fernanda Andrade. **O pai ou a função paterna em Lacan de *A família***. Dissertação de Mestrado. Universidade Católica de Salvador. Superintendência de Pesquisa e Pós-graduação. Mestrado em Família na Sociedade Contemporânea, Salvador, BA, Brasil, 2010.

LEBRUN, Jean-Pierre. **Um mundo sem limite: ensaio para uma clínica psicanalítica do social**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2004.

_____. **O mal-estar na subjetivação**. Porto Alegre: CMC, 2010.

MELMAN, Charles. **O homem sem gravidade: gozar a qualquer preço**. Entrevistas por Jean-Pierre Lebrun. Rio de Janeiro: Cia de Freud, 2008.

MIJOLLA, A. de. **Dicionário internacional de psicanálise: conceitos, noções, biografias, obras, eventos, instituições**. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2005.

MILLER, J-A. (2005). Leitura crítica dos “Complexos familiares”, de Jacques Lacan. In: **Opção Lacaniana**, online. n. 42, v. 2.

NAVARRO, Patricio Rojas. El imaginario, narcisismo y agresividad en psicoanálisis: del joven Lacan a la violencia urbana. **Revista Affectio Societatis**. v. 8, n. 14, p. 2-17, jun, 2011.

NETO, José Borges. **Imre Lakatos e a Metodologia dos Programas de Investigação Científica**, 2008.

Disponível em: http://people.ufpr.br/~borges/publicacoes/para_download/Lakatos.pdf. Acesso em: 26 de Fev. de 2016.

PALOMBINI, Analice de Lima. **Fundamentos para uma crítica da epistemologia da psicanálise**. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Porto Alegre, RS, Brasil, 1996.

PASTRE, José Luiz. Crítica aos fundamentos da psicologia de Politzer: psicanálise e psicologia concreta. **Educação Temática Digital**, n. 8, p. 103-120, 2006. Disponível em: <http://nbn-resolving.de/urn:nbn:de:0168-ssoar-74004>. Acesso em: 07 de Fev de 2017.

PEDROSO JUNIOR, Neurivaldo Campos. Jacques Derrida e a desconstrução: uma introdução. **Encontros da Vista**, v. 01, p. 9-20, jan/jul, 2010.

PICHON, Édouard. La famille devant M. Lacan. **Revue Française de Psychanalyse**, vol. 11, n° 1, p. 107-149, 1939.

Disponível em: <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k1103926/f111.image.langFR>

POLITZER, Georges. **Crítica dos fundamentos da psicologia: a psicologia e a psicanálise**. Piracicaba: Editora UNIMEP, 1998. (Trabalho originalmente publicado em 1928).

ROUDINESCO, Elisabeth. **La batalla de cien años:** Historia del psicoanálisis em Francia Volume 2 (1940-1985). Madrid: Editorial Fundamentos, 1993.

_____. **Jacques Lacan:** esboço de uma vida, história de um sistema de pensamento. Tradução Paulo Neves. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

_____. **Jacques Lacan:** a despeito de tudo e de todos. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dicionário de Psicanálise.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

RUFFINO, Rodolpho. Em torno do conceito lacaniano de declínio social da imago paterna. In.: Colóquio de Psicanálise com crianças do Instituto Sedes Sapientiae. p. 159-198, 2014, São Paulo. **Anais do III Colóquio de Psicanálise com crianças: onde está o pai? Desafios da atualidade na clínica com crianças.**

Disponível em: http://www.sedes.org.br/Departamentos/Psicanalise_da_crianca/?p=1654
Acesso em: 07 fev 2017.

SILVEIRA, Viviane Fernandes. **Os sons de Nicole:** ensaio metapsicológico sobre a modulação da voz na situação psicanalítica de tratamento através da operação do transitivismo. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Psicologia. Curso de Pós-graduação em Psicologia do Desenvolvimento. Porto Alegre, RS, Brasil, 2003.

VASCONCELLOS, José Antônio. O que é desconstrução? **Revista de Filosofia.** Curitiba, v. 15 n.17, p. 73-78, jul./dez. 2003.

WALLON, Henri. **As origens do caráter da criança:** os prelúdios do sentimento de personalidade. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1971.

ZAFIROPOULOS, Markos. **Lacan y las ciencias sociales:** la declinación del padre (1938-1953). Buenos Aires: Nueva Visión, 2002.

_____. **Lacan y Lévi-Strauss o el retorno a Freud:** (1951-1957). Buenos Aires: Manantial, 2015.